This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

VII

BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

T. VII

RIO DE JANEIRO
EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT
MERCADORES DE LIVROS
1848

PARNASO BRAZILEIRO

OU

SELECÇÃO DE POESIAS

DOS MELHORES POETAS BRAZILEIROS

DESDE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

PRECEDIDA DE

UMA INTRODUCÇÃO HISTORICA E BIOGRAPHICA

SOBRE A LITTERATURA BRAZILEIRA

POR

J. M. P. da Silva

TOMO II

SECULO XIX

RIO DE JANEIRO

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

RUA DA QUITANDA N. 77

1848

SAL 9060.6.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

TYPOGR. UNIVERSAL DE LAEMMERT, RUA DO LAVRADIO, 53.

A QUEM LÊR.

Cinco annos são decorridos depois que publicámos o *primeiro volume* do Parnaso Brazileiro. Comprehendia elle uma selecção das poesias dos autores Brasileiros desde os primeiros tempos do descobrimento do Brasil até os fins do seculo decimo oitavo. Compromettemo-nos para com o Publico a dar-lhe um *segundo volume*, que comprehendesse as poesias do seculo decimo nono, si fosse nossa empreza animada pelo seu suffragio.

O successo do *primeiro volume*, muito superior á nossa expectação, obriga-nos a realisar a nossa promessa.

Contém este segundo volume as poesias dos autores contemporaneos; — uns já não

existem; outros porém vivem ainda; — algumas poesias já foram impressas; outras são ineditas.

Não comprehende este *segundo volume* tudo o que a Musa Brazileira do seculo decimo nono tem inspirado aos Brasileiros; muita cousa ha, e deve de haver, que mereceria ser incluida nelle; nem tudo porém póde ir conjunctamente; mesmo, cumpre dize-lo, nem tudo póde conhecer ainda o mais curioso e perseverante trabalhador.

É cedo, no entretanto, muito cedo, para se analysar, e devidamente apreciar as obras dos homens que comnosco vivem; o jury, que os tem de julgar, não foi nem póde por ora ser organisado, que as relações, as sympathias, as feições dos partidos politicos, e os interesses dão côr diversa ás composições que em nossa quadra apparecem: mais ou menos porém, despindo-nos dos prejuizos que nos cercam, e sem especificar detalhadamente censuras ou elogios, podemos affoitamente dizer que as de-

liciosas lyras do marquez de Paranaguá (1), os bellos canticos de José Eloy Ottoni (2), os enthusiasticos arroubos de José Bonifacio de Andrada e Silva (3), e de Luiz Paulino Pinto da França (4), as endeixas engraça-

(1) O marquez de Paranaguá Francisco Vilella Barbosa, nasceu no Rio de Janeiro em 1775; ensinou mathematicas na universidade de Coimbra, e foi um dos mais illustrados lentes da antiga metropoli; foi senador do imperio, conselheiro de estado, uma das primeiras notabilidades politicas e litterarias do Brazil pelas suas luzes e serviços; falleceu em 1846 no Rio de Janeiro.

(2) Nasceu no Serro, provincia de Minas Geraes, em 1764.

(3) Nasceu em Santos, provincia de S. Paulo, em 1763: falleceu no Rio de Janeiro em 1838. Foi um dos mais prestantes Brazileiros da época da independencia: occupou os primeiros cargos do imperio; foi tutor do Sr. D. Pedro II: grande naturalista e litterato, e uma das glorias emfim do Brazil e de Portugal.

(4) Nasceu na Bahia em 1767, falleceu em Lisboa em 1826, no serviço portuguez, como marechal do exercito: valente guerreiro, e litterato instruido.

das do visconde da Pedra Branca (5), os versos castigados de Januario da Cunha Barboza (6), os melancolicos suspiros de Antonio Gonçalves Dias (7), e os vôos espaçosos de Domingos José Gonçalves de Magalhães (8), contém bellezas de ordem muito subida, e que, emquanto houver gosto, hão de ser admiradas.

E em roda destes uma pleyada de brilhantes talentos (9), de jovens esperanço-

---

(5) O visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, nasceu na Bahia em 1776; tem occupado cargos importantes, e é senador do imperio.

(6) Nasceu no Rio de Janeiro em 1780; conego da capella imperial; prestou importantissimos serviços á independencia do Brazil, e foi um dos seus mais instruidos litteratos; falleceu no Rio de Janeiro em 1846.

(7) Nasceu no Maranhão.

(8) Nascido no Rio de Janeiro em 1809.

(9) Os senadores Manoel Alves Branco e Paulo José de Mello, da Bahia, e João Evangelista de Faria Lobato, de Minas Geraes, já fallecido; os conselheiros Joaquim Gonçalves Ledo, já fallecido,

sos (10), gyra alegre e buliçosa, ora revolvendo lendas do primeiro tempo da con-

---

e Paulino José Soares de Souza, do Rio de Janeiro; Manoel Odorico Mendes e Joaquim José Sabino, do Maranhão; Rodrigo de Souza da Silva Pontes, da Bahia; Antonio Peregrino Maciel Monteiro e José da Natividade Saldanha, de Pernambuco; Frey Rodrigo de S. José, de Minas; e outros poetas distinctos, cujos nomes omittimos por falta de espaço.

(10) João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, e Ladisláu dos Santos Titára, da Bahia; os bachareis Firmino Rodrigues da Silva, Joaquim José Teixeira, José Maria do Amaral, Francisco Octaviano da Silva Rosa e Francisco José Pinheiro Guimarães, do Rio de Janeiro; o bacharel Antonio Augusto de Queiroga, de Minas Geraes; o distincto artista Manoel de Araujo Porto Alegre, do Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul; Joaquim Norberto da Silva e Souza e seu irmão, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Francisco Manoel de Macedo, A. F. Dutra e Mello (*), e outros jovens de immenso futuro, que ahi andam por essas provincias do imperio, infelizmente tão destacados da sua capital!

(*) Este bello engenho expirou na sua flôr em 1846.

quista Brazilica, ora tecendo corôas ao patriotismo e á liberdade, ora carpindo dôres, e pintando angustias do coração no centro desta terra, que é bella entre as bellas, sob esta abobada celeste, que é o pensamento mais grandioso de Deus, em presença desta natureza, que é superior a todas as concepções.

O Parnaso Brazileiro tende a grandes e nobres fins—rehabilitar obras já esquecidas —lembrar nomes que illustraram seu paiz —dar emulação aos poetas modernos, para deslisarem seus vôos magestosos, na certeza de que serão ouvidas suas vozes, e applaudidos seus esforços —chamar emfim o gosto e a attenção dos Brazileiros para a litteratura do seu paiz.

Alcança-lo-hemos?

Rio de Janeiro, 1.° de Janeiro de 1848.

NOVO

PARNASO BRASILEIRO

José Bonifacio de Andrade e Silva.

ODE I.

O Poeta desterrado.

O' Lyra Brasileira, que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glorias;
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo:
Nem cantas os trophéos da patria amada
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo; ou temperada agora
Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

Ah! não dígas, ó Zoilo, mal do vate,
Se procurando lenitivo á magoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propicio nume
Senão a Venus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
É tambem de Narcinda a santa causa:
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito
De dôr e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda,
Ella com suspiros accompanha:
São sorrisos da lua, que embellece,
Da negra noite o manto.

Não do regato o placido susurro,
Nem o travesso zephyro, que esperta
Do lethargo da sombra a flôr cheirosa,
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
Pelas gottas de maio rociada;
Assim do teu dilecto olhos e peito
Arrebatas sorrindo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio;
Pois no meio do sonho dos amores,
Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nasceo o vate:
Em ditosos dias chammejava
Sua alma ardente, do heroismo cheia,
Quando uma patria tinha!

A corda que sicia docemente
Sobre a doirada lyra malfadada,
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida setta:

Os labios, que ora movem molles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria!
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brasil, hoje emmudece
Entre grilhões e mortes!

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se aos lares seus não volta acicalado,
Subito ferro afogaria o grito,
Que pela patria erguesse.

Alli da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restam, fugidios
Vivem inglorios; pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que abra o Brasil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
E calca aos pés o merito e virtude,
Uma lagrima se quer não vos arranca
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!
A táça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da Cisplatina plaga.

Suspirai pelo céo, morrei no inferno
—Contentes, paz e gloria de vós fujam
Como as aguas de Tantalo fugiam
No Tartaro dos Gregos.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate
Si a Paphia deusa algum consolo pede
Si a aguda dôr, que pela Patria sente,
Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago só penetre as trevas,
Que o seu Brasil envolvem, n'esse instante
Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra — então com nova murta
Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, si nutrido
Entre perigos foi! Si denodado
Da morte os brados retorbar ouvira
Com não-mudado rosto!

Que um Trasybulo novo se levante
C'um punhado de Heróes, a tyrannia
No ensanguentado throno já nutante
Cahirá aos pés exangue.

Mas emquanto o Brasil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,
Repita ao menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Da dôr profunda, que a seu vate opprime,
Extranhos se condoam; e os suspiros
Da lyra, que através dos mares voam,
Façam chorar a patria.

Adeus, ó lyra; basta: já se embruscam
Cada vez mais os ares:—sombra espessa
Involve em torno a placida ramada,
Em que teu vate geme.

Fica pois suspendida d'alto cachopo:
Nem mais afflicta mão as cordas fira:
Ao murmurio da fonte só responde;
Os zefiros te movam;

Aos apartados echos da collina
Muda teus sons; e do pastor a gaita
Fremito doce em ti sómente excite,
Ou zunidoura abelha.

Adeus emfim, adeus, lyra piedosa!
Ah! quantas vezes o teu pobre vate
Ameigava comtigo a dôr profunda
Em desveladas noites!

Si tantos males supportou constante,
A ti o deve, ó Lyra—já não pódes
Ora mais consolar dobradas magoas:
Adeus, em paz descansa!

ODE II.

Os Gregos.

O' Musa do Brasil, tempera a Lyra,
Dirige o canto meu, vem inspirar-me:
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno!

Se commigo choraste os negros males,
Que a saudosa cara Patria opprimem,
Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te séquem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
Politica malvada a Grecia vende;
As bandeiras da Cruz, da Liberdade,
Farpadas inda ondeam.

As baionetas, que os servis amestram,
Carnagem, fogo, não assustem peitos,
Que amam a Liberdade, amam a patria,
E de Helenos se presam.

Como as gottas da chuva o sangue ensópa
Arido pó de campos devastados:
Como do funeral lugubre sino,
Gemidos mil retumbam.

Creancinhas, matronas, virgens puras,
Que á apostasia, que á deshonra vota
O feroz Moslemim, filho do inferno,
Como martyres morrem.

E consentis, oh Deos! que os tristes filhos
Da redemptora Cruz, Arabes, Turcos,
Exterminem do sólo antigo e santo
Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miseros combatem;
Contra barbaros Cruz, honra e justiça. —
A Europa geme: só tyrannos frios
Com taes horrores folgam.

Rivalidades, ambição, temores,
Sujo interesse a inerte espada prendem;
E o sangue de Christãos, que lagos fórma,
Hum ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mas com tigo
Murcharão de Albion honra e renome:
O sordido egoismo, que a devóra,
É já do mundo espanto!

Não desmaies porém, a Divindade
Roborará teu braço; e na memoria
Gravará para exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os mirrados ossos já se animam
De Mélciades; já da campa fria
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo
Para acordar os netos.

Helenos, brada, ó vós, próle divina,
Basta de escravidão; não mais opprobrios!
É tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

Se arrazastes de Troia os altos muros
Para o crime punir, que amor causara,
Então porque soffreis ha largos annos
Estupros e adulterios?

Foram assento e berço ás doutas Musas
O sagrado Helicón, Parnazo e Pindo:
Moral, Sabedoria, Humanidade
Fez vecejar a Lyra.

Ante Helenicas proas se acamava
Enxino, Egéo — e mil colonias iam
Levar artes e leis ás rudes plagas
E da Libya e da Europa.

Um punhado de Heróes então podia
Tingir de sangue Persa o vasto Ponto;
Montões de corpos inda palpitantes
Estrumavam os campos.

Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso Céo, e o vosso solo?
E não são inda os mesmos estes montes,
Estes mares e portos?

Si Sparta ambiciosa, Athenas, Thebas,
O fratricida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo á Roma.

E si de Constantino a infame prole
Do fanatismo cego, não houvera
Angaçado o punhal, ah! nunca as Luas
Tremularam ufanas.

Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes brutal escrava —
Em a esquerda o Korão, na dextra a espada,
Barbarie prega o Turco.

Assaz sorveste já milhões de insultos:
Já longa escravidão pagou teus crimes;
O Céo tem perdoado. —Eia, já cumpre
Ser Helenos, ser homens.

Eia, Gregos, jurai, mostrai ao mundo
Que sois dignos de ser quaes fostes antes:
Eia, morrei de todo, ou sêde livres; —
Assim fallou, — callou-se.

E qual ligeira nevoa sacudida
Pelo tufão do Norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada—
Ou liberdade ou morte! —

ODE III.

Os Bahianos.

Altiva Musa, ó tu, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo;
Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos:

Ambição de poder, orgulho, e fasto,
Que os servis amam tanto, nunca, ó Musa,
Accenderam teu estro — a só virtude
Soube inspirar louvores.

Na abobada do templo da Memoria
Nunca comprados cantos retumbaram
Ah! vem, ó Musa — vem — na lyra d'ouro
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna! Despresivel
Mais que essas almas vis, que a ti se humilham,
Prosterne-se a teus pés o Brasil todo,
Eu, nem curvo o joelho.

Beijem o pé, que esmaga, a mão, que açoita
Escravos nados, sem saber, sem brio;
Que o barbaro Tapuya deslumbrado
O deus do mal adora.

Não — reduzir-me a pó, roubar-me tudo,
Porém nunca aviltar-me, póde o fado;
Quem a morte não teme, nada teme —
Eu n'isto só confio.

Inchado de poder, de orgulho, e sanha,
Treme o visir, si o grão senhor carrega
Porque mal digerio, sobrolho iroso,
Ou mal dormio a sesta.

Embora nos degráos de excelso throno
Rasteje a lesma, para ver si abate
A virtude, que odia — a mim me alenta
Do que valho a certeza.

E vós tambem, Bahianos, desprezastes
Ameaças, carinhos — desfizestes
As cabalas, que perfidos urdiram
Inda no meu desterro.

Duas vezes, Bahianos, me escolhestes
Para a voz levantar a pró da Patria,
Na Assembléa geral; mas duas vezes
Foram baldados votos.

Porém emquanto me animar o peito
Este sopro de vida, que inda dura,
O nome da Bahia, agradecido,
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade, e a independencia,
Da dôce cara patria, a quem o Luso
Opprimia sem dó, com riso e mofa.
—Eis o meu crime todo.

Cingida a fronte de sanguentos louros,
Horror jamais inspirará meu nome,
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos,
Meu nome acabe — para sempre acabe,
Si para o libertar do eterno olvido
Forem precisos crimes.

Morrerei no desterro em terra estranha,
— Que no Brasil só vis escravos medram —
Para mim o Brasil não é mais patria,
Pois faltou a justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei—sonhei outr'ora,
Poderia entre vós morrer contente,
Mas não—monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave,
Para o acrio vôo, e de mil flores
Roubar aromas, e brincar travessa
Co' o tremulo raminho.

Oh! paiz sem igual, paiz mimoso,
Si habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobrecem,
Dos homens a existencia!

De estranha emulação acceso o peito,
Lá me ia formando a fantasia.
Projectos mil para vencer mil ocio,
Para criar prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados,
Um novo Eden fariam.

Doces visões! fugi, — ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra!
Já vejo o genio da certeira morte
Ir afiando a foice!

Gallicana donzella, lacrymosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulchro a tosca loisa
Só cobrirá de flores.

Que o Brasil inclemente, ingrato, ou fraco.
A's minhas cinzas um buraco nega:
Talvez tempo virá que ainda pranteie
Por mim com dôr pungente.

Exulta, velha Europa! O novo imperio,
Obra prima do Céo, por fado impio
Não será mais o teu rival altivo
Em commercio e marinha.

Aquelle, que gigante ainda no berço
Se mostrava ás nações, no berço mesmo
É já cadaver de crueis harpyas,
De malfazejas furias.

Como ó Deus? Que portento! A Urania Venus
Ante mim se appresenta? Riso meigo
Banha-lhe a linda bocca, que escurece
Fino coral nas côres.

«—Eu consultei os fados, que não mentem.
—Assim lhe falla piedosa a deusa—
Das trevas surgirá sereno dia
Para ti, para a patria.

O constante varão, que ama a virtude,
Co' os berros da borrasca não se assusta;
Nem como folha d'alamo fremente
Treme á face dos males.

Escapaste a cachopos mil occultos,
Em que ha de naufragar, como té agora,
Tanto aulico perverso — Em França, amigo,
Foi teu desterro um porto.

Os teus Bahianos nobres, e briosos,
Gratos seráõ a quem lhes deu soccorro.
Contra o barbaro Luso, e a liberdade
Metteu no solo escravo.

Ha-de emfim essa gente generosa
As trevas dissipar, salvar o imperio,
Por elles liberdade, paz, justiça,
Serão nervos do estado.

Qual a palmeira, que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa;
Tal bem presto ha de ser no mundo novo
O Brasil bem fadado.

Em vão de paixões vis crusados ramos
Tentaráõ impedir do Sol os raios —
A luz vai penetrando a copa opáca;
O chão brotará flôres — »

Calou-se então, voou, e as soltas transas
Em torno espalham mil sabéos perfumes,
E os zephyros as azas adejando
Vasam dos ares rosas.

ODE IV.

A Virtude.

Não os que enchendo vão pomposos nomes
Da adulação a boca;
Nem canto Tigres, nem ensino a Feras
As garras afiar, e o agudo dente:
Minha musa orgulhosa
Nunca aprendeo a envernisar horrores.

Genio da inculta Patria, se me inspiras
Acceso estro divino,
Os porfidos luzentes não mo roubão,
Nem ferrugentas malhas, que deixaram
Velhos avós cruentos:
Canto a virtude quando as cordas firo.

Graças ás nove Irmãas! meus livres cantos
São filhos meus e seus.
A lauta meza de baixela d'ouro,
Onde fumegam siculos manjares,
Do vulgo vil negaça,
Mal comprados louvores não me arranca.

Divina Poesia, os alvos dias,
Em que pura reinavas,
Já fugiram de nós. — Opacas nuvens

De fumo os horisontes abafando,
A luz serena offuscam,
Que sobre o velho mundo derramáras.

A' sede d'ouro, e á vil cobiça dados
Os filhos teus (ingratos)!
Nas niveas roupas tuas aljofradas
Mil negras nodoas sem remorso imprimem
Mascarada lisonja,
Fome, baixeza hymnos venaes dictam.

Então que densos bosques e cavernas
Os homens açoutavam,
Pela musica e dansa acompanhada
Benefica Poesia a voz alçando,
Do ocio da mãe Terra
Nascentes muros levantar fazia!

Então pulsando o Vate as cordas d'ouro,
A populosa Thebas
Altiva a frente ergueo, ao som da lyra,
E os horridos costumes abrandando
A sentir novos gozos
Aprende a feroz gente, bruta e cega.

Assim Orpheo, se a doce voz soltava,
Os Euros suspendidos,
O rio quedo as rochas attrahia:

E os raivosos leões e os ursos feros
Manso e manso chegavam
A escutar de mais perto o som divino.

O selvagem que então paixões pintava
Com uivos e com roncos
Pelas gentis Camenas amestrado
Os ouvidos deleita, a lingua enriça,
E com sonoro metro
Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira
Da Paphia Deusa inveja,
Os olhos côr do céo, vermelha a face,
O peito faz sentir que não sentia!
Assim musas divinas
Corações bronzeados ameigavam.

Entre os frios Bretões, e os Celtas duros
Reinavam as Camenas.
De pó, de sangue, de ignominia cheios
Mostra os vencidos Ossian á patria;
E a frente coroando,
Canta os triumphos, canta a propria gloria.

Qual das aves a magica harmonia,
Que a primavera canta,
Assim teus feitos, grandes e sublimes,

No dia da victoria, Herculeo Fingal,
Teus Bardos celebravam,
E a testa sobrançuda desfranzias.

Soberbos templos teve, teve altares
Na Grecia a Poesia
Genios brilhantes! seus antigos Vates
Os sociaveis nós, uteis e doces,
Humanos apertaram:
Simples, e poucas, sabias leis fizeram.

A frente levantar não se atrevia
O fanatismo ferreo;
Co' a gotejante espada dos altares
Arrancado vermelho sangue quente,
Que lagos mil formára,
Dos proprios filhos não vertia a Terra.

Nem absurda calumnia perseguia
A razão e a virtude...
Se a Terra via, via heroicos crimes.
Tu, monstro horrendo, horrendo Despotismo,
Ah! sobre ti cahiram
Accesos raios, que na mão trazias!

Maldição sobre ti, monstro execrando,
Que a humanidade aviltas!
Possam em novos mares, novas terras,

Por Britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestigios,
Os filhos acoitar da Liberdade!

Então a fome de ouro, mãe de crimes,
Negra filha do Inferno!
Não tinha o braço matador armado
Do tyranno Europeo. — A Africa adusta,
E a doce Patria minha,
Seus versos innocentes entoavam.

Vós lhes dictaveis, Heliconias Deusas,
Ternos versos chorosos
Do doce amigo morto á sombra auzente!
Outras vezes as vozes levantando,
A gloria dos Heroes
Em choréas energicas cantavam.

Então nascendo altiloqua Epopea
Celebra os semi-deuses:
Tal da Grecia recente em alvos dias,
A trombeta embocando sonorosa.
Fez ver a luz Homero,
Que depois imitaste, Augusta Roma!

Não mil estatuas de fundido bronze,
Nem marmores de Paros
Vençem as iras de Saturno idoso:

Arrazão-se pyramides soberbas,
Subterram-se obeliscos,
Resta uma Iliada, e uma Eneida resta!

Qual rouca rãa nos charcos, não pretendam
De mim vendidos cantos
Se a Cythara divina me emprestaram
As Filhas da Memoria, altivo e ledo,
A virtude cantando
Entre os Vates tambem terei assento.

ODE V.

A Amizade.

De novo, ó Musa, as azas empennemos:
Firam-se as aureas cordas
Da lyra abandonada:
Os frescos valles do sagrado Pindo
Mais esta vez trilhemos.

Novo Alcides a clava sopesando,
As hydras, as quimeras
Caiam aos pés exangues;
A soberba enrugada, a vil mentira,
E tu, lisonja astuta!

Musa, filha do Céo! que esp'rito accesso
Me allumia a mente?
Não é furor fingido,
Nem são inspirações da velha Delphos,
É da amizade o estro!

Já desce lá do Empireo a sã verdade;
Fujam, profanos, fujam!
Aquelles, que sentiram
Uma vez da amizade os meigos laços,
Venham ouvir meu canto.

Não em dourados tectos levantado
De marmoreo palacio,
Ou doricas arcadas,
Que sustentam as salas magestosas,
Mora a virtude sancta.

Oh! doce paz! sagrada liberdade!
Unicos bens do sabio!
Os idolos da terra
Não vos conhecem. — Vós dormis tranquillos
No seio da amizade.

Emquanto na esquentada fantasia
Creando occos fantasmas
Freneticos humanos
Suspiram por privanças e quimeras,
Que os sustos envenenam.

Nos campos innocentes, onde brinca
Zephiro prasenteiro,
O sabio solitario
Ri d'esses doudos, ri do velho mundo
Com o discreto amigo.

Si sisuda tristeza lhe bafeja
Com halito empestado,
Beijando a cára amada,
Em quem moram Cupidos cento e cento,
Inveja faz aos deuses.

E lá quando do negro throno estende
O plumbeo sceptro a noite
Sobre o cansado globo,
Sentado c'o amigo á parca meza,
Conversa ledamente.

Umas vezes sondando altos mysterios,
Vedados á vil turba,
Deixando o pezo inerte,
Nada no espaço immenso, os globos peza,
Milhões de sóes encara!

Outras vezes baixando á humilde terra
Comtempla a natureza:
As douradas espigas,
Que os prados vestem de formosas ceifas
Observa e se enternece.

Tu, Leibnitz immortal, tu, grande Newton
A razão lhe vigoras!
E incredulo admira
Os vastos turbilhões, partos sublimes
Do creador Descartes.

Loke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire,
Virgilio, Pope, Homero,
Camões, o padre Horacio,
Repartem os seus dias venturosos
Co' a candida amizade.

Assim, meu bom Philinto, cáro amigo,
Com teu amigo Elisio
Possas viver teus dias!
E deixa que casquilhos repimpados
Namorem senhoritas.

ODE VI.

A Natureza.

Vós me nutris os ternos pensamentos
Quando á sombra das arvores copadas,
Sombrios valles frescos,
A redea inteira solto á fantasia!

De belleza em belleza divagando
Sofrega a mente se me vai nos olhos...
Depois meiga saudade
Manso e manso do peito se apodera...
Tudo o que vejo então me pinta Eulina.

Eis aquella violeta, que goteja
Das folhas frio orvalho,
Os olhinhos de Eulina maviosos,
Cheios de mil amores, mil feitiços,
Me pinta lagrimosos;
Quando ella dos meus brincos se agastava,
Os recentes jasmins vivo debuxam
Os dentinhos de Eulina que sorria
Aos humildes meus rogos...
Então as niveas faces delicadas
Se com os beiços meus os seus tocava,
Sorrindo pudibunda...
Ah! que eram duas rosas orvalhadas!
E ha quem possa, ó minha Eulina, ver-te,
Inda que seja um marmore,
Sem palpitar-lhe o coração no peito?
Por mim o digam, cára,
Se te vejo, as entranhas se me embebem
De insolito alvoroço;
O sangue ferve em borbotões nas veias;
Sou todo lume, fico todo amores!
E ainda se enfada a crúa,
Se lhe digo a verdade?

Veja-se áquella fonte. Solte o riso,
Que me rouba a mim mesmo,
Verá sorrir com ella a natureza!
Insoffrido esquadrão de alados beijos,
Em torno de teus beiços revoando,
Delles, Eulina, vida estão tirando
Labios da minha Eulina
Labios, favos de mel, mas venenosos!
De vós depende dos mortaes a dita,
Se meigos vos abris... ah! nunca irosos!
Desentrançadas as madeixas de oiro,
Que ondeam sobre o collo cristallino,
Meneando com graça o corpo airoso,
Inda mais bella que as Napeas bellas,
Quando as arestas do ondejante trigo,
No folguedo nocturno,
Em rapida carreira apenas tocam!
C'os olhos côr do Céo branda e serena,
Aqui de manhã vinha, aqui folgava
Conversar ás singellas da natura!...
Parece que a estou vendo
Qual Zephyrinho meigo
Que as espigas açoita levemente;
Assim lhe vai tremendo o eburneo collo,
Assim os lacteos pomos buliçosos,
Brinco dos Cupidinhos
Docemente vacillam,
Quando entre as flôres, nova flôr passea!
Eulina, Eulina minha!

Ah! não vendas tão cára a formosura,
Se a natureza a deo, deo-a para dar-se.
O peito ás leis de amor não encrueças:
Quem dura lhe resiste
Vai contra o Céo, a natureza offende.

Sim, crê-me, ó cára Eulina,
Tudo o que sente, tudo o que respira,
Tudo o que do almo sol calor recebe,
Reconhece de Amor supremo mando.

Se a natureza
Te fez tão bella,
Porque és cruel?
Aprende della;
Sê-lhe fiel.
Eulina amada,
Se tens um peito,
Enche-o de ardor,
Verás que effeito
Produz Amor!

Francisco Vilella Barboza,

MARQUEZ DE PARANAGUÁ.

CANTATA.

A Primavera.

Lá onde em tuas margens, patrio rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte,
E de teus crystaes bebe a onda pura,
(Meta àntiga do Sol, centro hoje de Outro,
Cujo lucido Imperio abrange os pólos)
Com providente mão a Natureza
O asylo preparou da Primavera.
Alli não murcha a rosa: alli os troncos
De flôres sempre novas se ataviam.
Alli (em quanto as negras tempestades
Sobre as azas de Boreas carrancudo
Arripiam do Inverno a hirsuta grenha,
Nos Céos rola o trovão, cae o diluvio,
E do Septentrião alaga as plagas)
Se acolhe a Deusa com as Graças todas:
Mas apenas viçosa a amendoeira
Dá signal de acordar ás nuas plantas,

No pressuroso carro Phebo a toma:
D'alli volta com elle alegre e rindo.
Quão doce é vêl-a então com mão curiosa
Toucar a densa coma do arvoredo,
E sobre o verde dos macios valles
Desdobrar a cheirosa bordadura,
Em que arte e mimo dispendêra Flora!
Quão doce é vêl-a do sanhudo Inverno
Triumphante correr em roseo carro
Os tapisados campos! vão ante ella
Os capripedes Satyros dançando:
Fazem-lhe côrte as Graças prazenteiras:
Namorados de vêl-a os bosques cantam:
Os arbustos, os platanos florescem
Com seu halito doce perfumados:
E os virgineos botões, abrindo os labios,
Com pudibundo riso se franqueam
Ao pranto creador da madre Aurora.

Cantai, ó Pastoras,
A Deusa da selva,
Que veste de relva
As vossas campinas,
E os valles matisa
De soltas boninas.

E tu, que a natureza estudas e amas,
Andrada, escuta o canto: ser-te-hão gratos
Os sons da patria Musa, e o nobre assumpto.

Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos,
E no peito a virtude, ella te acena,
E te convida para os floreos valles
A saudar as matutinas graças
Da formosa stação, Aurora do anno.
Venturoso o mortal, que comtemplal-a
Póde longe da côrte strepitosa,
E se apraz de trocar os aureos tectos
Pelos verdes docéis da umbrosa selva!
Das symetricas praças abhorrido,
Corre estas veigas placidas, sem ordem,
Habitadas da franca singeleza.
Das flôres pelo calice orvalhado
Do tranquillo prazer o nectar gosta:
E si adornado de virentes folhas
No curvo ramo amadurece o ouro;
Encetado sem crime, então lhe deixa,
A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto spectaculo se ostenta!
Eis das moças Titães a Primogenia,
Que do primeiro Sol dourára o berço,
E o fulgido Oriente assignalára
Com acceso rubim sobre o horisonte!
De brincado lavor vistosas galas
Trajam os Céos; e os campos a esmeralda;
E as montanhas de perolas se toucam.

Taes do Eden os jardins se nos pintaram,
Que a innocencia inflorou, murchou a culpa:
De cujos restos sempre preciosos
Saudosa a natureza, de anno a anno,
Com pincel immortal reforma o quadro;
Não de teus camarins, mortal vaidoso,
Para ornar as paredes ociosas:
No Sanctuario está da Natureza,
E mui longe de vós, homens vulgares,
Para quem sobre os valles esmaltados
Não tem côr a tulipa; ou cheiro a rosa.

Salve pois, stação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Já dos igneos horisontes
Desce á terra alma scentelha:
Sobre as fontes
Já se espelha
O verdejante pomar.

Já não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades:
Nem tão pouco
Tempestades
Sobre a costa ouço roncar.

Já co' os sóccos quebra a neve
O corado Lavrador:
Já se atreve
Sem pavor
A seus campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta a amor; mas sem apego:
Descrevendo
Torto rego,
Que hade breve semear.

Rejeitando o tojo bravo,
Tenros prados tosa a ovelha:
Vai o favo
Loura abelha
Fabricando a susurrar.

Cobre povo de mil flôres
Todo o valle, e monte agreste:
Traja as côres,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve pois, stação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Mas que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quão formosa manhã corôa os montes!
Espargindo ouro e lirios se annuncia
O Rei dos Astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a Primavera!
Soa nos bosques emplumada orchestra:
Ardem aromas sobre o altar de Flora:
E adora ao Sol alvoraçada a Terra!
O' tu, fonte de luz! Alma do mundo,
Principio omniparente e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro stações gyram perennes,
Sentado no teu solio de diamantes,
Os meus hymnos protege, agora que alto
Lá do animal lanigero celeste
Ambos os pólos vês equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trévas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas nações, que te incensaram!
Recebendo de ti alento e vida,
Gratidão lhes dictou canticos sacros:
Levantaram-te altar teus beneficios.

Louvai pois, viventes,
O lucido Nume,
Que próvido lume
Reparte entre os entes:

E o frouxo embrião
Na madre profunda
Anima e fecunda
Da terrea extensão.

Já no arctico pólo
Com jasmins e ouro
Do celeste Touro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso peso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil Moça,
Com graças remoça,
E folga na sphera.

Depois ledo mora
Co' os Lumes irmãos,
E os fructos louçãos
Nos ramos colora.

Para elles copeia
Da tenra Donzella
A côr da tez bella,
Que o pejo afogueia.

Mas eis a tarde de primores rica!
Em mimos co' a manhã rivalisando,
Da creadora stação varia o ornato,
Com diversos paineis vestindo o Templo.
Seguida dos Favonios innocentes
Desce do Phebeo carro, e a par co' a Deusa
Em floridos vergeis passêa e brinca.
A amizade a entretém, amor a encanta.
Aqui tece grinaldas; lá sem ordem
Labyrinthos enreda, enlêa sombras:
Entre o myrto cheiroso, o arroio escuta,
E em cochins de verdura afaga os somnos.
Engolfada em taes lidas não recêa
A paz da natureza ver turbada....
Quando do occaso subito negrume
Surge; e sobre o horisonte a nevoa pousa.
Do Inverno fugitivo austro junctando
Os dispersos destroços, a reforça:
Cresce, as azas estende, avulta e voa.
É cerrado esquadrão de feias nuvens:
Cobre parte dos Céos: feroz ameaça
Disputar do hemispherio a posse á Deusa.
Ai dos encantos seus! Quem os defende?
Dá signal o Trovão: começa a lucta.
Quanto me agrada ver estes combates!
Tudo é bello nos Céos, té seus furores:
Inda entre elles reluz da Deusa a imagem!
Em seu auxilio Phebo acode prompto:
Ardente setta rapido dardeja,

Que o seio rasga da assombrosa treva.
Dissipa-se a tormenta: as nuvens fogem,
Dando em tributo aljofares á terra.
Venceu a Deusa emfim, e a luz resurge!
Como é mimosa então a natureza
Co' a bocca em riso, e as faces orvalhadas!
Tal a Donzella, que travesso amante
Em amorosos brincos magoára:
Chora e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe n'alma divinaes delicias!
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O Sol lhe doura a pompa: as flôres se erguem
Adornadas de liquidos diamantes:
De enfeitar-lhe a corôa cubiçosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa ramagem se esconderam,
Harmonioso bando os ares cruza,
Celebrando a Victoria, a Paz e a Deusa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frautas nos sons
Com hymnos
Divinos
Decantam os dons.

E tu, Eco, as phrases,
Que escutas,
Ás grutas
Ensinas loquazes.

Nas azas então
Os ventos
Attentos
Suspensos estão.

Porém já lança languido surriso
Phebo sobre os outeiros empinados.
Augusta sombra a natureza involve,
E dôce luz a escuridão pratêa.
Eis no theatro da noite a scena posta,
E nocturnos festins tecendo encantos.
Seus mysterios então amor celebra.
Do ethereo pavilhão se estende o panno
Bordado da mais rica pedraria.
Do centro pende do soberbo tecto
Argenteo lustre, que illumina a scena.
Eu vos saûdo, ó noite, ó lua, ó astros,
Que da quadra gentil sois ornamento!
Nos festejos co' a terra o Céo compete,
E fulgores disputa a noite ao dia.
Em aureo e vasto circulo os Planetas
Formam attentos nitido cortejo,
A' formosa stação reconhecidos:
N'ella o primevo impulso receberam,

Quando do mundo na mimosa infancia,
As prescriptas carreiras ensaiando,
Pela abobada azul promptos rodaram.
Veneranda memoria, anciã, sagrada,
Que repetem fieis á voz do Eterno!

Fervem mil lumes
No Céo sereno,
Que ao brilho ameno
Fazem ciumes
Do verde prado,
Tambem bordado
De seus fulgores:
São estrellas no Céo, no campo flôres.

Ventos mais doces sobre as crespas vagas,
Sobre as verdes searas se derramam,
As perfumadas azas estendendo.
Quaes se repartem do oceano o imperio:
Quaes se dividem as amenas varzeas.
Suaves virações, aquelles cruzam
Os undosos districtos socegados:
E ao voto ardente de saudosa sposa
Prosperos sopram, borrifando os Deuses,
E os pintados heróes da erguida pôpa.
Brincões Favonios, estes se divertem,
Ora levando ás sequiosas plantas
A amiga geração nas ferteis azas:
Ora brincando co' os anneis dispersos

Da loura camponeza, que cantando
Entre os dedos de neve o fuso volve.

Neptuno brando
As vagas doma
Dos mares toma
Zephyro o mando,
Que Euro excessivo,
E Africo altivo,
Exercitavam
Nas salgadas campanhas, que guardavam.

Então desperta
Gyra a ambição.
Oh como vão
Por via incerta
Gravidas quilhas,
Das mães e filhas
Sempre choradas;
Das recentes esposas detestadas!

Já a novos portos
A frota aborda:
A industria acorda
Nos Genios mortos:
E ao mutuo bem,
Correndo vem,
Inda singelas,
Firmes dando-se as mãos as artes bellas.

Porém quem como tu, illustre *Andrada*,
Na malfadada, ingrata idade nossa,
Ha que assim possa sempre studioso,
E proveitoso dispender da vida
Em melhor lida o seu melhor thesouro:
Na lyra de ouro ora altos sons tangendo,
Ora regendo os Lusitanos choros,
D'onde sonoros alvos Cysnes voam,
Que o mundo atroam com eterno brado,
O tempo, o fado, ameaçando, e a inveja,
Que em vão pragueja vendo a luz Phebéa.
Salve, Assembléa de Varões Sapientes,
Astros luzentes sois da Lusa Sphera
Vá de era em era vossa fama e gloria.
Fiel historia põe a salvo os que amam,
E a patria afamam por trabalhos nobres.
Que não descobres, ó sagaz talento!
Cada elemento submettendo a normas,
As artes formas, e dás leis aos usos.
Em vão reclusos seus thesouros tinha
Com mão mesquinha a natureza ignava.
Industria cava as preciosas minas:
Ergue officinas pertinaz trabalho:
Retinne o malho, range a lima, e ruge
Eólo, e muge a lavareda ondeando.
De quando em quando geme a selva; e ás praias
Baixam as faias das frondosas serras,
E a estranhas terras levam uteis seres.
Pomona e Ceres orna a mãi Cybele;

E de Semele guia o filho as danças,
Prendendo as tranças pampinosas vides.
Sempre assim lides, geração humana!
Riqueza mana das proficuas artes,
Que mal repartes, caprichosa sorte.
Porém importe para o bem de tudo
Primeiro o studo, que nos traz ventura.
Formosa e pura só a dá sapiencia
A' consciencia, que despiu cuidados,
Por livres prados estendendo a vida.
Alli guarida foi achar verdade,
Quando á cidade de entre ardis fugindo,
No seio lindo a recatou virtude,
E ao pastor rude a confiou em guarda.
Muito pois tarda para ser ditoso,
Quem cuidadoso alli não busca abrigo;
Onde o perigo da ambição salvando,
E contemplando a universal belleza,
Que a natureza tem tam rica ornado,
Por seu dourado codigo instruido,
Cante embebido na lecção celeste
A mão que veste á Primavera as flôres,
E á Aurora as galas de gentis primores.

No palacio da riqueza
Não habita a sã ventura:
Só a encontra o que a procura
No seio da natureza.

Lê pois, *Andrada* ditoso,
No grande livro do mundo,
Em quanto o somno profundo
Cerca o leito do ocioso.

Nas puras manhãs suaves,
Quando o sabio o campo studa,
O Rouxinol o saûda,
E ledas cantam-lhe as aves.

Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso,
E brincar no leito hervoso
Vêe as sombras buliçosas.

Logo enlevado o diviso
Co' os olhos nos horisontes,
Quando o Sol dourando os montes
Lhes dá o ultimo surriso.

Depois no nocturno véo
Em caracteres brilhantes
Lêem seus olhos errantes
As maravilhas do Céo.

ODE.

A uma velha enamorada.

Debalde as falhas do cançado sangue
Nas engelhadas faces
Tenta, ó Elia, ingenhoso, rubro dedo
Cobrir com falsas rosas;
E com postiças graças e arrebiques
Illudir-nos procuras.
Com quanto de artificios te apparelhes,
Perdes tempo e trabalho,
E o que ainda é peior, peior pareces;
Que remendos não soffre
Do quadro o panno roto; mais o afêam
Ás piedosas costuras.
Os fundos regos do saturnio arado
No calvo, vivo monte,
Em vez de loura spiga asperas brotam
Só pallidas arestas:
Nem que as resguarde cautellosa touca,
Nem que de negro as pintes,
A estudada impostura não escapa
Ao observador matreiro;
Muito embora amestrada estejas na arte.
Por mais que o cepo enfeites,

Denunciam-te as rugas obstinadas,
Os flatos trahidores.
Frustrados pois de todo os teus disvellos,
Já nos jogos Cyprinos
Com enjeado gesto se te esquiva
O dilecto mancebo,
E nas publicas praças assoalha
Teus sediços carinhos.
Assim de pretenções de namorada
Te deixa e de conquistas,
Que as corôas de myrto não assentam
Em testas enrugadas.
Foge, foge ao concurso perigoso
Das travessas Nèrinas,
E entre as formosas nitidas estrellas
Nevoa não espalhes.
Sim: já basta de seres o risivel
Assumpto das palestras,
O escarneo dos salões nas companhias.
Mas não te desconsoles;
No derradeiro quadro da existencia
Representar te é dado
Serio papel, que não burlescas farças,
Da tua idade indignas:
Á velhice se deve mór apreço;
É dadiva dos Deuses;
Quem não sabe gozal-a, a não merece.
É a tarde da vida,
Como é d'ella manhã a mocidade.

Tem tambem suas graças;
Em seu tracto se encontra um calor doce,
Como aquelle, agradavel,
Do sol quando se põe. Si não tem cultos,
Si amores não inspira,
Respeitos, e attenções inspira e goza.
Qual Templo augusto, antigo,
Pelo braço dos annos derruido,
Sem aras, sem imagens,
Nas ruinas conserva magestade,
Sancto respeito infunde.

I.ª CANÇONETA.

O Beijo.

O mel, que das flôres
A abelha extrahira,
Não vale a doçura
De um beijo de Elvira.

O aroma que exhala
A rosa, que abrira,
Não vale o perfume
De um beijo de Elvira.

O arpejo mimoso
Da harmonica lyra
Não vale o ruído
De um beijo de Elvira.

As chammas do raio,
Que rapido gyra,
Não valem o fogo
De um beijo de Elvira.

O nectar, que aos Deuses
Languor terno inspira,
Não vale a embriaguez
De um beijo de Elvira.

II.ª CANÇONETA.

O Retrato.

De amor por ordem
A Marcia bella
Em fina téla
Vou retratar.

Vós que ao redor
Lhe andaes nas tranças
Co'as auras mansas
Rindo a brincar:

Subtis amores,
Deixai-as ora:
Ide da amora
A côr buscar.

Pintar com ella
Quero o cabello,
Que a vista ao vel-o
Faz enlear.

Os longos fios
De quando em quando
Vereis fluctuando
Prisões armar.

A lisa testa,
Feliz assento
Do pensamento,
Vêe-se alvejar.

Para ella a côr,
Que a tem assim,
Do mogorim
Vinde-me dar.

Bem como strellas,
Que o Céo adornam,
Idéas a ornam,
Menos de amar.

Não vos esqueçam
Purpureas rosas
Para as formosas
Faces corar:

Faces aonde
Tenta o desejo
Timido bejo
Ir assaltar.

Mas vós de assombro
Paraes, amores?
Ide os fulgores
Ao sol roubar:

Ide, que eu quero
Pintar-lhe os olhos,
Que podem mólhos
De settas dar.

Ah! té parece,
Que já se movem,
Que d'elles chovem
Farpões ao ar!

A bocca breve,
Que é toda mel,
Falta ao pincel,
Com que imitar.

Desmaia o cravo,
Morre o carmim,
Onde o rubim
Só tem lugar.

Trazei-me pois
Os do Oriente
Filhos do ardente
Raio solar.

E logo um riso
Dos labios nasça
Com tanta graça,
Que obrigue a amar.

A voz mimosa,
Ou cante ou falle,
Aroma exhale,
Perfume o ar.

Dos alvos dentes
De fino esmalte
A luz resalte,
Que faz cegar.

Para imital-os,
Como careço,
Perolas peço
De Manaar.

De fino jaspe
Brancos pedaços
Roliços braços
Venham formar;

Braços tyrannos,
Que prisões negam,
E si se entregam,
É por zombar.

Porém que estranho
Suave enleio!
Quem é que o seio
Póde pintar?

Quem sem convulsos
Sentir effeitos
Os niveos peitos
Ousa encarar?

Numes dos Céos,
Vós que os fizestes,
Vinde-me prestes
A mão guiar.

Já do marfim (1)
Dous globos tomo;
Vou-lhes do pomo
A forma dar.

Limões, que tremem
N'um ramo imita,
Quando palpita
O niveo par.

Da vista encanto,
Prazer do tacto,
Nobre recato
Sabe-os guardar.

Sómente é dado
Ao pensamento
O atrevimento
De os contemplar.

Vou pois.... mas Céos!
Que mão cruel
Ora o pincel
Me vem tirar?

Tyranno amor,
Si era teu gosto
Este composto
Não acabar;

Não me incumbisses
Empreza assim;
Mas eu, teu fim
Sei penetrar:

Sei que não queres,
Que acabe a obra,
Porque o que sobra
Póde matar:

Mate-me embora,
Mas deixa ao menos
Os pés pequenos
Delinear:

Pés, a que leda (2)
A flôr mimosa
Se dobra anciosa
Para os beijar.

VARIANTES.

(1) Da neve a alvura
Para elles tomo
Vou-lhes do pomo
A forma dar.

(2) Pés, a que ledas
Graças e amores
Espalham flôres
E os vem beijar.

ALLEGORIA.

O rio e o regato.

A um manso regato um dia
Soberbo rio dizia :
« Desgraçado, eu te lamento
« Em teu curso pobre e lento ;
« Pois fazendo voltas tantas
« Por entre rasteiras plantas,
« Corres sem nome, escondido :
« Emtanto que eu conhecido
« Nas cidades mais famosas,
« Minhas ondas copiosas
« Metto, levando a abundancia
« A' mais remota distancia.
« Cem regatos orgulhosos
« De minha alliança, anciosos
« Se vem metter no meu seio
« Sem fazer um só rodeio.
« De mais eu tenho coragem,
« E nada em minha passagem
« Encontro, que eu não arrede,
« Pois tudo a meu valor cede. »
Disse; e ainda mais fallava,
Quer da sua origem rara,

Quer das suas qualidades,
Quando a taes fatuidades
Mais sabio o pobre regato
Lhe responde, e mui pacato:
« Que, amigo! Da matriz
« Ou lago, d'onde sais,
« Não tenho eu tambem saído?
« Logo depois de nascido
« Um e outro n'esta selva
« Debaixo da mesma relva
« Nossas aguas não correram?
« D'onde é pois, que vos vieram
« Tantos fumos de altivez?
« Só o acaso é que nos fez
« Deixando o materno berço
« Correr por lugar diverso.
« Vós em terreno inclinado
« Caminhaes mais apressado
« Absorvendo estes ribeiros
« Que em vós se mettem ligeiros
« Vossas aguas engrossando.
« Eu ao longo costeando
« Estas formosas collinas,
« Minhas aguas cristallinas
« Conduzo tranquillamente.
« Mas por isto, francamente,
« Julgaes ser mais, do que eu, nobre?
« É verdade que mais pobre
« Eu sou de agua, porém ella

« Não é clara, pura e bella?
« Vós causaes o medo e espanto
« Por onde passaes, emtanto
« Que eu com murmurio sereno
« Regando mais de um terreno.
« Fertiliso estas campinas.
« Sem causar essas ruinas,
« Que por vós causadas vejo.
« Antes sempre bemfazejo:
« Até que a minha corrente
« Se confunda finalmente
« N'esse mar vasto e profundo.
« Onde um dia, sem segundo.
« Tocando os mesmos extremos.
« Ambos junctar-nos devemos. »

CANTATA.

A Tarde.

Já o carro Phebo guia
Para o Occaso, e a fresca tarde
De mil graças faz alarde,
Que no ardor do meio-dia
Como as Nymphas aos umbrosos
Bosques tinham-se acolhido.

Emquanto nos Céos radiosos
Sirio andava enfurecido.
Já lá vão pelas campinas
Com os Satyros brincando,
Alegres canções cantando,
Que só tu, amor, ensinas.
Oh! quanto ouvil-as é grato
A' sombra de freixo annoso,
Juncto a um limpido regato
Que serpentêa queixoso.
Entre os ramos buliçosos
Virações suaves calam;
Umas sobre elles se embalam
Outras nos prados viçosos
Co'as tenras plantas se acamam,
Que amorosas não resistem;
Ou, si mais os crystaes amam,
Onde as Nayades assistem,
Brincam com ellas no rio,
A correr como apostadas;
E ás continuas revoadas
A corrente encrespa o fio:
Só Zephiro em seus amores
Queixoso da má ventura,
Busca a Flora, que entre as flôres
Se lhe esquiva ingrata e dura. (*a*)

Coitado! como suspira
Da Deusa a cada negaça:

Aqui e alli esvoaça,
Ora após corre, ora gyra.
Pára ás vezes, e beijando
Alvos jasmins, rubras rosas,
Que lhe beija, está cuidando,
As lindas faces mimosas.

Salve, risonha tarde, tu que mettes
A alegria em minha alma! escuras sombras
Turbar não possam teus serenos ares.
Quanto és de mimos rica, se passêas
Os floridos pomares,
Que amorosa e tão linda
Com tua grata vinda aformosêas!
Tu, nos restauras com as frescas auras
O vigor que o calor amortecera;
E assim que amena pisas
A clara, azul esphera,
Que de rubins e de ouro,
E perolas matizas
De teu rico thesouro,
As fabricadas sombras deixa o amigo,
Busca o seu *elle* amado, e em doce abrigo,
Ou nos jardins amenos,
Ou nos vergeis serenos,
Junctos a gozar sáem
Aquellas buliçosas
Gratas noites verdosas,
Que dos docéis copados

No chão revolso cáem:
Em diversos colloquios engolfados
Á amizade consagram ledas horas;
E os amantes saudosos
Te cantam ternos hymnos;
Porque é tambem então que de cançado
Um terno coração em seu cuidado,
Na muda soledade
Procura á saudade
Doce, suave, e brando desafogo.
Teu temperado fogo
Dá vida nova ás plantas,
Ar e campo cheiroso, as aguas claras;
E aos troncos transmutando as frescas sombras,
Nos torrões aquecidos
O tapete desdobras;
De mil brincadas obras
Vestes os horisontes,
E nos lavados montes
Soltas a froxo as luminosas tranças.

Mas que me falta a mim, que menos gratos
Me torna estes encantos?
És tu, saudosissima amizade,
Por quem ancioso o coração palpita:
De teu tracto distante,
Que extenso horrendo vacuo me rodêa! (*b*)
Tu porém engenhosa, quam benigna,
O vôo amiudando

Da penna officiosa,
As distancias encurtas,
E de vivas idéas
Lavras na fantasia as pontes firmes,
Por onde vaes segura de alma a alma
O commercio manter do pensamento.
Assim te gozo, ó Castro, (*c*)
Cá no sem ti Mondego escuro e triste,
D'antes ledo e sereno,
Quando o suave mel das lecções tuas
Bebia em taças de ouro:
Tu me aplanaste os escabrosos serros
Da difficil *Sciencia:*
Tu eras meu fanal na escura noite:
As solidões comtigo povoava;
Que tanto poder tens, ó Sapiencia!
Mas que doce influencia
Me banha o coração? Eis Castro, eis Castro! (*d*)

ARIA.

Assim o astro
De Phebo irmão
Tem tal doçura,
Quando co'a alvura
Do seu clarão
Ledo pratéa
Da noite fêa
A escuridão.

A Rosa.

Bella rosa,
Que vaidosa
Vaes ornar o niveo seio
Que faz todo o meu enleio,
Si maligno
Teu destino
Quer que as bellas companheiras
Mais não vejas nas roseiras:
Outras rosas
Mais formosas
Tu verás nas lindas faces
Sempre frescas e vivaces.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céo resume.

Ah! consente,
Que um ardente
Beijo imprima n'esta folha;
Toma-o antes que eu te colha.
Quando a bella
Vires, e ella

Te beijar, seus labios logo
Sintam d'elle todo o fogo.
Mas já Flora
Triste chora!
Mais os seus jardins não ornas,
Mais aos seus jardins não tornas.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céo resume.

Lá no meio
D'esse seio
Tens teu throno qual convinha,
Pois das flôres és rainha.
Porém tremo
Todo, e temo
Que um rival tenha a lembrança
De ir roubar-te por vingança.
Um espinho
Teu damninho
Lhe reserva então, e prompta
Fere a mão, que assim te affronta.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céo resume.

Si ao ferires
Tu sentires,
Que seu seio não palpita,
Tem por certa a tua dita.
Si se enfada
Magoada,
Morre logo, pois receio,
Morras fóra do seu seio.
D'esta sorte
Com a morte
Tens ao menos a ventura
De ter n'elle a sepultura.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar, que um Céo resume.

Januario da Cunha Barbosa.

Nictheroy.

Cresceu co' edade a força, a raiva e o brio;
Da illustre geração fervendo o sangue
Nas veias da Titanea occulta prole,
Reforça os braços, que arduas feras doma,
Que troncos mil escaxa, abatte, arranca
Mudando o assento ás rochas alterosas.
Cinge a frente ao robusto altivo Joven
Cocaz plumoso ornado de Amethystas;
Diamantino fulgor contrasta o brilho
De esmeraldas, rubins, topazios loiros,
Que a rica Zona marchetando enfeitão.
Negra coma lhe desce aos ventos sôlta
Repartida vestindo os largos hombros;
Nas faces brilha mocidade imberbe,
E a côr, que as tinge, porque o sól as crésta,
Semelha o cóbre lucido polido.
Nos olhos tem-se os vividos intentos,

Que de Mimas herdára, e occultas jazem
No grande coração, qu'a injuria abafa.
O esbelto cóllo tres gorgeiras prendem
D'oiro e prata, e manilhas d'oiro e gemmas
Os musculosos braços lhe guarnecem.
Aperta o ventre nú, reveste a cinta
Fraldão tecido de vistosas pennas;
Mosqueada pelle hum tiracolo fórma,
De que pende em carcaz cavado dente
De monstro horrendo pelo mar gerado.
Nictheroy daqui tira hervadas settas,
Em que ás féras certeiro a morte envia
Quando as brenhas perlustra, e o bosque, e o prado
Empunha a dextra mão robusto tronco.
Dos ramos mal despido; he esta a clava,
Que abate os Tigres, os Dragões, e as Serpes
Mais prompto do que em Lerna o féro Alcides.

De Phebo a luz doirava a serra e as brenhas,
Dos picos mais erguidos dissipando
Nocturna branca nevoa, que descia
Ao verde prado, então Neptuno surge
Na argentea Conxa, que Hyppocampos tirão
Os crespos mares aplainando, e abrindo
Ruidosa marcha qu'alva escuma cóbre.
D'aqui vaidosos negros Phócas nadão
Do dorso sobre as ondas levantando
Cymódóce, Melite, Spio, Nisea;

Escamosos Delphins dalli se ostentão,
Que em torno as aguas assoprando espargem
Dos ares sobre as Nymphas; Glauco, Phósco,
Palemon e os Tritões, em turmas seguem.

Defrontam já co' a praia, e campo, e serra;
Desmaia a linda Atlantida banhando
Em novo acérbo pranto a face e o peito:
Qual flor nocturna e bella, qu' orvalhada
Nos jardins se aprazia, e ao Sol murchando,
A galla perde, inclina-se empellida
Do brando vento ao sopro, que a affagáva.
Neptuno as mãos lhe toma, aperta, beija,
E ao hirto corpo então a vista alonga:
O' virtude de hum Deos! O' força! O' pasmo!
Desfaz-se gram cadaver pronto em agua,
Que fite, salta, muge, avulla, e açoita
Os valles, selvas, montes, brenhas, rochas.
No extenso mar, que o verde campo alaga
De espaço a espaço avistão-se os penedos
Derrocados por Jupiter Tonante.
Ao novo mar garganta nova se abre,
Ferindo a costa o valido Tridente
Juncto á rocha, que a Marte se aprestára,
E qu' inda ao mar voltada as nuvens busca.
Em confuso marulho, em grossas ondas
Descendo as aguas rapidas enfião
A estreita foz, qu'as sólta aos mares; Glauco,
Qu' em cem Rios banhar-se Tethys manda,

Porqu' este só faltava; alegre salta,
Expõe ligeiro á tumida corrente
O peito largo e cerulo, qu'a quebra
Forçando as aguas, dividindo a escuma.
Da hirsuta grenha verdes algas descem
Assombrando-lhe a tésta, a face, e os olhos,
(Os olhos, em que Scylla encantos via
Raivoso ciume em Circe despertando.)
A barba negra esqualida goteja
Salgada limpha dentre os limos prenhes.
Ramoso tronco de coral na dextra
Levanta aos ares, co'a sinistra réma.
Passando sobre as ondas, que lh' escondem
D'atro peixe escamosa cauda e longa.

Domingos José Gonçalves de Magalhães.

SUSPIRO I.

Deus e o Homem.

Quando se arrouba o pensamento humano,
E todo no infinito se concentra,
De milhões de prodigios povoado:
Quando sobre o fastigio de alto monte,
Como um colibre sobre altivo aderno,
Na vastidão siderea a vista espraia;
E vê o Sól, que no Oriente assoma.
Como em um lago em propria luz nadando,
E a noite, que se abisma no Occidente,
Arrastando seu manto tenebroso,
De pallidas estrellas semeado;
Quando dos gelos, que alcantis corôam
Vê a enchente rolar em cataractas,
Por cem partes abrindo largo leito,
Fragas e pinheraes desmoronando;
Quando vê as cidades enterradas

A seus pés na planicie, e negros pontos
Áqui, e ali, moverem-se sem ordem,
Como abelhas em torno da colmeia:
Então o homem se abatte; um suor frio,
Como o suor, que o moribundo côa,
Rega-lhe o corpo inteiro; então sua alma
Como um subtil vapor, que o lirio exhala,
Ferido pelo raio matutino,
Se levanta da terra; então seu corpo
Como um combro de pó desapparece....
Elle está no infinito!.. Então lhe trôa
Uma voz, como o echo das cavernas
Quando os ventos nos ares se debattem;
Como um ronco do Oceano repellido
Por estavel penedo; como um grito
Das entranhas da terra, quando accesas
Da sua profundez lavas borbotam;
Como o ronco bramido das tormentas;
É a vóz do Universo! — Vóz terrivel,
Porém harmoniosa, que proclama
A existencia de um Sêr, que de si mesmo,
Do proprio fundo seu, da força sua
Tudo tirou, quanto o Universo encerra.

Os Céus, os mundos, o oceano, a terra,
É um vasto hieroglyphico, é a forma
Symbolica do Sêr aos olhos do homem.
O movimento harmonico dos orbes,
É o hymno eterno e mystico, que narra

Altamente de hum Deus a omnipotencia
Tudo revela Deus!... E Deus é tudo!

De tal grandesa sotoposto ao peso,
Como si ingente mole o esmagasse,
O homem se anniquila e disparece,
Como no fundo pégo um grão de areia!
É aqui, oh meu Deos, calcando nuvens
Parecendo tocar o céo co'a fronte,
Qu'eu reconheço a immensidade tua.
Existe este Universo, existe o homem,
Porque de todo o Ser tu és a origem.

Aqui, para louvar teu santo Nome,
É fraco o peito humano, é fraca a lingua,
É fraca a voz, que titubante hesita
Tão alto remontar, e no ar perder-se,
Antes que d'astro em astro repetida,
D'um céo a outro céo, d'um Anjo a outro,
Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos,
Como discorde som de rota lyra.

Alva nuvem, que toucas este monte,
Desce um pouco, e recebe-me em teu dorso,
Asinha ala-me o céo; na etherea plaga,
Vendo o sol de mais perto, talvez possa,
Com sua luz benefica animado,
Altisono entrar um hymno excelso,

Digno de Jehová que eterno escuta,
Dos angelicos córos a harmonia.

Abre-te, oh céo azul, que a mortaes olhos,
A mansão do Senhor cioso occultas!
Abre-te, oh céo azul; deixa minha alma
Saciar-se co' a luz da Sion Sancta.
Sóbe, meu pensamento, vôa, rompe
Os turbilhões dos Cherubins, e Thronos.
Mais bellos que mil soes, mais coruscantes,
Que em vertice perenne estão ladeando
Do Eterno Padre o luminoso solio.

Oh arrojado pensamento humano,
Per mais que em teu socorro os astros chames,
Per mais que sua luz o sol te empreste,
Seu ouro a terra, o céo a immensidade,
O rio a corrente, os campos flores,
Suas azas o raio, os sons a lyra,
E a noite seu mysterio, alfim si tudo
Invocado per ti, a ti se unisse,
Não podéras ainda em teus transportes
Os louvores tecer do Omnipotente!

Mas, oh Deos, que missão tens confiado
A este fraco Ser, que sobre a terra
Entre os mais Seres como um Rei se ostenta,
E unico p'ra ti erguendo os olhos!
Parece teu rival? Missão augusta

É sem duvida a sua, e o seu destino
Não é o d'alimaria! . . . A Natureza
Obedece a seu mando, como s'elle
Entre Deus e a terra collocado,
Orgam fosse das Leis da Providencia.

Quem a elle se oppõe? Embalde o oceano
Com cem braços separa os continentes.
O homem desthrona os robres e os pinheiros
Das fragas da montanha, os arremessa
Sobre a cerviz do oceano. enfreia os ventos,
E assoberbando as vagas impotentes,
Que ante seu genio quebram-se gemendo,
Triumpha, e calca o tumido elemento,
E atravessa de um polo a outro polo
Como atravessa os ares veloz aguia.
Aqui bramando um rio se devolve,
Qual serpente feroz medo incutindo;
Co' uma arcada de pedra o homem cobre-o;
Elle a derrota? — nova arcada o doma.

Como gigantes firmes, alinhados,
Para impedir-lhe os passos se levantam
Enormes Alpes, açoutando as nuvens
Co'a coroa de gelo, e co'os pennachos
De branca carambina, e verdes selvas;
Não retrograda o homem, não desmaia!
Quando sobre a cimeira o sol se encosta,
E a vista desce á profundez do valle,

O sol já no afan vencendo o encherga
Quando transmonta o sol, o homem dá tregoas,
E descança na já vencida estrada!
De dia em dia assim o prosegue avante;
Ora esbroa um cabeço mais supino,
E co' as ruinas d'elle outro o nivela;
Ora sobe, ora desce, ora torneia,
Ora penetra a rigidez do monte,
Como a setta do Indio os ares rompe,
E a noite das abobadas rasando,
D'outro lado vai ver o céo, e o dia!
Quem tu és, que podes tanto?

Tu convertes os bosques em cidades;
Marcas do sol o gyro, e o dos cometas;
Atropellas no ar o alado povo;
Nem no már a baleia está segura,
Nem nas espessas selvas o elephante!
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Toda a terra está cheia com teu nome;
Um seculo transmitte o outro seculo
Dos teus feitos a historia portentosa;
Tu só marchas, tu só te desenvolves,
E inda não recuaste de fadiga!
Com que signal sellou a tua fronte
A mão do Creador? — D'onde descendes?
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Não, não és para mim mais um enigma!
Conheço a origem tua, e o teu destino,
Tua missão conheço sobre a terra.
A Natureza toda te respeita
Por qu' és de Creador a obra prima,
Por que transluz em ti o seu transumpto.

Não é á força tua que se curva
A terra, que se á força se curvasse,
Seria o elephante o Rei da terra.
É a tua sublime intelligencia,
É a Deus, só a Deus, que tu reflectes,
Como do sol a luz reflecte a lua.

Nas barreiras da morte tudo esbarra,
Menos o homem que atravessa airoso,
Ahi o mortal corpo abandonado,
Para no seio entrar da Eternidade;
Assim, o Viajor o pó sacode,
E deixa o companheiro de viagem
Manto todo coberto de poeira,
Quando á cidade desejada chega.
Alma não morre, porque Deos não morre.

Assás, oh Deus, o homem sobre a terra
Revela teu poder, tua grandeza.
A rasão, es tu mesmo; — a liberdade
Com que prendaste o homem, não, não pode
Dominar a Razão, que te proclama!

Quando mudar p'ra mim fosse a Natura,
Na Razão, que me aclara, e não é minha,
Senhor tua existencia eu descobrira.

Eu te venero, oh Deos da Humanidade.
Meu amor o que tem para offertar-te?
Digno de ti só tem minha alma um hymno,
E esse hymno, oh meu Senhor, é o teu nome!
Que pode o homem dar a quem dá tudo?
Só em meu coração suspiros tenho,
Suspiros para todos os momentos.
De ti, Senhor, minha alma necessita,
Como de luz meus olhos, de ar meu peito.
E se me é dado a ti subir meus votos,
Se é dado pela Mãe pedir um filho
Põe meus votos sobre accesas asas
De sol, e tu, Senhor propicio attende.
Nada por mim, por minha Patria tudo;
Fados brilhantes ao Brasil concede!

SUSPIRO II.

A Infancia.

O' minha infancia! O' estação das flores!
De innocente illusão mansão suave!
Inda hoje te apresentas
Ante mim, como a imagem fugitiva

D'um sonho, que encantou-me a phantasia,
Ou como a aurora d'um formoso dia.
Oh da infancia attractivos lisonjeiros!
Mentirosos affectos!
Com que prazer innumeros amigos
Na infancia contractamos!
E quão faceis perdemos
De ligeiras palavras agastadas.

Oh como é lindo
O tenro arbusto
Na primavera!
Como parece
Que se está rindo,
Quando o balança
Zephiro brando;
Quando descança
Sobre os seus ramos
O passarinho.
E modulando
Doces reclamos,
Vai o ar visinho
Harmonisando!

Como é bello esmaltado de flores,
Exhalando balsamico aroma,
D'elle em torno voltejam amores,
E se escondem debaixo da coma

Mas eis que o adusto
Vento do Norte
Soprando forte,
Já o abala;
O tenro arbusto
N'este tormento
Todo se dobra
A verde gala
Amarellece;
E o duro vento,
Que em furia cresce,
Vai arrancando,
Folha per folha,
E sobre a terra
As dispersando,
Té que despido
O deixa emfim.
E tempo assim
Nos vai roubando
Gratos praseres
Da tenra idade,
Quantos amigos
A infancia tem;
Até que vêm
A puberdade.
Com seus perigos;
E d'esta sorte
Chega a velhice,
Tronco gelado,

Desemparado;
Até que a morte,
Como um tufão
Lança-o no chão!
Oh! quão perto a velhice está da infancia,
E quão perto da infancia a morte adeja!

SUSPIRO III.

A Mocidade.

Gigante do porvir, ó mocidade,
Erguei a fronte altiva
Entre as brancas cabeças da velhice,
Como ao sopro vital da primavera
O pimpolho gentil se desabrocha
Entre os já seccos e curvados troncos.

Subi em sacro arroubo a mente vossa,
Como huma labareda;
Contemplai o passado;
Em silencio o futuro vos aguarda,
E o presente se curva a vosso mando.

Deus em vós ateiou do genio o fogo,
Que a humanidade guia,
Como a estrella polar o navegante;
Ou como a chamejante ignea columna,
Que o povo de Moysés guiou nos bosques;
Sagrado fogo, que jamais se extingue.

Em vosso coração palpita a vida,
O brio e a força os membros vos circulam,
Igneas azas vos dá o enthusiasmo,
É vulcanea vossa alma
E d'aguia os olhos tendes,
Com que medis o espaço, o Ceo, e o globo.

A terra vos pertence, ó mocidade!
P'ra vós renasce o mundo a todo o instante,
P'ra vós resplende juventude a terra;
Não envelhece o Ceo, nem as estrellas,
Nem se encanece o Sol no longo gyro.
Em vós só se resume a humanidade,
Que a passos graves através dos evos
Ovante marcha sempre fresca e joven.

O passado para vós é muda estatua,
Que o grande livro aponta
Onde a verdade e o erro se confundem,
Como o ouro co' o pó no antro da terra.
Os seculos sellaram esse livro,
Quando n'elles seus fastos transcreveram.

Eis a pagina branca,
Que aguarda os feitos vossos;
Meditai, meditai antes de enche-la!

Quando já fatigados do caminho,
Sobre a pedra da tumba repousardes,
Avante marcharáõ os filhos vossos,
E em livro tomando-vos, um dia
Iráõ saber o que seus Pais fizeram.

SUSPIRO IV.

A Velhice.

Longa foi a viagem;
Assáz luctastes, descançai agora.

Depois de haver vingado alpestre monte
Desde o albôr da manhã, o peregrino
Afadigado desce,
E, envolto em trevas, vai pousar no valle.

P'ra vós assaz auroras madrugaram,
P'ra vós luas assaz alvas luziram,

Assaz de flores se esmaltou a terra,
E de fructos as arvores copadas.
Sim, sim assaz gozastes,
Mas uma vóz vos chama, e vos diz — basta! —

Basta! — A hora soôu; a campa se abre,
E o sopro do seu antro
Como o vapor da canica caverna
Da vida vos apaga a tenue flamma.

Basta p'ra vós, ó velhice!
Inda o sol tem resplendores,
Inda a noite tem estrellas,
Inda a lua alvos fulgores.

Inda os prados reverdecem,
E de florzinhas se arreiam,
Inda suspensos nos ramos,
Os passarinhos gorgeiam.

Inda o Zefiro sereno
Cheio de aroma e doçura,
Fruindo o nectar das flores
Na madrugada murmura.

Inda a cascata ruidosa
Entre saxos se despenha,
Inda o som de sua queda
Resôa ao longe na brenha.

Inda os regatos deslisam,
E as feras nos bosques rugem
E, lambendo a branca areia,
Nas praias as ondas mugem.

Tudo respira linda vida,
A terra não está mudada;
Vós só marchaes, ó velhice,
Triste, debil e curvada.

Vossos olhos se fecharam
Ao quadro da natureza,
Em torno de vós só gyram
A morte, o horror, a tristeza.

Tudo em seu morno silencio
Agora vos annuncia
Que a noite só vos pertence,
Que expirou p'ra vós o dia.

A noite eterna vos estende os braços,
Ah! preparai-vos para o somno eterno!

Basta! — É hora das preces.
Funereo som no templo os bronzes vibram,
E o seu echo parece dizer — morte!
Vós perdeis vossa fronte encanecida,
Qual c' os flocos de neve a fragil hastea,
Entoaste o cantico da vida,

Entoai vosso cantico de morte;
Como o candido cysne,
Que vai descer á escuridão do lago,
Para nunca mais ver raiar a Aurora.

Basta! — É hora das preces, ó velhice!
Para o mundo acabastes:
Vossa alma resgatai do barro impuro,
O Ceo, que a alma vos deu, pede vossa alma,
E a terra vosso corpo está pedindo;
Ah! dai á terra o que vos deu a terra!

Mas ah! não choreis
E porque choraes?
Si vós não sabeis
Nem o que ganhaes
Nem o que perdeis?

Perdeis a terra, é certo; mas que importa,
Si celeste esperança vos conforta!

Viver é sonhar,
Sonhar é dormir;
Deveis accordar,
Para ao Ceo subir,
P'ra no Ceo velar.

Accordai, — socegai o afflicto peito,
Que ides deixar o amargurado leito.

O pranto enxugai,
Bani o temor;
E o nome entoai
Do Eterno Senhor,
E a Elle voai.

Vossa abenção lançai á mocidade
Que vai na lucta entrar da humanidade.

SUSPIRO V.

O Senhor.

Entoa, ó minha alma,
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador.

A luz, que te aclara,
É d'elle emanada,
E a tua linguagem
Por Elle inspirada.

Embalde procuras
O bem sobre a terra,
O bem, que desejas,
Só n'Elle se encerra.

No meio das ondas
O nauta mais forte
Pergunta ás estrellas
Qual é o seu norte.

Si o mar se enfurece,
Si o vento se altera,
Invoca seu Nome,
E salvar-se espera.

Si tu sempre attenta
Seu mando escutares,
E por seus dictames
Fiel te guiares:

Que haverá, que possa
Roubar-te a victoria?
O bem terás certo,
Terás certa a gloria.

Entôa, ó minha alma,
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador.

SUSPIRO VI.

O Canto do Cysne.

Meus versos são suspiros de minha alma,
Sem outra lei, que o interno sentimento;
E como o fumo, que do fogo se ergue,
Elevam-se p'ra o Ceo, e no ar se perdem.
Como o acceso thuribulo balança
Ante o altar, de incenso alimentado,
Suavissimos perfumes exhalando,
Assim minha alma oscilla,
Das illusões do mundo affadigada,
E suspirando então pelo infinito,
Humilde a Deus seu pensamento exalça.

Cada pensamento meu,
Como uma baga de incenso,
Do thurib'lo de minha alma
Sóbe ao alcaçar do Immenso.

Eis por que ainda no, da vida, exilio,
Entre o véo de tristeza, que me enlucta,
Alguns assomos de prazer ressumbram,
Como do pyrilampo
Na escuridão da selva a luz lampeja;

Eis porque minha lyra
Inopinados sons deslisa ás vezes;
Eis porque ainda para mim um riso
À natureza enfeita;
Eis por que a noite presta-me seu balsamo
E na aurora, que surge, encantos acho.
Um echo p'ra meus suspiros
Eu acho na natureza;
E para a voz da minha alma
Um accento de tristeza.
Ah! Por ventura a lyra abandonada,
Que rota e muda jáz de pó coberta,
Por ventura ainda vive?
A lyra morre, quando mais não sôa,
Morre, quando, estalando a ultima corda,
Evapora o seu ultimo soluço.

Assim sou sobre a terra;
E' minha alma como a lyra,
Que morre quando não geme!
Que vive quando suspira.

Como vive o proscripto em villa estranha?
No pensamento apenas,
Nos quadros de sua alma, tristes quadros,
Como a noite sem lua, e sem estrellas,
Quadros nublosos, pela mão traçados
Da pallida saudade.

O' mundo, ó mundo, exilio da minha alma!
Vida, cruel tyranno, que me prendes!

O que é a vida? Um continuo
Passar das trevas á aurora,
Cadeia, que nos arrasta,
Turbilhão, que nos devora.

Eis a vida!. E depois? — Mysterio horrivel!
Infinito, onde o spirito se perde,
Como um atomo no espaço;
Deserto, aonde vagueia a fantasia,
Repouso, e asilo incerta procurando;
Como nos areáes da ardente Arabia
O peregrino affadigado busca,
Para a sede aplacar, mesquinha fonte,
E um ramo, que lhe abrigue os lassos membros.

Talvez que amanhã se ultime
A sentença do proscripto,
E que, livre das cadeias,
Vagueie n'esse infinito.

Cada minuto da vida
Pode ser o derradeiro;
Da vida ao nada ha um ponto,
E o homem passa-o ligeiro.

O Cysne, que deslisa á flôr do lago,
Formando perlas co' o batter das azas,

Mudo a garganta alonga,
E so da morte a voz n'ella resoa;
Como uma frauta, que do tronco pende,
Por amoroso voto,
Pelo vento agitada,
Embalança, e suave melodia
Exhala do seu tubo:
Assim a voz do Cysne se desata,
Pela morte inspirado,
Assim se ella harmonisa,
Parado a entoar o hymno extremo.

Mas acaso sabe o Cysne,
Terno canto desferindo,
Que em cada accento, que solta,
A vida lhe vai fugindo?

Companheiro do Cysne, o tenro arbusto,
Quando uma só vez floresce,
E quando assim se adorna, murcha, e morre,
Como no dia nupcial a esposa,
Sabe elle por ventura que essas flores
São as galas da morte?
A lampada, que expira, e um clarão solta,
Acaso sabe se lhe mingua o oleo?
O rio, que no prado se resvala,
Acaso dizer póde,
— Amanhã terá fim minha corrente? —
E o Zephiro, que brinca saltitando

Sobre as frescas corolas, sabe acaso
Si ainda existirá no sol seguinte?

Nós acaso conhecemos
Melhor que elles nossa sorte?
Podemos dizer — Este hymno
E' nosso hymno de morte? —

Eu canto como o Cysne, sem que saiba
Si é meu ultimo canto;
Como o arbusto, que brota mortaes flores,
Minha alma se dilata, e aromas verte;
Como a luz que falece, e se afogueia,
Em sacro amor meu coração se enflamma;
Como o rio, que manso se deslisa,
Como o ligeiro Zephiro, que adeja,
Se devolvem meus dias;
Como as vagas do mar, um apoz outro,
E não sei qual será o derradeiro.

Inda em suspiro, minha alma,
Como o Cysne hoje exhalêmos;
Si amanhã virmos a aurora,
Novos hymnos entoemos.

Cantemos, cantemos,
Co' a noite, co' o dia,
Seja nossa vida
Continua harmonia.

SUSPIRO VII.

Napoleão.

Eis aqui o logar, onde eclipsou-se
O meteóro fatal ás regias frontes!
E n'essa hora, em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dous astros ao occaso caminhavam;
Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos iguaes no brilho, ambos na quéda,
Tão grandes, como em horas no triumpho!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela á humanidade!
Um oceano de pó, de fogo, e fumo
Aqui varreo o Exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompeia.

O pastor, que apascenta seu rebanho,
O corvo, que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando,
O echo da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes lugares:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os Bravos!
Entretanto esse heroe de mil batalhas.
Que o destino dos Reis nas mãos continha,
Esse Heroe, que co' a ponta de seu gladio
No mappa das Nações traçava as raias,
Entre seus Marechaes ordens dictava!
O halito enflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui, stava o Genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retimtim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões, que ribombavam,
O sibilo das balas, que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! — Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões, e nem ousando
Toca-lo, ao seu ginete os pés lambiam.

Oh porque não venceo? Facil lhe fora!
Foi destino, ou trahição? — A aguia sublime,
Que devassava o céo com vôo altivo
Desde as margens do Sena até o Nilo,
Assombrando as Nações co'as largas azas,
Porque se nivelou aqui co'os homens?

Oh! porque não venceo? O Anjo da gloria
O hymno da victoria ouvio tres vezes,
E tres vezes bradou: — E' cedo ainda;
A espada lhe gemia na bainha;
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas;
Na pugna os esquadrões se encarniçavam,
Roncavam pelos ares os pelouros,
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam,
Encrusadas espadas, e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo:
Elle so impassivel como a rocha,
Qual de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder, magico anima,
Via seus batalhões cair feridos,
Como muros de bronze, per cem raios;
E no ceo seu destino decifrava.
Pela ultima vez co'a espada em punho
Rutilante na pugna se arremeça;
Seu braço é tempestade, a espada é raio.
Mas invencivel mão lhe toca o peito!
E' a mão do Senhor! Barreira ingente.
— Basta, guerreiro! Tua gloria é minha;
Tua força em mim stá: tens completado
Tua augusta missão; — és homem — pára. —
Eram poucos, é certo, mas que importa!
Que importa que Grouchy surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões da guerra, que bradavam:

— Grouchy, Grouchy, a nós, eia ligeiro,
O teu Imperador aqui te aguarda:
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do Oceano encapellado,
Que furibundos se alçam, luctam, battem,
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam. —
Eram poucos, é certo; e contra os poucos
Armadas as nações aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Iena, Montmirail, e Austerlitz.
Ante elles o Thabor, e os Alpes curvos
Viram passar as aguias vencedoras!
E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Eufrates
Embalde á sua marcha se oppuzeram.
Eram os poucos, que jamais vencidos
Os seus dias contavam por batalhas,
E de cans se cobriram nos combates;
O sol do Egypto ardente assoberbaram,
A peste em Jaffa, a sede nos desertos,
A fome e os gelos dos Siberios campos.
Poucos, que se não rendem — mas que morrem

Oh! que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra elles pleiteara,
Si Deus, que os via, não dissesse — Basta!
Dia fatal de opprobrio aos vencedores,

Vergonha eterna á geração, que insulta
O Leão, que magnanimo se entrega!

Ei-lo sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte:
Braços crusados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram;
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo!
Que grande ideia occupa e turbilhona
N'aquella alma tão grande como o mundo?

Elle vê esses Reis, que elle tirára
Da linha de seus bravos lhe trahiram.
A longe mil pygmeos elle divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedonio outrora o Imperio
Entre si repartiram seus escravos.
Então um riso d'ira e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade!

O grito inda innocente de seu filho
Sôa em seu coração! E de seus olhos
A lagryma primeira se deslisa;
E de tantas coroas, que ajuntára
Para dotar seu filho, só lhe resta
Esse nome; que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo elle perdeu! A Esposa, o filho,
A Patria, o mundo, e seus fieis soldados:
Mas firme era sua alma como o marmore
Onde o raio battia e recuava!

Jamais, jamais mortal subio tão alto!
Elle foi o primeiro sobre a terra:
Só elle brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a columna de Vendôme
Sua estatua de bronze ao Ceo se eleva.
A cima d'elle Deus — Deus tão sómente!

SUSPIRO VIII.

Afflicção.

Não; não é sangue; é fel envenenado,
Que em minhas veias gyra;
Não; não é vida; são espinhos irtos,
São ervadas agulhas, que incessantes
Me pungem, me traspassam, me laceram;
Não; não é ar; é o halito da morte,
Que o peito me comprime;
Não são do mundo as scenas, que me envolvem
São as scenas do Inferno.

E' possivel, meu Deus, que tanto soffra
Um misero mortal, e que inda viva?
Queres ver do teu servo
A alma de padecer já callejada,
Sem murmurar, nem blasphemar té onde
A paciencia leve?
Em mim accaso novo Job preparas?
Ou o meu coração não é de humano,
Ou a dôr já o tem empedernido
Co'o reiterado embate.

Eu chorei, e meus olhos se seccaram:
Nem mais p'ra nova dôr, lagrimas novas
Terei para chorar; as dôres todas
Me fizeram tragar seus amargores;
Não ha mais dôr que appresentar-me possa
Nova taça de ascetico veneno.

O triste solitario,
Que em aspero deserto abandonado,
De improviso se vê acommettido,
De crueis serpes, que o pescoço lhe atam,
E lhe os membros enleião, e lhe cravam
Agudas presas de peçonha cheias,
E' a horrivel imagem
Do estado meu, do meu duro martyrio.

SUSPIRO IX.

A Illusão.

Feliz tempo de meus primeiros annos!
Eu que cuidava que a maior ventura
Era sêr conhecido entre os humanos!
Como um filho amado
Da madre natureza,
Por Deus animado
Do excelso talento
De diva poesia;
A cujo alto accento
O mundo abalado
Seguindo a harmonia,
Reconhecesse que quem tange a lyra
E' um Anjo entre os homens disfarçado,
Cuja augusta missão só Deus inspira.

Feliz tempo, em que o Sol se me antolhava
Como um astro sem mancha coruscante
Luz eterna, que nunca se eclipsava!
Eu n'elle só via
Um carro radiante
Onde Deus vivia:
E sempre gyrando,
Sem outro destino,

Que ir tudo aclarando,
De um fogo divino.
Tal eu cuidava ser do genio a sorte;
Então nodoas no Sol não descobria;
Hoje sei que tudo é sujeito á morte!
Tudo que existe, tudo que respira,
Tem principio e tem fim. Murcham as flores,
A luz se apaga, o universo expira;
Que vale a belleza?
Que valem amores?
Si em nada ha firmeza!
De que serve a gloria
Ganhada n'uma hora,
Si é transitoria?
Renome, e grandeza,
Tudo evapora!
Mas contra as leis de Deus não murmurêmos,
Imitemos, meu bem, a natureza,
E as venturas de amor juntos gozêmos.

Descripção do Amazonas.

Balisa natural ao Norte avulta
O das aguas gigante caudalôso,
Que pela terra alarga-se vastissimo;
Do Oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abatte!

Pois mais que rei supera em pompa, e brilho
No solio, á multidão em torno curva,
Supêra o Amazonas na grandeza
A quantos grandes ha rios no mundo!
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado,
Mil feudatarios rios vêm pagar-lhe
Tributo perennal de suas aguas:
Rempino gigante se afigura,
Que estende os membros p'ra abarcar a terra;
Pujante assim no Atlantico se entranha,
Ante si repellindo o argenteo salso,
Como si elle na terra não coubera,
Ou como de inundá-la receioso
Si mais longo, e mais lento a discorresse.
O Amazonas co' Oceano furioso
Luta renhida trava interminavel,
Para roubar-lhe o leito, e ronca, e espuma,
Qual no lago co'a cauda atada a um ramo
Feroz sucuriúba horrida ronca,
Quando sente mover-se em cima a lontra,
E inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancára, e a lingua sólta
Para de uma só vez tragar o amphibio.
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas
Para sorvê-lo a larga foz medonha
Leguas abre setenta, a ingente lingua
Estando de cem vezes nove milhas,
Como uma longa espada, que se embebe
Através do Atlantico iracundo,

Que gemendo recúa no arremêsso,
E em montes, alquebrado, o dorso enruga:
Armas, que arroja ao mar, são grossos troncos
Arrancados na furia; são pedaços
De esbroadas montanhas, que elle mina:
Seus gritos são trovões tão horrorosos
Que parece que ali baqueia o mundo;
Equorea, espessa nuvem se levanta,
Como uma chuva contra o Ceo erguida,
Reflectindo do Sol c'loridos raios.
Tal o conquistador, que co'os despojos
Dos reis destronizados se opulenta,
Ou co'os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro dos combates,
Envolto n'uma nuvem de poeira,
Na frente vai levando debandada
Inchente alluvião de imigas hostes,
E ante as portas de bronze do castello
Nova alterca victoria porfiosa.

Domingos Borges de Barros

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

LYRA I.

Poem na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primôr.

Não dês á sorte,
Que tanto illude,
Sem a virtude
Algum valôr.

Tudo perece,
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria amor.

Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lirio a côr.

Cultiva attenta,
Filha mimosa,
Sembre viçosa
Tão linda flôr.

LYRA II.

E' cada dia da vida
Marcado p'ra nova dôr;
Lá vai co'a a morte amizade,
Co'a morte lá vai amor.

Da nossa vida,
Na velha edade,
Tudo nos deixa!
Fica a saudade!

Contava viver no filho,
O filho a morte levou;
Da sancta esposa em meu peito
O ai derradeiro quebrou.

Como é calada,
Varia a terra,
Quando a saudade,
Nos faz a guerra!

Peregrino em terra extranha,
A filha é todo o meu bem;
Deus, conserva o que tu deste
A quem de seu mais nada tem!

LYRA III.

Vem cá, minha companheira,
Vem triste, e mimosa flôr,
Si tens de saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dôr.

Recebe este frio beijo,
Beijo da melancolia,
Tem de amor toda a doçura,
Mas não o ardôr da alegria.

Onde te pegou Marilia?
Dize, onde um beijo te deu?
Mostra o logar, n'elle quero
Dar-te outro beijo meu.

Si Marilia quer que exprimas,
O que ella sente por mim,
Porque murchas? Não me lembres,
Que amor tambem passa assim.

Marilia em tudo te eguala,
Linda e delicada flôr,
Mas infeliz si em seu peito
Quanto duras, dure amor.

Tu venturosa cuidavas,
Quando o meu bem te colheo,
Que morrêras em seu seio,
Qual morri out'rora eu.

Longe d'haste, em que favonio
Hia comtigo brincar,
Em vez de orvalho te sentes
Só de lagrimas banhar.

Flôr infeliz, porém eu
Quanto mais infeliz sou?..
Nada te disse Marilia,
Quando ella a mim te enviou?

Ah! si tu saber pudéras
Quanto amor, quanta ternura,
Si soubéras das delicias,
Julgáras das desventuras!

LYRA IV.

Triste salgueiro,
Rama inclinada,
Folhagem palida,
Sombra magoada,
Aceita o nome
De minha amada.

Qual no meu peito
Amor gravou,
Tal no teu tronco
Grava-lo vou.
Une a teu pranto
Os ais, que eu dou.

Aves sinistras
Fujam d'aqui,
Só Philomêla
Repouse em ti.
Meu mal ouvindo,
Gêma de si.

Na sombra tua
Só ache abrigo,
Peito sensivel
D'amor amigo.
Aos inconstantes
Não dês jazigo.

De meus prazeres
Te fiz sciente,
Hoje das dôres
Sê confidente
Só a ti digo
O que alma sente.

D'Echo indiscreta
Guarda um segredo,
Que eu a ti mesmo
Confio a medo.
Arvore amiga,
Eia, segredo.

Triste ventura
Mas foi de um dia,
O peito amigo
Bem mo dizia.
Mas o que queres?
Eu não o cria!

Manda hoje a ingrata
Soffrer, calar!
Nem por seu nome
Posso chamar!
Té diz que é crime
Um ai soltar!

Ah! si soubesses
Que gostos dá?
Salgueiro amigo,
Eguaes não ha.
Vai-te lembrança,
Não voltes cá!

Puras delicias
De puro amor
Trocou-me a falsa
Em pranto e dôr.
Dôr, pois vens d'ella,
Vêm onde eu fôr!

Si em pago ao menos
De afflicções taes,
Um ai me desse,
Queria eu mais?
Um ai? Que digo!
Ri de meus ais.

Seja inconstante,
Nunca o serei,
Nem por modelo
A escolherei.
Morrer por ella,
E' quanto eu sei.

Si a linda ingrata
Aqui vier,
Si de meus males
Saber quizer. . . .
Faze-a, ó salgueiro,
Seu nome lêr!

Dize-lhe quanto
Viste penar,
Dise-lhe como
Se sabe amar,
A amor dar culto,
E á honra o dar!

CANÇONETA I.

A linda Armia
Brincava um dia
No prado em flôr,
Mirtillo ardendo
Lhe vai tecendo
Phrases de amor.

Fresca e mimosa,
E' como a rosa

Como o pudor;
Mas insensivel
E inaccessivel
A' mão de amor.

Mirtillo ancioso
Tão amoroso,
Todo em rubor,
Marchando hesita,
Alma palpita,
De esperança e amor.

Chega-se a ella,
E diz-lhe — ó bella! —
Perdendo a côr —
No meu delirio,
Vede o martyrio
Do mal de amor!

Mina querida,
Tem dó da lida
D'este pastor;
Cruel não lutes
E nem disputes
Poder d'amor.

D'esta ancia insana
Has-de inhumana

Rir com sabor?
He a indiff'rença
A recompensa
De tanto amor?

Eu perco o siso
Si co' um sorriso
Approvadôr
Não me sustentas,
E não alentas
No peito amor!

Armia vira,
E cheia d'ira,
Diz — ó que horror!
Não me persigas,
E nem me digas
Cousas de amor.

Bem instruida,
Bem prevenida,
Contra o traidor,
Não me surprendem
E nem me prendem
Laços de amor.

Minha Mãe disse
Que si eu ouvisse

Fallar de amor,
Corresse logo
Sem que do fogo
Sentisse o ardôr,

E então brincando,
Foi despregrando
Rir mofador.
Mirtillo afflicto
Soltando um grito
Cahio d'amor.

CANÇONETA II.

Quando do pejo
Brilha o rubor,
Nas faces tuas
Adeja amor.

Si as faces d'outra
Mudão de côr,
O pejo é outro,
Não vejo amor.

Quando teus olhos
Quebra o langor,
São todos graças,
E's toda amor.

Os olhos d'outra
Faça o que fôr,
São, sim, uns olhos,
Mas sem amor.

E' tua bocca
Mimosa flôr,
Vedam tocca-la,
Graças e amor.

Nos labios d'outra
Posso os meus pôr,
Sem que no peito
Palpite amor.

Si dás um gosto
Ou si uma dôr,
Em um, em outra
Conheço amor.

Dados por outra
O gosto ou dôr,
E' dôr, ou gosto,
Mas não de amor

Amor comtigo
E' doce ardôr;
Nos braços d'outra
E' gelo amor.

Quem de Marilia
Teve um favor,
De outra o não queira
Que insulta amor.

CANÇONETA III.

Eu te havia dado a ella,
Ella hoje a mim te deu,
Depois de ter-te dois dias
Guardado no seio seu.

N'um momento, em que o ciume
Me deslumbrava a razão,
Foi que te depoz na minha
Sua delicada mão.

Ousou vêr crime em seus olhos
Meu ciume, o crime é meu:
Foi delirio uma suspeita
Contra as estrellas do Céu!

Quando estiveste em seu seio
Batia seu coração?
Dize-me o que elle sentia,
Tem dó, não me enganes, não.

Tens as feições da innocencia,
E tens a côr da candura:
Não me enganes, que quer ella?
Meu mal ou minha ventura?

Que delicia tem seus olhos!
Sua bocca, toda ella,
Ou falle, ou cále, ou se mova,
Não sei quando é mais bella.

Sei que estou louco de amores,
Que ella mudou minha essencia,
Que si não fôr toda minha,
Nada val minha existencia.

Tu que seu corpo tocaste,
Flôr dois dias venturosa;
Tu sabes quanto ella é linda,
Como é suave, e mimosa!

São d'ella meus pensamentos,
E' minha ideia querida;
São d'ella razão, desejos,
Meu coração, minha vida.

Andarás sobre meu peito,
Amiga e ditosa flôr,
Tu serás meu talisman,
Irás commigo onde eu fôr.

CANÇONETA IV.

Azeda um nada
O sofrimento,
Adoça um nada
O seu tormento.

Para a indiff'rença
Um nada é mudo,
Mas n'amizade
Um nada é tudo.

São os preceitos,
Que tu me deste;
Oh! não desmintas
O que escreveste.

E si uma emenda
Possivel fôr,
Com a amizade
Confunde amor.

José da Natividade Saldanha.

ODE I.

A André Vidal de Negreiros.

Strophe 1.

Eu (mil graças ao Ceo!) se em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao vate Argivo a lyra d'oiro,
Semeio nas campinas da memoria
Canções credoras de perpetua gloria.

Antistrophe 1.

As redeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora, e bella,
Ignivomos Etontes atropella,
Guia a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume;
Os Cantores do Pindo, que emudeção
Ao teu imperio os Astros obedeção,

Epódo 1.

E mais ligeiro
Do que o ribeiro,
Que accelerado
Descorre o prado
Serpenteando,
Vai tu levando
O teu carro á azul esphéra
Onde Phébo só impéra.

Strophe 2.

Fuja o profano vulgo inepto, e rude
Para ouvir os Misterios,
Que o altiloquo Vate patentêa,
Quando alegre bebendo a clara vêa,
Da encantadora, diva Cabalina,
Troca a vida mortal pela divina.

antistrophe 2.

Oh monte! oh monte ao vulgo inaccessivel,
Onde florêa Apollo!
Quem, do Etonte domando o bravo cóllo,
No teu cume fuzila brando canto,
Quem cinge a douta frente
Póde afoito dispôr da humana sorte,
Dar vida ao sabio, dar ao nescio morte.

Epódo 2.

Se o grande Homéro
De Achilles féro,
Que Heitor procura,
A paixão dura
Não arpejára,
Na lympha amára
Desse lago celebrado
Jazeria sepultado.

Strophe 3.

Se tôrvos sopesando invicta lança,
O' Musa, não podemos
No campo sanguinoso de Mavorte
Espalhar de uma vez terror e morte,
Podemos, fulminando excelsos hymnos,
Dos humanos mortaes fazer divinos.

Antistrophe 3.

Levemos dos Heróes Pernambucanos
A rutilante gloria
Ao Templo sacrosanto da Memoria:
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos Varões famosos,
Que da inveja a pesar em toda a idade
Entregarão seu nome á Eternidade.

Epódo 3.

Assim de Roma
A gloria assoma,
Que do Latino
Em som divino
Relampeguêa
De graça cheia,
Quando fere a doce lyra
Por quem Orion suspira.

Strophe 4.

Porém, ó Musa bella, o carro volta
Aos altos Guararápes,
Nêlles procura o forte Brasileiro,
Tigre sedento, Lobo carniceiro,
Que dardejando a espada em dura guerra
Faz tremer ao seu nome o mar, e a terra.

Antistrophe 4.

Ante os muros de Troia fumegantes
Pélides furioso
Pela morte do amigo bellicoso
Mais estragos não vibra, nem ruinas;
Nem o Aquilão fremente
Que, o pego marulhoso revolvendo,
Vai montanhas de espuma ao Céo erguendo.

Epódo 4.

Brava procéla
Tudo atropéla,
Ao Belga forte
Fulmine a morte
E o meu Negreiros
C'os Brasileiros
Augúra cheio de gloria
Em seus brios a victoria.

Strophe 5.

Por cem bocas de fogo devorante
Volcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador, e forte,
Por entre denso fumo a negra morte;
E o nitridor ginete atropelado
Respira fogo em sangue misturado.

Antistrophe 5.

O vibrado corisco tripartido
Pela dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina,
Tão rapida não he, nem tão ligeira
Como o nosso Camillo,
Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração, nos olhos fogo.

Epódo 5.

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro;
Negreiros caro
Consegue o loiro
De Heróes thesoiro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue inda banhada.

Strophe 6.

Será preciso, ó Musa, que sigamos
O Heróe á toda a parte?
Que ao Rio Grande vamos, e á Bahia,
Onde calcou Vidal a força impía
Do tyranno Hollandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito?

Antistrophe 6.

Descancemos do claro Paraiba
Na margem abundante,
Onde brinca favonio susurrante;
Brilhe tambem na vasta redondeza
Esta Illustre Cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros,
Terror do Belga, amor dos Brasileiros.

Epódo 6.

Porém em tanto
Suspende o canto;
Do teu auriga
A' dextra amiga
Confia o leme;
O Cisne teme
Que do Heróe cantando a gloria
Talvez lhe manche a memoria.

ODE II.

A Antonio Felippe Camarão.

Strophe 1.

Dulcisono instrumento,
Que de claros Heróes levaste o nome
Ao alto Firmamento,
Quando o Cantor do Ismeno
O Plectro audaz vibrava,
Eléva agora ao Templo da Memoria
Novo Heróe, que brilhou no Ceo da Gloria.

Antistrophe 1.

De sacro enthusiasmo arrebatado
Além da humana esphéra,
O Argivo Cisne em metro não ouvido
Celebra o combatente,
Que o bravo Corredor domou valente;
Ou nos Pitios combates valeroso
O triumpho colheo victorioso.

Epódo 1.

No Pégaso correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do Brasilio Marte,
Vou colher sem demora
Flores em toda a parte,
E tecer-lhe depois em Dirce bella,
Ao brilhar de meu canto, huma capella.

Strophe 2.

D'entre larga espessura,
Ouvindo a voz da Patria, a quem opprime
A tyrannia dura,
Sai Viriato forte
Invicto Lusitano,
E clamando vingança, e liberdade,
Resôa a voz na ethéria immensidade.

Antistrophe 2.

Qual da Sicilia o monte pavoroso,
Que, chammas vomitando,
Entre nuvens de fumo tudo abraza;
Qual Bóreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,
Com estampido atroador soando,
Vai as altas montanhas abalando.

Epódo 2.

Tal Viriato, a Patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata;
E, Tigre furioso,
Fere, atassalha, e mata.
O Imperio Quirinal ao vê-lo geme,
De susto cheio o Capitolio treme.

Strophe 3.

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre Brasileiro,
Negro Aquilão fremente,
He dest'arte, que busca
O Batavo em Goianna;
E, hum dia inteiro em horrida batalha,
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

Antistrophe 3.

Tanto valor não tem, constancia tanta,
O grande Heróe Troiano,
Quando montado no veloz ginete
Pela Patria peleja;
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Açoita as ancas o cocár doirado.

Epódo 3.

Patrocolo denodado, que atrevido
Ante os muros Troianos apparece
Cedendo ao braço duro,
Succumbe, desfallece;
E o bravo Heróe, inda a pezar dos annos,
Marcha na frente dos Heróes Troianos.

Strophe 4.

O Scipião famoso,
O Belga em Santo Amaro derrotando,
Cinge o loiro ditoso,
Seu aspeito annuncia
A fugida, ou a morte,
De hum lado a outro qual peloiro vôa
Sôa a victoria quando o bronze sôa.

Antistrophe 4.

Mais velozes não forão na Sicilia
De Pompêo os triumphos,
Que avassallou innumeras Cidades
Com deshumano estrago:
Nem do Heróe, que de gloria encheo Carthago,
E que, sendo o terror da invicta Roma,
Flaminio, Scipião, Marcello doma.

Epódo 4.

Não póde estar em ocio descançado
O Heróe, a quem Mavorte inflamma o peito,
Na illustre Paraiba
O Hollandez he desfeito;
Cunhaú, onde o Belga he triplicado.
Vê Camarão, e o Belga subjugado.

Strophe 5.

Sobre teu alto cume,
Erguido Guararápe, altivo monte,
Qual fulgurante lume
Por Jove dardejado,
Brilhar tambem o viste
Quando todo em furor, desfeito em ira,
Vingança, e liberdade só respira.

Antistrophe 5.

Quanto he grato suster da Patria cara
A fugitiva gloria!
Deste modo se alcança no Futuro
Cubiçoso renome,
Que o tempo estragador jámais consome
He credora de inveja, he feliz sorte
Pela Patria acabar em doce morte.

Epódo 5.

Agora, Musa minha, em Porto calvo
Colheremos a flôr mais fresca, e bella,
Que hade ornar do Guerreiro
A brilhante Capella:
Escape de huma vez o Heróe famoso
Do cégo Tempo ao ferro sanguinoso.

Strophe 6.

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do Brasilio esposo
A nobre esposa amada.
No campo dos Troianos
Camilla furiosa,
Voando sobre a grimpa da seára
Mais triumphos á morte não prepára.

Antistrophe 6.

Assoberbão o Batavo nefando,
O quente sangue espuma;
Qual Belga foge, qual Brasilio fere;
Quem evita o Mavorte
Na espada feminil encontra a morte;
Ambos assim cobertos d'alta gloria
Alcanção do Hollandez clara victoria.

Epódo 6.

Brasilio Camarão, Indio Mavorte,
Recebe com prazer esta Capella,
Que te consagra o Vate;
Com ella adorna a frente;
E da Fama loquaz no excelso Templo
Aos futuros Heróes dá nobre exemplo.

ODE III.

A Henrique Dias.

STROPHE 1.

Não posso, egregio Henrique, em larga cópia
As lagrimas da Aurora offerecer-te;
Nem de marmore luzente
Padrões eternos contra o Tempo erguer-te;
Porém ao som do plectro, que desfiro,
Com aureo canto eternisar-te posso:
Dom de maior valia,
Que cem columnas do opulento Efiro.

ANTISTROPHE 1.

Quando no Olimpio circo,
Não mortal, todo Nume o Argivo Cisne
Da atropelada boca
Novos vibrava audaciosos Hymnos,
Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victoria
Conseguio ao Senhor, se encheo de gloria!

Epódo 1.

Nem só de Ilio bateu Neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em torno correo do Argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patrocolo:
Nem o velho Nestor, que honrára Pilos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

Strophe 2.

Oh! mil vezes ditoso, o que da lyra
Tirando sons, milagres de harmonia,
Que o Patarêo inspira,
Rouba os Heróes do tempo á foice impia
Ditoso, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a Patria gloria!
Assim Camões divino
Ergueo-te, ó Gama, eterno monumento.

Antistrophe 2.

Assim outr'ora Elpino,
Atropellando os E'vos fugitivos,
Da immensa Eternidade
As bífores abrio formosas portas
Quanta d'ali rutíla
Brilhante gloria em Azamor, e Arzila!
Viste de novo Adamastor, ferrenho
Sulcar teus mares luzitano lenho.

Epódo 2.

Qual furor divinal de mim se apóssa!
Que sacro enthusiasmo
Em grossos turbilhões me assalta á mente!
Onde me elevas impeto divino!
Oh Passado! Oh Futuro! Eu vejo tudo,
Abrem-se os penetraes aos meus accentos.

Strophe 3.

Henrique! Lá me assoma em densa tréva
Do féro Belga a alta trincheira invicta!
Que clamor, que se eleva!
Que terror nos cercados, que se excita!
O bipene cutéllo a Parca afia
No fuzilo dos elmos, das espadas;
Trôa o bronze inflammado,
Que em chuveiros a morte despedia.

Antistrophe 3.

Como debalde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio!
Como!.. Já se arremessão
Altas escadas ás trincheiras altas;
Já tremúla a primeira
Sobre as muralhas Portuguez bandeira;
Já curvas, Hollandez, com fado escasso,
Altiva fronte do Africano ao braço.

Epódo 3.

Freme na Estancia o bellico Mavorte
Fulminando ruinas.
Lá Dias apparece... ah! quão azinha
Foge ao vê-lo a Batavia atrocidade,
Assim de Heitor fugia o Grego imbélle,
Que as muralhas de Troia acommettia.

Strophe 4.

Que confusão, ó Musa, que alarido!
O Ceo se encobre de negrume horrendo!
Que estrondo nunca ouvido!
Que sangue pela terra vai correndo!
Que he isto!.. Mas lá sôa... «O Belga forte,
« Nas Salinas fugir em vão intenta;
« Henrique os atropélla;
« E a seu lado se espraia a negra morte. »

Antistrophe 4.

Tal do Heróe de Carthago
Fugia á vista a Quirinal cohórte;
Quando em Trebia valente
O Consul atrevido derrotára.
Tal foge temeroso
Do açor cruento á garra furibunda
O aerio bando de mimosas pombas.
Tanto do Heitor Brasilio assusta o braço!

Erôdo 4.

Como lá foge ao vê-lo nas Tabocas
O Batavo medroso!
Como sem côr, sem vida, espavorido,
De susto cheio, no Afogado foge!
Como tresúa navegando os mortos
Na féa Barca o sordido Charonte!

Strophe 5.

Guararápes! abaixa o nobre cume;
O Illustre Scipião lá vai subindo,
Que nunca visto lume
Da fulgurante espada vem sahindo!
Relincha o nitridor atropellado
Sangue e fogo no freio mastigando;
Lá sôa!.. lá começa
Dos peloiros o estrondo repetido.

Antistrophe 5.

Qual do cavallo vôa,
Qual sem cabeça corpo vai rolando
Qual decepado braço,
Inda tremendo aperta a quente espada,
Qual sem dono ginete
Pisa, e repisa galopando o campo..
Lá dá costas o Belga, lá procura...
Nas densas matas o mesquinho abrigo.

Epódo 5.

Musa!... porém já basta, descancemos
Hum pouco a lyra d'ouro;
E entretanto conheça o Mundo todo,
Que entre o remoto Povo Brasileiro
Tambem se crião peitos mais que humanos,
Que não invejão Gregos nem Romanos.

ODE IV.

A Francisco Rebello.

Strophe 1.

Brasileiros!.. de novo afino a lyra,
E o Nume de Patara,
Que os lisongeiros Vates não inspira
A minha mente inflamma.
Tecei-me nova corôa,
Filhas do Céo, Razão, Ingenuidade;
Pois agora acordando
A' lyra Brasileira os sons Argivos,
Vou estampar o nome
De Rebello immortal na Eternidade.

Antistrophe 1.

Já da Apollinea chamma
Aceso turbilhão me desce ao peito!
Como hum tropel de idéas magestosas
A mente me confunde!
Eu vejo, eu não me engano, o Delio Nume
Que aos ouvidos me entôa altivos Hymnos:
O' Pindaro! esmorece;
Tu já tens hum rival no amor da Patria,
No canto, que aos Heróes dá nome e vida.

Epódo 1.

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
Que não póde escutar os sons cadentes,
Que o Vate desencerra;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á Lyrica não sóbe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos;
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Filinto, Coridon, e Alfeno;
Meiga pompa ululante
Não segue os vôos da ave Tonante.

Strophe 2.

Vem, Aonio, a meu lado ouvir meus hymnos;
Vem a prestar-me a lyra,
Que hoje tem de troar com sons divinos,

Quaes Diniz, que nos guia,
Outr'ora modulára;
Vem commigo cantar, deixa de parte
A arrufadiça Ulina.
Se devemos á Patria a nossa vida,
Demos-lhe a nossa fama,
Demos vida aos Heróes, que á Patria a derão.

ANTISTROPHE 2.

O' vós sombras divinas,
Manes de Henrique, Manes de Negreiros,
As campas sacudi, erguei a frente
Para escutar o Cisne,
Que roubou vosso nome ás mãos do Lethes.
Exultai! Novo Heróe vai hombrear-vos
Sobre as azas da Fama.
Teve parte comvosco nos perigos,
Vai ter comvosco seu quinhão na gloria.

EPÓDO 2.

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
Emulando de Marte a valentia,
Venceo Numancia féra,
Carthago derrotou, deo leis ao Mundo
Foi doce á Patria, horrivel ao imigo:
Qual Condé, cujo nome portentoso
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao Marcio campo,

Levava no seu braço
O augurio não fallivel da victoria:

STROPHE 3.

Rebello assim desfeito em chamma, em ira,
A toda parte vôa,
E onde assoma valor, audacia inspira.
Treme de ouvir-lhe o brado
O Belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme
Provocando o inimigo,
C'a espada trovejou raios de mortes,
E, Hercules imitando,
Rouba a vida a hum Antheo c'os rijos braços.

ANTISTROPHE 3.

Foge o Belga medroso,
Foge á vista do Heróe; porém aonde
Póde escapar ao raio? O Heróe o segue,
Assoberbando tudo.
Nada lhe embarga os passos, nada o prende;
Chammeja, espuma, brama, e os campos tála,
Desmorona os reductos;
E de sangue, e de gloria, e pó cuberto,
Entre impios ossos caros ossos piza.

STROPHE 3.

Mazurépe! Já vôa em teu soccorro,
Dos olhos scintillando fogo ardente,

Sedento do inimigo,
O Heróe a cuja fama he pouco o Mundo.
Já!.. Que horror! entre fumo, entre alarido.
Chove o bronze mortifera granada;
Cruzão lanças, a hoste se derrama....
Exulta, ó Mazurépe! O Belga cede,
Ante o Brasilio raio
Tudo he pó, tudo he cinza, tudo he nada.

Epódo 4.

Novo campo de gloria se offerece
Ao Brasileiro Tigre:
Sigismundo a vingar-se lhe apparece.
O' Belga desgraçado!
Porto Calvo famoso
Por tres vezes te vio deixar-lhe o campo,
Quando Rebello forte,
Á dextra o raio, o terrorismo á frente,
Impavido assomando,
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

Antistrophe 4.

Assim o antigo Persa,
No esquadrão numeroso confiando,
Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
Assim Flaminio bravo
A' gloria de Carthago, ao fero Annibal:
Tal em Neméa os bravos Sicilianos

A Pericles se offerecem;
Assim nas margens ferteis do Garonna
A aguia soberba foi lançada em terra.

Epódo 4.

Taparica infeliz em ti devia
Com a morte coroar tantas victorias.
Peloiro penetrante,
Rompendo o peito forte, foi beber-lhe
As fumantes entranhas inda quentes,
E envolvido em trophéos do seo triumpho
Na campina Mavorcia teve a morte.
Porém quando se chega ao Ceo da gloria
A existencia he pesada:
Assim Turenna sobre o campo expira.

Strophe 5.

O' Patria minha, e delle! enxuga o pranto;
Morreo; mas libertou-te,
E de novo revive no meo canto.
Inda hoje a sombra sua
Te cerca a todo o instante,
E c'os olhos em ti, assim te brada:
« Exulta, o Pernambuco,
« Dei a vida por ti: foi doce a morte;
« Não te falta o meu braço,
« Tu genios inda tens, que me assemelhão.»

Antistrophe 5.

O' Jovens Brasileiros,
Descendentes de Heróes, Heróes vós mesmos,
Pois a raça de Heróes não degenera,
Eis o vosso modelo;
O valor paternal em vós reviva;
A Patria, que habitaes, comprou seu sangue,
Que em vossas vêas pulsa;
Imitai-os, porque elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seos caros filhos.

Epódo 5.

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava;
Assim o egregio sangue
Em Thermopylas dura derramado
Antolhava em seus filhos vingadores:
Tomai delles o brio, a força, a manha;
Sêde sempre fieis á Patria cara;
Vós sereis Brasileiros;
Sereis Pernambucanos verdadeiros.

José Eloy Ottoni.

LYRA I.

Desengano.

Eu te adoro, meu bem; aos teus altares
Humilde eu mando Arabico perfume,
Que em solta nuvem de enrolados glóbos
Ao throno chegue de propicio nume.
Mas ó presagio triste!
O Ceo negro troveja.
Roxo corisco fende o ar nublado:
E o corvo grasna do sinistro lado.

Acóde, ó bella, se o teu astro brilha,
Si os nautas clamam—Deusa, não te escondas
Naufrago lenho sobre estranho pêgo
Vence atrevido as empolladas ondas.
A quem te implora, acode;
Eu, que assiduo te imploro;
Que os teus altares reverente bejo,
Serei.... ó dôr! a fabula do Tejo?

Denso vapôr electrico discorre
Ingrata via sobre os tôrvos ares;
Manda, que o meu batel naufrague,
A mão, que enfreia, e que serêna os mares.
De mal aceito culto
A reluctante chamma
Suffocada dos ais, que Amor desconta,
Não se apaga, não morre, ao Ceo remonta.

Que eu toque a meta do despreso altivo,
Que eu banhe as faces de amargoso pranto,
Tu pódes conseguir; porêm não pódes
Prohibir-me de amar; não pódes tanto.
De orgulhosa vingança
O peso não me opprime:
Si me desprezas, digam, si te adóro,
Os ais que arranco, as lagrimas que choro.

Este fragil batel, que ás ermas praias
Do fulvo Tejo a tempestade lança,
O meu naufragio ao pescador aponte,
Depois de calmo o vento, o mar bonança.
De livido despojo
Os caracteres leia,
Mostrem-lhe o caso de inexperto amante
A rota quilha, o remo fluctuante.

O écho, que o teu nome repetia,
Quando o teu nome ao écho eu ensinava,
Ferindo agora lugubres accentos
Repete o mesmo, que elle então cantava.
E quando entre suspiros
O queixoso amador
— Analia... Analia—diz—vêm a meus braços.
Retumba — Analia — sobre os vitreos paços.

As Tagides de pejo confundidas,
De susto o pescador arrebatado,
Ouvindo — Analia — ficaráõ suspensos,
Qual muda rocha d'outra rocha ao lado.
E mal a negra noite
Estende o manto escuro,
Virão piar ao sitio sobranceiras

Nocturnas aves, aves agoureiras.
Tempo virá, que vendo procurado
Sobre esta praia algum vestigio humano,
O naufragio de Amor dê nome á praia,
Fique a praia do tardo desengano:
E os ultimos fragmentos,
Que á posthuma lembrança
A mão fraterna da piedade ajunta,
Irão jazer no templo de Amathunta.

Perdoa, Ente de Amor, si a formosura
Ingrata sempre ao coração responde;
Ou não existe o Creador influxo,
Ou si o creaste, dize-nos, aonde?
No peito de uma ingrata
Jamais existe amor.

LYRA II.

A Princeza da Beira.

Da innocencia e da candura
Scintilla o fôco brilhante;
Arde a tocha fulgurante,
Que symbolisa hymeneo:
Acodem risos de Venus,
Em grupo graças e amores,
Da terra abrolham as flôres,
Goteja orvalho do Ceo.

Recostado o rio ameno,
Que fecunda estas campinas
Vai retratando as boninas
Sobre o liquido cristal.

Dos Augustos Ascendentes
Falta o doce, patrio abrigo!
De oliveira tronco antigo,
Falta o leito nupcial!

Aos ardores com que o Sol
Tinge a côr da Zona ardente,
Suppre o animo innocente
Do moço braço e gentil:
Banha o lucido Cruseiro
Novo gráu de claridade,
Aos effeitos da saudade
Suppre a gloria do Brasil.

Eis a Esposa... Como é pura!
Entre as virgens como é bella!
Eis o Heróe, que é digno d'ella!
Já brilha a Estrella do Sul:
Ao vêr o rosto suave,
Que mitiga a Hiberia o pranto
Desdobra Thetis o manto,
Bordado d'oiro e de azul.

E' mais bella do que o ramo,
Que jámais as flores perde,
Aonde insecto auriverde
Brilha junto ao caracol;

E' mais gentil do que o cedro,
Quando a casca o germe empola,
Mais innocente que a rola,
Quando geme ao pôr do Sol.

Abre o caminho á virtude,
Gradas espigas lhe lança,
Ao regio lado a esperança
Bafeja fructos de amor;
Sente a America o preludio
De movimento suave,
Que nas mãos lhe põe a chave
De imperio culto e maior.

Volvendo os fastos de Lysia
Entre os mysterios, que adora,
Ha muito um riso d'Aurora,
Este successo prediz;
O natalicio, que o Tejo
Inda recorda saudoso,
Foi annuncio pressuroso
D'este consorcio feliz.

Na belleza do Universo
Formam as leis da harmonia
Simplicidade, alegria
Que nascem do coração.

Ás nupcias da natureza
O mar e a terra assistiram
Todos os entes sentiram
As Leis geraes da attracção.

Assim na infancia priméva
Que o pintor do Eden cantava,
Por entre as flores raiava
A innocencia do jardim;
Como um arroio abundante,
O mel e o leite corria,
O genio da paz tecia
Festões de murta e jasmim.

Eis o berço de verdura
E assucêna matisado,
N'este sitio affortunado,
Que o Eden o par descantou!
De ouro e purpura fulgente
A natureza vestio-se.
. . . . . .
. . . . . .

LYRA III.

Tristeza.

Por mais que a Lyra eu ajuste,
Por mais que as cordas affine,
A voz da lyra enrouquece,
O som das cordas não tine.

Immortal filha de Jove,
Para que me deste a lyra?
Si o teu vate as cordas fere,
Em vez de cantar, suspira!

Apenas ajusta o canto,
Unido ao som do instrumento,
Treme a voz, e a mão cançada
Manda o som disperso ao vento.

Si á força dos ais, que arranco,
Solto um ai do peito fóra,
O echo não me responde,
E quando responde, chora.

Queres que a mente inspirada
Se occupe de amantes queixas?
E o canto alegre dos hymnos
Se torne em tristes endeixas?

Um genio os passos me guie
Sobre campos matisados
De frescos lyrios, que, ao longe,
Pareçam grupos nevados.

LYRA IV.

A Pastora.

Josino, a Pastora,
Que adoras, é bella?
— Não é tão formosa
De Venus a estrella. —

Os olhos despendem
Viveza e calor?
— São mais poderosos
Que as settas de amor. —

Pois ferem, pois matam,
Disei-me, o que sentes?
—Não matam, não ferem,
Mas são eloquentes.—

Os olhos que exprimem,
Que podem fazer?
— A uns fazem magoa,
E a outros prazer.—

E logo figuram
Dois raios que ferem?
— Figuram brilhantes,
Que fallam, si querem.—

Disei-me, das faces
A côr é mimosa?
— E' um mixto de neve
Com folhas de rosa.—

Talvez de artificio
Proceda a mistura?
—Pastora innocente
Não ama a pintura—

Si as faces desmaiam;
Depois não melhoram?
— Desmaiam de susto,
De pejo se coram.—

A côr de seus labios
Mudança não sente?
— Não mudam de côr
Rubins do Oriente. —

A boca tem todos
Os dotes precisos?
— A boca é thesouro
De graças e risos. —

E os dentes parecem
De jaspe ou marfim?
— Excedem n' alvura
Da Italia o jasmim. —

Figura-lhe o collo,
E o seio descreve.
— E' um golfo de amores,
Duas ilhas de neve. —

Os braços, que são?
Responde, Pastor.
— Porções de alabastro,
Cadeias de amor. —

O gesto, a figura,
O talhe é garboso?
— Tem mais gentileza,
Que o cedro frondoso. —

Que seja o retrato
Tal, eu não creio.
— A origem não mente,
Do Céo é que veio. —

Si o nome lhe occultas,
Eu mais não prosigo.
— Prosegue; o seu nome....
Perdôa, não digo. —

Ao menos impresso
Não tens no cajado?
— E' sobre o meu peito,
Que o tenho gravado —

LYRA V.

Os Expostos.

O Ceo, — quem é que não sente? —
Quiz a bem da humanidade,
Que fosse a Maternidade
O sacerdocio de Amor.

Deu-lhe a voz do sentimento,
Os affectos de ternura,
Deu-lhe o dom de creatura
Semelhante ao Creador.

Se vinga o fructo, que nasce,
De ternos suspiros seus,
Então se assemelha a Deus
Na imagem, que reproduz.
Que dignidade! Estremecem
Os Anjos, a natureza,
Vendo a origem da nobreza
Tão discreta como a luz.

E cabe ao ente mais nobre
No seio de amor nutrido,
Roubar ao recem-nascido
O que a ternura lhe deu!
Assim no embate violento,
Que o mundo moral sentia,
Fugio do centro a harmonia,
E nas trevas se escondeu.

Lá se escuta ao som do vento
Na solidão pavorosa
De uma noite tenebrosa
Um innocente gemer....

Que tigre de raça humana
No maior agastamento
Pode ouvir este lamento,
Sem jamais se enternecer?

N'este recinto innocente,
Onde amor com as graças lucta,
Pois que a miseria se escuta,
Este clamor escutei:
«—De que nos serve a existencia?
» A mão que póde dar vida,
» Se torna sempre homicida,
» Si do interesse faz lei.

» Pequeninos.... no regaço
» De calor desconhecido,
» Expostos..!—» E n'um gemido
Esta voz emmudeceu.
Novo clarão de esperança
Que abre o genio bemfazejo,
Por quem chora e vive o Tejo
Sobre o recinto desceu.

Exultai, ó pequeninos,
Aurora de novo dia
De longe vos annuncia
O da existencia prazer.

Sentireis calor tão puro,
Como o Sol, quando enche os vales,
A' noite de antigos males
Nova luz vai succeder.

Lyra, si a Augusta Princeza,
Que tu cantas, e eu contemplo,
Nos mostra a seu lado o exemplo.
De ternura maternal. . . .
Este argumento é mais nobre,
Que o teu som pequeno e rude,
Elle descobre a virtude,
Que liga o bem social.

SONETO I.

Quando o Genio de Lysia á foz do Tejo,
Mostrando a espada e loiro aos pés do Throno,
Tropheos de Luza gloria arranca ao somno,
Em qu'a Europa jazia, oh dor! sem pejo;

Quando filha de Amor, mãi do dezejo,
A saudade em pranto, em abandono
Vendo o berço de heroes, Patria sem dono,
Das cinzas fez brotar valor sobejo;

Quebrou-se o nó, qu'a frouxa Europa atava;
E o Brazil vendo o Principe, qu'adora,
Vem, Princeza, a teus pés depôr a aljava.

Feliz o Tejo então, feliz agora!
Se então era feliz quando gozava,
Agora he mais feliz quando te chora!

SONETO II.

Cauteloso do inverno o passarinho
Vai buscar o calor no clima alheio;
Lá vão as graças do paterno enleio,
Lá vai a espoza, e o cantor vizinho.

Da innocencia de Amor fructo mesquinho
Pouco a pouco de Flora aquece o seio
Vem c'oa nova estação novo recreio
Torna a vida e calor ao patrio ninho.

Não susurra no Tejo infausto agoiro,
Tudo renasce, brota o tronco a hera
Co' a esperança do Zephyro vindoiro.

Quando virá tão fresca Primavera,
Que outra vez encostado ás urnas d'oiro,
O Tejo torne a ser quem d'antes era!

João Gualberto Ferreira Santos Reis.

A Saudade Paterna.

Fado da humana especie! Que ha de o Gosto,
Entre as sombras teimosas das Desgraças,
Entre o crebro lidar, que vem co' a vida,
Relampago fugaz, luzir, sumir-se!
Illudido Mortal! Inda te empregas
Em sonhadas venturas?! Porque as velas
Tão amplas sóltas a desejos tantos:
Do meio dos projectos mais pomposos,
Dos traços mais risonhos nasce o pranto!
No campo, em que vegetão as Grandezas,
Em que as Honras vegetão, surge o Nada;
E da vida no chão pullula a Morte!
Ai Esperanças vans! Sem que cheguemos
As delicias gozar, que ou d'atra noite
Nunca rompem de incognitos futuros,
Ou rebentando apenas, pêcas morrem,
Apoz das dores e ais, que nos rodeião,
Asperrimo apparece o Desengano!

Suspira-se o ser Pae: completo o voto,
Vem o thoro enfeitar prole querida:
Eis infante gentil nos ri nos braços;
E ao passo mesmo, em que os mimosos dias
Manso e manso lhe vai abrindo o Tempo,
Encantos novos no paterno peito
Vão as doces raizes penetrando,
Que poder nenhum ha, que as desaferre.

Quem bem exprimirá o terno enlevo
Com que os primeiros sons *Pae*, *Mãe*, lhe ouvimos
Quem o deleite, em que se arraza o peito,
Quando os molles bracinhos estendendo,
Aos braços nossos galhofeiro corre?
Brincos travessos,
Gratas loucuras,
Faceis arrufos,
Que breve acabão;
Innocente des-siso,
Caracter da viveza e da candura;
Mal explicadas vozes
De que preço não são, quanto não valem
No coração paterno?
Que consolo não he, que desenfado
Aceitar-lhe os festejos carinhosos,
O fagueiro alvoroço, o brado amigo,
Quando aos lares chegamos, quando exige
A esperada frutinha, o usado mimo,
Que o paterno disvelo insomne estuda?

O genio agudo, a perspicacia, o tino,
Que vai aos poucos desfiando a idade,
Que lustroso porvir não afiança?
Que gloria inexplicavel... Mas emtanto
Que tão doce prazer nos embriaga,
Não longe está o desgostoso morbo,
A cujo bafo e peste
Tem de em breve murchar a Flôr mimosa!
Ei-lo perto negreja, e chega, e ataca!
A febre chammejante
As medullas ao Triste inflamma e torra!
O corpo he braza, o pulso lhe galopa,
Ardem-lhe as faces, e delira, e geme!
Tosse arquejante a maquina tenrinha
Despiedada a sacode,
E como que pretende
O anhelito final cortar-lhe a instantes!
Sequazes de Chiron, filhos de Apollo,
Apurai, apurai as artes vossas!
Ah! rapidos correi! Expertos olhos
Leião a queixa! Perspicazes dedos
O progresso fatal na arteria indaguem!
Ás ancias lhe acudí! Porque tão frôxos
As horas dilataes da vinda vossa?
A idade pueril talvez cuidados
Vos não merece tantos! Insensiveis
Sereis talvez ao magoador gemido,
Que no tenro innocente a dor indica!
Não sois Paes? A afflicção, que o dilacera,

O duro coração vos não abala?
Quando mais cuidadosa a ave observamos,
Que quando implumes os filhinhos chorão!?
Quando extremoso mais ha de o Colono
A plantinha zelar, que quando molle
As primas folhas vai mostrando ás auras?
Co'as promessas pomposas da Esperança
Vezes não poucas mais se estende o gosto,
Que c'os chegados bens, que já se gozão.

Sequazes de Chiron! Eia, inspirados
Do loiro Deos, que a Medicina achára,
A Prenda soccorrei, em cujos dias
Vive dos dias meus toda a ventura!
Mas.... ferrea lei do Fado! inexoravel
O Decreto firmou, que ha de esta Rosa
Inda em tenro botão voltar ao nada!
Exacerba-se o mal de dia em dia,
E cresce c'o perigo a desperança!
E ou porque cega o casual acerto
A Arte Peónia então o não achasse,
Ou antes porque cheio
Ficar devêra o aresto irrevogavel;
Nullos de todo os vividos esforços,
Inuteis os disvelos,
A' victima inculpada
Já mortal pallidez lhe occupa as faces.
A tristeza as possue, fogem os risos,
A ancia recresce, as forças esmorecem!

Contra o misero estame,
Que inda tão curto começado havia,
As tesoiras fataes aguça Atrópos,
Sofrega o corta, e sempiterna sombra
A luz roubando aos desmaiados olhos,
Para não mais abrir-se os cerra a Morte!

Attractivos pueris, vozes mimosas,
Innocentes encantos, ai! Voastes!
O adorado composto, em que pulaveis,
Já fria quietação, mudez eterna,
E a cinza primitiva o occupão todo!
No silencio jazer vão do sepulcro,
Para não mais surgir tão doces graças!
Desse funereo, pranteado leito
Sómente surge a dôr, surge a Saudade!
Poucos instantes ai! Poucos instantes
Restar podem, que avistem nossos olhos
Este despojo exanime do Nada!
Affectos paternaes! Eia, regai-o
Com saudosas lagrimas! Do peito
Em ais involta se alivie a magoa!
Que com este dever do amor mais puro
Folga desabafar-se a Natureza!
E pôde, ó caro Filho! o Céo, e pôde
Vida tão verde... O' Céo! E os seus designios
Sugeitos são talvez ao desacerto?!
Os olhos seus agudos não penetrão
A travez, lá das eras mais longinquas

A ordem dos successos?! Não regula
Seu próvido querer terno e benigno
Sempre para o melhor nossos destinos?!
Vida tão verde! Murmurar te atreves,
Indiscreto Mortal! Das sabias Ordens
Que lavra, por bem teu, a Mão do Immenso?!
Do filho a vida, despontada apenas,
Cortada choras por indigna Parca!
E sabes que desgraças, que flagicios,
Que nódoas, que deshonras, que máos fados
O immaturo morrer vedou-lhe agora?
N'um feretro entre flôres,
Onde revoão eternaes venturas,
Que certas gozão inculpadas almas,
Zombando o vês da morte; e em suas faces,
Inda que exangues, a innocencia rindo.
E sabes se de crimes denegrido
Ou reaes, ou inventados da Calumnia,
De maldições coberto e de ignominia,
Triste opprobrio dos seus, injuria á Patria,
N'um cadafalso infame,
(Scena de horror!) daria o arranco extremo?
Quem sómente por si salvar-se póde
Do pégo das Desditas, que na Terra
Contra os Humanos sem cessar braveja?
Quem seguro estará de ruins azares?
Indiscreto Mortal! E inda prantêas?
Á mágoa inconsolavel
Inda abandonas o imprudente peito?!

Gema, sim, a saudade:
Sentimentos paternos
Aos olhos tragão a ternura d'alma:
Que o coração de penha
He dos Humanos odio, odio he dos Numes:
E nem o Céo se offende
Do modesto sentir da natureza,
Que a meta do Dever não ultrapassa.
Mas de hum Deos aos Decretos Venerandos.
Que sempre justos vem do Solio ethereo,
Submettida a Razão, que guiar-nos cumpre,
Curva, os respeite, e com louvor adore.

ODE.

Quando vejo na azul esphera ao longe
Apontar o debrum da tempestade,
E promptas nuvens, abafando os astros,
Forrar de escuro o polo;

Quando em aguas desfeito o atroz negrume,
Matando a terra a torradora sede
Em largos vejo creadores nimbos
Descer a vida a tudo:

Valer quizera quantos Entes o Orbe,
Quando o Empyreo espiritos povoam;
Porque digno louvor por bocas tantas
A mão suprema entoam.

— Si aqui languente os petalos fechava
Aos ardores da secca a flôr mimosa;
E pecco ali da larangeira murcha
Despegava-se o fructo;

Si a ceára acolá, pallida a folha,
O tope exhausta não alçava aos ares;
E fria de esperança horriveis damnos
Aos mortaes agoirava.

Pluvioso alento já bebendo a terra,
Graminoso tapiz prodiga ostenta;
Desembrulha o arvoredo a verde gala;
E como que os conhece,

Aos favores do Ceo os ramos curvam:
O toiro de prazer levanta o echo;
Rincha o ginete, o cabritinho pula,
E brincão os cordeiros.

Em sonoros bulhões fervendo a fonte
Engrossa pelo campo a torta veia;
O rio ruge; sae do leito, e as varzeas
Espraiado fecunda.

Nas fructas, que maduram, doce pasto
Par aqui, por ali gostam as aves;
Com innocentes, concertados trinos
O Autor supremo applaudem.

Não desmaies, mortal, não desconfies:
Um Deos, que o ser te dá, nutri-lo cuida;
E ás tuas precisões sempre accordado,
De acudir-te não cessa.

Só o homem contra o homem sempre armado
Maquina noite e dia anniquilar-se,
E no altar da discordia, e da cobiça
Mil victimas immolla.

Ai! Esse oiro fatal quantos estragos,
Quantos estragos não conduz o orgulho!
Da natureza ao grito, e da ternura
E' surdo o pai, o filho!

Negros perjurios a amizade insultam;
Sem culto jaz a fé, jaz a lisura;
A mentira, a ambição, a intriga, a inveja
Abrem novos abysmos!

Rebenta d'este horror o horror da guerra,
Que deserto quer vêr em breve o mundo!
Quer, em vez de homens, povoado vê-lo
De pantheras e tigres!

Si a luz etherea, que nos brilha n'alma,
Deixa-nos que as paixões impias affoguem,
De vergonha cobrindo a natureza;
Seremos mais que os brutos?

Luminosa razão descerra a nuvem,
Que a alma insincera dos humanos tolda;
Dá, que mutuos se prezem, que se aspirem
Reciprocas venturas.

Francisco Bernardino Ribeiro.

ODE I.

O Algoz.

Eu vi um homem! . . . Ou me illude a mente!
Que horror que eu sinto!... Homem! .. não, eras
Tranquillo fratricida,
Como podeste, ó monstro,
Aridos olhos attentar na victima,
Desfallecida, exangue?

Como podeste impavido roubar-lhe
Miseranda existencia co'os redobres
De angustias repetidas,
Sem o brado ouvires,
Que dentro d' alma rompe, e clama — É homem
E homem desgraçado?. —

Como o podeste sem arripiar-te
As carnes frio horror? Sem vêr diante
Squalido fantasma
Habitador dos tumulos,
Co'a mirrada mão prender-te os braços;
— E' teu irmão! — Clamar-te?

Que é d'esse coração, que o sêr te alenta?
Inda palpita? Não. Quente de crimes
O sangue infeccionado
Dispara só arrancos,
E cada arranco ordena um attentado.
Deixaste-te de sêr homem!

E's aborto do inferno, ente perverso!
Nasceste apenas para sêr vergonha,
Opprobrio da existencia;
E' mais que tu ditoso
Aquelle, que arrojaste á sepultura,
Que suas mãos cavaram.

Esse ostentou furores desastrosos;
Mas não mostrou á face do universo,
Que surdo á natureza,
Já saciado Tigre,
Em paz — com as garras meneava a morte,
Para extinguir humanos.

ODE II.

As Letras.

Genio da Patria terra,
O' Musa do Brasil, canções me inspira!
Embebe esta alma em chammas,
A lyra Americana me encordôa;
Ouçam meus versos posthumas edades!

Que expectaculo novo
Os confusos sentidos me alvorota!
Correm rios de sangue
Após volvendo corpos semi-mortos,
Cadaveres sangrentos arrastando!

A guerra ainda conquista
Para n'ermas terras, palmo a palmo,
Os echos, que rimbombam,
São inda hoje os gemidos da desgraça,
Os barbaros clamores da victoria.

Não, que avidos meus olhos
Em vão procuram marciaes phalanges,
Que a morte commandava;
Em vão a fantasia encara horrores,
Que uns aos outros na mente se atropellam.

Diamantino cravo
Fixou o tempo á roda impetuosa
De antigos desvarios;
Sob a campa do olvido ferrolhadas
C'os crimes jazem gerações infames.

Eras d'atra memoria
Nem eu as já distingo; o baço lume
Que protegia o crime,
Ennuviou o sol da liberdade,
A cuja luz pimpolhos tenros brotam.

Eu os vejo, que surgem;
Audaces vistas para a gloria erguendo,
Intentão conquista-la,
Despedaçados ruem baluartes,
Rompem d'aqui, d'ali, elle se rende.

Como os louvores ganhados
Em vez de sangue, só respiram honra,
Que lagrymas não custa!
Quão diversos que são tropheos de Apollo
Dos estandartes rotos de Mavorte!

Quando tuba guerreira
Os bellicosos animos incita,
As carnes se arripiam:
Contente folga a natureza, quando
Os sons das lyras ferem as estrellas.

Mas oh! que as palmas fogem,
Que a gloria arrebatastes: sem constancia
Perde-la-heis para sempre:
Avante p'ra o combate, não percamos
Os bellos annos, que óra desabroxam.

—Constancia—assim chamava
Quando rasgava o pavoroso abysmo
O Genovez ousado;
Quando a morte se erguia do Oceano,
De raio, de procella armado o braço.

Tambem ardor, constancia
Lhe abrio as portas do universo novo
Que d'agua á flôr rebenta,
A vaidosa cabeça aos Ceos alçando,
A Patria nossa, de Colombo a terra.

Sede novos Colombos,
Marcai nos fastos da Brasilia historia
Uma era memoranda;
Abri do immortal templo a porta augusta,
Arcanos descerrai té qui vendados.

Em vão se morda a inveja,
Em vão co'as proprias mãos lascere as visceras
Dispare atroz arranco;
Bafos de peste só corrompem corpos,
Onde o veneno gyra pelas veias.

EPISTOLA.

E' natura em seus passos unifórme,
Nem chega ao topo quem não sobe a escada.

A aguia pequenina, quando quebra
Com o debil biquinho a casca do ovo,
Implume se appresenta á Mãe cuidosa,
Não se ergue logo ás ingremes alturas
Do firmamento azul; nem desce á terra,
Qual raio ardente arrebatar a preza,
E arrancar-lhe co'as garras a existencia.
Cria co'o tempo forças, abre as azas,
Qual rio que correndo engrossa as aguas,
Desprega os vôos apoucados ora,
Ora subidos; fita em Phebo as vistas,
E tenta remontar-se até o Olimpo,
Pois arde Jove ao lado, e arrebatar-lhe
Um novo Ganimedes: tal o Vate
Agora Albano é, depois Elpinos.

Mas não commeces, Montaury, como usa
Gente de Lysia: quadras namoradas,
Insipidas canções, crueis idilios,
Magro soneto, cortesans bucolicas.

São todo o esmêro dos trovistas nossos.
Imita o Anglo excelso, o Gallo astuto,
E fitando na gloria audazes vistas,
Canta a nobre virtude, acções preclaras,
Amor da patria, destemidos feitos;
Na lyra entôa não ouvidas vozes,
Sublime inspiração do estro divino.
Ou si o mundo real, tudo o que existe,
Te não esperta a mente, inflamma o espirito,
Da longa fantasia os campos ara;
Cria dourados palacios, frescas sombras,
Aprasiveis regatos, verdes campos,
Jardins amenos, deleitosos bosques;
Ahi rindo do mundo, e das desgraças,
Que rebentam da terra, a par dos fructos,
Abre teu coração a novos seres,
E novas sençasões gratas acolhe;
Zomba de invejas, de ambições, de fastos.
D'essa alma, que affeições doces formaram,
Verte rios de gosto, de delicias,
E de sensibilidade amavel, terna;
Esmalte o universo das bellezas,
Em que a mente borbulha; não, não percas
O germen, que plantára a natureza.

Ahi tens o bello, o encantador Ovidio,
Que te dirija o passo, ahi tens o Ariosto,
Byron, Sterne, Garrett honra dos Lusos;
Segue seus traços, colhe seus exemplos,

São d'aureas ficções mestres peritos,
Oh! como ideiam n'alma mil venturas,
Glorias sem couto, innumeras delicias.
Oh! Como abandonando estes martyrios,
Que no mundo real nos atormentam,
Buscava benignos, placidos prazeres,
A que Urania gentil só nos convida!
— Que ditosos que são os que se entregam
Aos impulsos da Mente, oh! quão felizes
Os que em delirio seus desejos passam!
Ri para elles o universo inteiro,
Suaves sôpro de perpetuo Zephiro
Consola os dias, refrigera os ares,
Limpa de nuvens carregada vida,
Descobre no horisonte sol doirado,
Manto de rosas pelo Ceo desdobra.

O' fantasia, ó doce encanto do homem!
Enlevo d'alma placido e contente!
Quem pudesse gozar quanto nos mostras
Com tuas magas variadas tintas!
Triste realidade da existencia
Quão longe estás de tão amenos sonhos!
Tu nos pintas quaes somos, quaes passamos
Esta vida de angustias e tormentos,
Que com ardentes lagrimas começa,
Que com saudosos prantos se termina!

Luiz Paulino Pinto da França.

O Naufragio.

Do vento açoitado
O Oceano geme,
Desarvóra o mastro,
Nos rouba o leme.

Ja rasgada a vela
Pelos ares voa,
Nas ondas mergulha
Sossobrada a prôa.

Materia inflammavel
Do ar se despega,
Clarão côr de enxofre
A vista nos cega.

Raio combustivel
Nosso barco arromba,
No bojo dos mares
O echo rimbomba:

Tres vezes a Deus
Com ancia implorámos;
Mas Deus está surdo,
Em vão o chamámos:

O terror e o susto
De todos se apodera,
O medo da morte
Só em nós impera.

Montões de infelizes
Nas ondas sorvidos
Intentam salvar-se
Por entre alaridos:

Um a outro disputa
A taboa partida,
E qual mais ligeiro
Vai perdendo a vida:

Acabada a contenda,
A taboa fugio;
Ao longo dos mares
Boiando se vio:

Feliz o que vive
Na sólida terra,
Que negra borrasca
Jamais lhe faz guerra!

SONETO I.

A teus Pés, Fundador da Monarchia,
Vai sêr a Lusa gente desarmada;
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jamais se rendeo á valentia.

O' Rei, se minha dôr, minha agonia
Penetrar podem sepulcral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Corre a vingar a afronta d'este dia.

Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem;

E as lagrimas, que a dôr aos olhos lança,
Recebe, Grande Rei, por vassalagem,
Aceita-as em protesto da vingança.

SONETO II.

Eis já dos Mausoléos silencio horrendo
Me impede o respirar, a voz m'esfria:
Eis chega a morte eterna, eis morre o dia,
E ao nada a natureza vai descendo.

No, da anniquilação, passo tremendo,
Escudo-me da sã philosophia;
Terror humilde o rosto não m'enfia,
Como Catão morreo, eu vou morrendo.

Mas ah! Tu d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, co' o sofrimento,
Me arremessas a mares de anciedade...

Mulher.. Filhos... Amigos... n'um momento,
No momento do Adeos p'ra Eternidade,
Vós sois o meu cuidado, e o meo tormento.

Manoel Alves Branco.

ODE I.

A Liberdade.

Genio das solidões, em quanto curvo,
Calçado aos pés do fero despotismo
Geme o Universo, no teu sacro asilo,
Venho ampliar minha alma;
O monstro aqui não temo,
Nem os seus vis satellites bifrontes:
Só nos rodeiam n'estas soledades
Os Arabes errantes,
Do homem primitivo o só modêlo...
O deserto é seu templo, ao Sêr Supremo
D'onde oblações enviam.
N'estes aridos plainos sem limites,
N'estes combros de areias movediças,
N'este de horrores estendido abysmo
Habita a foragida liberdade.

Ei-la doirando
D'este ermo as trevas
Com seus influxos:
Arma-lhe a dextra uma afiada espada,
Punição de tyrannos;
Á sinistra a balança,
Penhor do sancto dogma da egualdade,
Tem a seu lado a rigida virtude,
A cujo seio desce
Dos Ceos cadeia d'aço sempiterna.
O primeiro fuzil Zenão sustenta,
E Lycurgo severo;
Na branca simples veste a Deusa enxuga
O sangue, que dimana das feridas
Do intrepido Catão, Seneca illustre,
De Traséas, de Peto veneraudas.

Martyres da virtude, eu vos saúdo!
Eu vos adoro, divináes portentos!
Por vosso honrado sangue, e pelo ferro,
Que essas veias rasgou, dai que rebentem
Na amada Patria emulos da gloria,
Emulos vossos, que atro despotismo
Nas furnas infernaes sedento ruja,
E o mudo, que accurvou, console Themis.

Como é da Deusa o solitario asylo
Magnifico na sua singeleza!
Dos bronzes, nem dos marmores o orgulho

Este alcaçar profana
Seus atrios não respiram.
Do Oriente a molleza affeminada,
Sob o relento, sob o Ceo patente
Ouve as queixas do probo,
Do oppressôr envenena os passatempos,
Pune a avareza do Juiz iniquo!..
Lá me acena, e me aponta
Para o quadro dos tempos resgatados
Das mãos do esquecimento; lá me abrem
Seus thesoiros, e os seculos aventam
Pela dada sahida atropelados.

Lá se levantam
Em densas turmas
Leões do Caucaso!..
Ennoifecem os Ceos pulvereas nuvens,
Descora Marathona!
Tisiphone anciosa,
Percursora da Morte, batte as azas,
E faminta de estrago, abrindo a bocca,
Crespos dragões vomita.
Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia!
Mas que heroe d'ali se ergue?..
Do elmo fuzilam vividos coriscos,
E' Pallas, se demove os igneos olhos;
E' Coriolanio fumegando em ira;
E' Reinaldo no arrojo impetuoso!..

Genio sublime, impavido Milciades,
A pinha das cohortes inimigas,
Precedido de horrores, arremettes.
Eis descosidos batalhões serrados;
A floresta de lanças cáhe por terra,
Embotadas no escudo d'aço fino.
Triumpha; e sobre a ruina dos tyrannos
Hasteia os teus pendões, ó liberdade!

O destino com cravos de diamante
Fixará infausto aresto inexoravel:
A Pythia o lêra na convulsa tripode.
«—Novo Theseu valente
»—Co'os perigos se affronta,
»—Novos monstros ao duro braço rende.
»—Mas que pranto, que ululádo se ouve,
»—Se alonga em toda a Grecia?
»—Vergonhosa auricidia os pulsos lhe ata!—»
Ah! Completou-se o oraculo tremendo.
Tu foste, ó liberdade,
Demandar outras plagas mais amigas.
Onde plantasses os salvados garfos,
A cuja sombra acolhem-se as virtudes,
Cujos fructos são sólida ventura.

Eis o terreno
De semi-deuses,
E monstros berço,
Onde extremada a natureza humana

Elevou-se até Bruto,
Abateu-se até Nero.
Remontando de novo ao grande Aurelio,
Não vês este horisonte endeusado
Que em derredor o cinge?
Não vês aquella cupola soberba?
D'alli frexando os vôos possantes aguias
Quaes aligeros Euros,
Ou quaes o pensamento o espaço tragam,
Ás tyrannas cabeças ameaçam.
D'alli dos Scipiões a voz rompia,
Nas azas da victoria aos polos ambos.

O' Roma, alta Princeza das cidades,
Dormitas? Onde os teus antigos brios?
Eia, accorda, eia, arranca denodada
A mascara fagueira d'essas hydras,
Que famulentas, em teu sangue illustre
Anhellam saciar perfidas garras.
Não tens a liberdade em teu amparo?
Ah! que á cobiça franqueaste o peito!

Contemplai, póvos livres, no cadaver
Da soberana de um milhão de imperios....
Chorai sobre estas ruinas magestosas!...
Aqui foi Roma, ó Povos!
A mudez dos sepulchros,
Onde o Veto troou, tremendo impera.
Será que mais horror a terra opprime?

Que lugubre alarido
Nos antarticos gelos longo echôa?
O ar se entenebrece, arqueja a terra,
Ensanguentam-se os astros:
Redobrados trovões estalam!
Travam combate horrisono co'as penhas.
Enfurecidos mares; ronca rouco
Da tempestade o genio pavoroso!

Por amplo hiato
Feias harpias
O inferno aborta
Entre ondas de espessissimos vapores.
Tantos grãos não revolve
No seu bojo o Oceano!
Co'as estridentes, rebattidas azas
Vem sulcando cahoticos negrumes!
Tu as sentiste, Europa!
Tu gemeste nas trevas enredada.
A sancta liberdade espavorida
Desampara teu gremio;
Arvora o ferreo sceptro a tyrannia!...
Ai de ti! miseranda, quantos seculos
Pendem de horrores!... Ai que a tocha eterna
Da razão tenta embalde alumiar-te!

Por aqui, por alli crepusculavam
De espaço a espaço dias milagrosos
Abafados em sangue mal nascidos!...

Já quasi fenecia o sancto lume,
Eis que avulta em vigor, e aclara os orbes.
É fama que de lobrega espelunca
Troou pesada voz — Somos vencidos!
Eugi ó filhos; o homem conheceu-se.

Genio que transvoaste destemido
O pego tenebroso das edades,
Apressa-te a embeber no arco sonôro
A setta mais estreme,
E pelo véo que enlucta
Do globo a maior parte darda os fócos.
Onde a luz concentrou-se portentosa.
Olha o genio da America,
Acimados no Norte os negros monstros,
Como pelo Occidente ao Sul discorre!...
Olha a soberba Hesperia,
C'roada de triumphos mauritanos,
Perseguindo-os na trepida fugida!...
Olha d'heroicas cinzas renascendo
A Italia, e braço a braço co'elles trava!...

Mas d'onde assôma
Novo luzeiro,
Que ressumbrando
Vem das espessas trevas fugitivas?
Enlevado o contempla,
Em extasis profundo,
Um mortal, antes nume, alçando a fronte

Gotejante de um rio caudaloso.
Tremei, filhos do Averno,
Tremei que Lysia accorda do lethargo
Inerte em que jasia, e em brado iroso
Já proclama os mysterios
Gravados co'o cinzel da eternidade
Da natureza no sacrario augusto.
Livres, e eguaes nascestes, Lusitanos!
Ley, bem commum; decepe-se o que damna!
Quão rapido no peito humano se ergue
A natureza ao grito da verdade!...
Quão rapido baqueia a prepotencia,
Que tem por base lagrymas e sangue!
Manes de Freire, venturosos manes,
Cantai, cantai victoria; ley tremenda,
Não póde a natureza revoga-la,
Vos condemna ao sepulchro — mas vencestes!

Cuidava o monstro suffocar em cinzas
Os sentimentos do homem; reduzi-los
Aos de indignos escravos, que o cortejam,
Ufanos de beijarem
O pó, em que elle pisa!
Cego não via da razão o braço
Estalar-lhe os degráus do altivo throno,
Preparar-lhe alta queda!
Cego não via sua luz divina,
Que já nos horisontes scintillava,
Ameaçando raios!...

O' Luzos! Parabens! No vosso seio
De novo alça a razão seu templo augusto.
Eia! Vamos beber na fonte pura
De seus archivos preciosos dogmas!

ODE II.

A Primavera.

Primavera gentil, ethereo mimo
Do seio d'está nuvem resplendente
Ao lado da harmonia baixa á terra.
Mal que apontaste, abotoaram flores
Mil ariadas em matiz, em cheiro.
Com teu almo calor afervorada
Ressurge do lethargo a natureza;
E vem beber nas virações a vida.
Amor as brancas azas desferindo,
D'oiro franjadas incansavel vôa
Pelo manso, azulado pensamento;
No templo omnipotente do Universo
Innocentes mysterios solemnisa.
Aqui o simples camponez parado,
No quadro magestoso contemplando,
As galas, que adereçam montes, veigas,
Os novos entes, que em tropel se animam;

De impressões e impressões vaga os sentidos,
Embebe o pensamento no infinito.

Ah! Vamos nós tambem, é tempo, amigo,
Dar pasto ao coração, dar pasto á mente;
Dos prazeres o genio fugitivo
Ao valle solitario nos convida.
Que sol donoso! Que ar embalsamado!
Que vasta paisage encantadôra!
Aqui não é madrasta a natureza;
É mãe; tudo respira almo deleite.
O Mondego, que ao longe vai descendo,
Semeiados casaes de espaço a espaço,
Entre pallido bosque de oliveiras,
Cingido de montanhas ondeiantes.
Pendulos pomos dos copados ramos
D'auriverdes crimitas larangeiras;
Brandos sicios dos subtis favoneos
Pelos viçosos trigos discorrendo
Vertem no coração dictame sancto,
Aliviam lembranças magoadas.

Oh! saudade, que punges tão aguda
Nos sitios, onde a patria nos recordas!
Aqui tudo me traça os patrios campos;
Taes de brincada côr os apavonam,
Taes os povoam multidões aligeras,
Quaes pairam sobre nós, e vem fugindo
Das tenebrosas regiões polares!...

D'ahi mal que se affasta o astro do dia
Frio aguçado as ondas enrigece,
Em castellos de gelo impera a morte.
Eis dão signal as legiões aladas,
Precipitam-se, juntam-se, remontoam-se;
Fende o esquadrão triangulado os ares,
O Oceano sem bussola transvôa
Fonte; dá vista das estivas praias,
Derrama-se nas selvas solto em hymnos!

Sejaes bem vindas, avezinhas meigas,
Bem vindas ao paiz, onde a luz vistes
Pela primeira vez, onde ensinastes
Nas debeis pennas os primeiros vôos!
Eia!... Os berços tecei á nova prole
Que ha de brotar do adormecido germen,
No vosso maternal seio animado
Já co'alvião em punho a vista pasce
O cultor nos alqueires; já concebe
De colheita abundosa alta esperança,
Já nutre de antemão avidos fitos.
Feliz si os seus desejos limitasse
O homem n'essas rusticas fadigas!!
Mas da boa fortuna insaciavel
Na taça d'oiro d'ambição se abreva
De mel envenenado a longos tragos...
Devanêa em futuros mais brilhantes,
Deixa os campos, que abrolhos asperecem,
E vai rasgar os Neptuninos reinos

Sem medo a seus horrores. . . . .
. . . . . Ah! recúa
Lisáno, que te arrojas nos abismos!
Pensas que em todo o clima os céos esgotam
O cofre das delicias sobre os entes
N'esta estação, que teu paiz anime?
Enganam-se os carinhos fementidos
Da furia, que te encrava a fome d'oiro.
Mais cruel, que tormentos, lá te espera
O não previsto, rapido tufão.
Lá te esperam as podres calmarias,
Que no molle balanço a massa d'aguas,
De todo o mar de pólo a pólo jogam.
Co'os duros encontrões o lenho geme,
As juntas quasi quasi se descosem.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . Lá te aguarda um Ceo queimado,
Seccas areias, aridas montanhas,
Cobertas de arcabouços, de rochedos
Partidos, do uracão mesquinhos restos,
Onde a vista se perde, e não alcança
Da natureza viva um só vislumbre. . .
Alli nunca respira o viandante
Em fresca sombra, solidão perfeita,
Que a das florestas ainda mais medonha.
Mais triste do que a treva a luz renasce
Da immensidade, que se alarga em torno,
Que te afasta da habitação dos vivos.

Ah! debalde transpô-la intentarias
Arrependido! Atiçam-se os brazeiros,
Urge a fome, urge a sede a cada instante,
De desespero á morte um passo resta,
Bem merecida pena d'auricidia....

Homem, o campo lá te estende os braços,
Te acena, seus thesouros te offerece;
Lá rescendem os halitos das flores,
Que as margens orlam da torrente limpida,
Onde se ameigam zefiros fagueiros;
Lá tudo é movimento, é vida tudo.
No campo aprenderás a ser sensivel;
N'elle amizade, e amor fundou seu templo.
Por tuas mãos seu seio fecundado
Brotará dos prazeres entre os choros
Enramados de menos a abundancia.

Firmino Rodrigues Silva.

Nenia a F. B. Ribeiro.

Nictheroy, Nictheroy! Que é do sorriso
Donoso da ventura, que teus labios
Outr'ora enfeitiçava? — Côr de jambo
Pelo sol d'estes Ceos enrubecido
Já não são tuas faces, nem teus olhos
Lampejam de alegria — Que é da c'rôa
De madresilva, de cecens e rosas,
Que a fronte engrinaldava? — Ei-la de rôjo
Trespassada de pranto, e as flores murchas
Mirradas pelo sopro do infortunio.
Uns ais tão doloridos, tão magoados
Quaes só podem gemer dôres maternas
Deshumanos pungindo os seios d'alma,
Franzem-te os labios co'o sorrir d'angustia.
De teus formosos olhos se desatam
Dois arroios de lagrimas; — tu choras,
Desventurada mãe, a perda infausta
Do filho teu amado, e que outro filho
Mais sincero chorar ha merecido?

Da noite o furacão prostrou tremendo
Audaz jequitibá, que inda na infancia
Cò'a cima excelsa devassava os Ceos!
—Eu o vi pelos raios matutinos
Do sol apenas nado auri-tingido,
Inda sepulta em trevas a floresta!
Eu o vi, e asylou-me a sua sombra.

Honra do valle, inveja das montanhas,
Para que no Eden fosses transplantado
Cubiçosos os Anjos te roubaram;
Que no valle das lagrimas não vinga
Planta que é do Ceo — Foi em teu seio,
Que tambem, Nictheroy, meus olhos viram
Pela primeira vez a côr dos bosques
E o azul dos Ceos, e o verde-mar das aguas;
Tambem sou filho teu, ó minha Patria,
E o melhor dos amigos hei perdido
Da minha guarda o anjo... eia, deixemos
Amargurado pranto deslisar-se
Por faces onde o riso só folgára:
Que elle mitigue dôr, que não tem cura!

Eu disse, e — magestosa e bella ergueu-se
A princeza do valle... ei-la que os olhos
Crava nos Ceos, e aos Ceos as mãos levanta;
De tanta desventura enternecida
A viração da tarde parecia
Com ella suspirar, gemer-lhe em torno,

As luzidias tranças esparzindo-lhe
Pelo moreno collo tão formoso.
O sol já descambava p'ra o Occidente,
E em cima das montanhas semelhando
Um cirio acceso pela mão dos seculos
A fronte illuminava-lhe: — dirieis
Que da maternidade o genio augusto,
Ante do Eterno as aras magestosas,
Que a natureza por si mesma erguera,
Sobrepondo a montanhas altos serros,
Lenitivo a seus males implorava...
Oh! que mais lhe restava no infortunio,
Senão volver p'ra o Ceo olhos maternos,
Para o Ceo, derradeiro, unico abrigo,
Onde a esperança de vê-lo se acoitava?
Mais infeliz do que Agar no deserto,
Nem ao menos podia consola-la
Um magico lampejo de esperança,
Nem ao menos dizer entre suspiros,
Lagrimas: — Não verei morrer meu filho;
Ouvi que ella dizia:
— Oh! meu filho,
Entre milhares filho o mais presado,
O' meu Anjo, porque me abandonaste?

Ainda hontem pendente do meu seio
Com sorriso aos beijos respondias
Que amor de mãe nos labios te arroiava.
De mil aromas perfumada a brisa

Embalava teu berço na palmeira,
E as rosas das campinas desfolhavam-se,
Porque teu vimeo leito amaciassem;
O' de meus filhos, filho o mais presado!
O' meu anjo, porque me abandonaste?

Ao donoso raiar da juventude
Vi-o mais bello do que o sol de Julho
Que, desfeita a neblina, alto responde!
De loiro mel os labios borrifou-lhe
Mimoso jatahy; — branca assucena
Mais candida não era que seu peito,
Puro como os desejos da innocencia!
Ingenua sympathia lhe esparzira
Um não sei que de amavel no semblante,
Que vê-lo era preza-lo; — a fronte augusta
Trahia o genio que alma lhe encendia...
O' de meus filhos ufania e gloria,
O' meu anjo, porque me abandonaste?

E nunca mais o verei? Meu Deus, a morte
Póde dos braços arrancar maternos
O filho amado? — Nunca; mas que é d'elle
Que é feito do condôr, que o vôo ardido
Arrojava por cima d'esses Andes?
Dos Ceos nas sendas transviou-se acaso?
. . . . . Ai! quão triste,
Quão sósinha deixou-me na floresta,
Gemendo de saudade! Vem, meu filho,

Consolo de meus males, minha esp'rança!
O' meu anjo, porque me abandonaste?

Tal como o rouco som das rotas vagas,
Que contra as penedias bramam furias,
Confuso borborinho ao longe echôa
De gente que approxima:—Ei-los, meus filhos,
Seus semblantes são pallidos, o genio
Lampeja nos seus olhos scintillantes.
— Marchai ávante, prole de esperança,
Á gloria, á gloria, que o futuro é vosso...
Mas que é d'elle? Não vai na vossa frente...
Oh! que é feito do rei da mocidade,
Tupá, Tupá, ó Numen de meus Paes?

Qual magestoso Chimborazo esbelta
Alcantilado collo d'entre os picos
Dos desvairados Andes, ó meu filho,
Em meio d'estas turmas avultavas.
Inda altaneiro affronta o Rei dos Montes
Da tempestade as furias, que eu embalde
Por deshumanos valles, bosques, grutas
Desp'rançada te busco, e só responde
Rouca voz do deserto aos meus clamores,
Que vai echo no valle reboando.
O' sol brilhante, ó Numen de meus pais,
O' Tupá! O' Tupá, que mal te hei feito?

Não guiarei a turma das donzellas,
Quando choréas rapidas tecendo,

Por Princeza dos jogos me acclamarem.
— Minhas Irmãas — eu lhes direi — deixai-me
Na solidão lamentar minhas desgraças;
Sem dó, nem compaixão roubou-me a morte
Do meu cocar a penna mais mimosa,
A joia peregrina do meu cinto,
O lirio mais formoso das campinas,
O lume dos meus olhos! — Oh! meu filho,
Inda canta a araponga, e o rio volve
Na ruiva arêa a lobrega corrente;
Inda retouca a larangeira a côma
Verde-negra de flores alvejantes,
E tu já não existes!! — Sol brilhante,
Numen de meus pais, que é do meu filho?
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?

Primeiro volveráõ sec'los e seculos,
Que outra palmeira tão gentil se ostente
N'estas florestas altas, gigantescas!
A tempestade se erguerá bramindo
N'essa dos Orgãos serrania immensa,
E, ai de mim! Não terei onde asylar-me!
Nas brenhas silvaráõ mosqueadas serpes,
E, ai de mim! Não terei quem me defenda!
. . . . . Como estalaram tantas esperanças
N'um momento de dôr? — Eia, dizei-mo,
Erguidas serras, broncas penedias. . .
O' numen de meus pais, ó sol brilhante,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?

Não póde mais dizer... por entre as mattas
Como um sonho ligeira a vi sumir-se,
E o ouco som das vagas nos cachopos
E o sibillo dos ventos nas florestas,
E o écho dos valles das montanhas,
A modo que em um côro magestoso
Inda as ultimas queixas repetiam:
— O' numen de meus pais, ó sol brilhante,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?

CONSELHO.

O formosa.... nimium ne crede....
Virg. — Ecl. 2.ª

Como estás tão risonha, ó minha amada!
Inda tão moça, na manhã da vida,
Tudo p'ra ti é gôso, tudo encantos:
Nada parece te causar pezares.
Como um tranquillo corrego do valle
Que entre flôres serpeia murmurando
De tua vida os dias se deslisam.
O' socia inseparavel da alegria!
Sempre um sorriso poisa-te nos labios,
Sempre em teus olhos o prazer resplende.
De teu semblante angelico e formoso,
Como estes céos diaphanos, sem nuvens

Em dias de verão, nunca o infortunio,
Nunca a tristeza desbotou-lhe o viço.

Ah! não te enganes, Lilia, minha amada,
Tão candida que és, tão innocente,
Co'os risos da ventura; o paraiso
No valle d'amargura não demora;
A bonança é traidora; é do seu seio
Que surge a tempestade.

O' Lilia, vês? — A lua solitaria
Lá vai no firmamento recamado
De brilhantes estrellas; — uma nuvem
Tenuissima se quer lhe não offusca
O brilho prateado — Ella impera
No meio do silencio — Ella sózinha.
Olha a floresta... nem um bafo apenas
De grata viração lhe agita as folhas.
O mar as crespas ondas não empina
Contra estas rochas, nem alli murmúra
Resvalando lascivo sobre a areia:
Vê como em vasto espelho elle reflecte
Da noite toda a pompa magestosa!
Oh! sim, tudo é silencio, tudo é mudo,
A natureza repousa como o homem!

Mas não te enganes, Lilia, minha amada,
Tão candida que és, tão innocente,
Co'os risos da ventura; o paraiso

No valle d'amargura não demora;
A bonança é traidôra; é do seu seio
Que surge a tempestade.

— Ei-la — Não ouves
Como ao longe rimbomba tremebundo
O brado do trovão? — Vamos, ó Lilia,
Os échos das montanhas se despertam,
A lua vai fugindo — Eis brama o vento,
E a floresta se agita... Olha que vagas
O mar irado impelle contra as praias.
Desgrenhada se arroja a tempestade
Por cima d'estas serras, seus mil braços
Por todo o firmamento se prolongam;
Sua voz é terrivel, seus olhares
De entre as trevas lampejam scintillantes;
Que horrivel confusão, que cháos é este?
O vasto mar parece enraivecido
Romper os diques, que lhe oppôz o Eterno.
Que horrivel confusão! Que é do silencio
Que melancolico vagava sobre as aguas,
Que emmudecia os échos das montanhas,
Que ainda ha pouco n'estes Céos reinava?

Bem te dizia, Lilia, não te enganes,
Tão candida que és, tão innocente,
Co'os risos da ventura; o paraiso
No valle d'amargura não demora;

A bonança é traidôra; do seu seio
Lá surge a tempestade.

ODE I.

As Lagrimas.

O' lagrimas, de magoas doce alivio!
Canal tão delicado,
Por onde as dôres intimas do peito
Em perolas distillam!
O' lagrimas! ó lagrimas! ó pranto!
As atras densas nuvens
De acerbos males, que me o peito opprimem
Em tuas gotas se esvaem!
Assim, no Céo vapôres se condensam,
Avultam, se amontoam;
E em torrentes p'ra logo se desfazem
E o Céo fica sereno!
Se a fio pela face rubicunda
Da bella, que nos labios
Do amante liba a taça da ventura,
Tremulas vos deslisaes;
Orvalho sois, sois pranto matutino,
Que verte a linda aurora,

Que o ardôr da noite abranda, que ameniza
O bosque, a relva, o prado.
E a vosso encanto resistir quem póde,
Se de olhos ternos vindes,
De lindas faces ornamento e vida?
Socias da saudade,
Que a dôr lhe mitigaes tão docemente,
O' filhas da ternura,
Emblema sois das affeições mais gratas
Das almas generosas!
Off'renda valiosa, que nas aras
Depõe da Divindade
O triste, o infeliz, que só tem alma
E um coração no peito!
Doce expressão de magoas, de prazeres,
Ah! quantas, quantas vezes
Immerso do pezar no mar immenso
Em que a vida se affunda,
Vos chamo em meu soccorro, sacros numes
Do mortal desgraçado!
Socias do meu leito, se a ventura
Ingrata me abandona,
Se ao sol meu fraco vôo não posso um dia
Arrojar destemido,
Dos olhos em torrentes desprendidas
Vos deslisaes ardentes
O' lagrimas! — e só socego encontro
Depois de assaz verter-vos!
Em vossos tristes, humidos altares,

Onde a dôr se consola,
Arfando o coração do mal ao peso
Mil hei deposto off'rendas;
Assaz d'ellas tem sido! — Só de gôzos
Que este peito me inundam
Novas off'rendas vos darei eu hoje!...
Oh! como sou ditoso!
Do meu Ribeiro basta a voz tão grata,
E um gesto só me basta!...
Que de subito os males se apavoram,
E fogem, como as nuvens,
Rapidas se debandam, quando Phebo
Brilhante resplandece!
Lagrimas de pezar, adeos ó pranto!
Ide ao desgraçado,
Que a sós comsigo vive no universo,
Que um Ribeiro não conta,
Dai-lhe consolações, que a mim já déstes,
As magoas — mitigai-lh'as.

ODE II.

A Saudade.

Já de novo verdor se esmalta o prado,
As aves trinam, as flôres desabrocham,
O céo é mais anil, o sol mais oiro,
— E o meu prezado amigo ainda não veio!

Debalde lá de cima dos outeiros
Os tristes olhos pela varzea alongo;
Interrogo debalde os viandantes
Se viram meu amigo no caminho.

E o dia morre, e o tempo vai passando,
E a saudade cruel me punge o peito.
Eu sou como do valle o branco lirio,
Que n'ausencia do sol triste definha.

Elle me disse, quando ao despedir-se
Ardente pranto as faces me banhava:
— Não chores, meu amigo — o mez das flôres
Cedo virá, e nós seremos juntos. —

Disse, e batendo as rodas compassadas
Já rapido vapor o conduz longe.
Adeos eu disse de minha alma á esp'rança,
Qual estatua fiquei na praia immovel.

Em breve o não vi mais — só divisava
Listrão de fumo os ares serpeando;
Do ingreme Cubatão subi ao cimo:
Ao longe os olhos meus só fumo viam.

Bem queria chorar, mas na candura
Ingenua do seu peito não me disse
— Não chores, meu amigo — o mez das flôres
Cedo virá, e nós seremos juntos! —

Sim, mas de novo o campo se matisa,
As aves trinam, as flôres desabrocham,
O Céo é mais anil, o sol mais ouro;
—E o meu prezado amigo ainda não veio!...

ODE III.

Ao Sr. José Maria do Amaral, por occasião de partir para França em 1835, afim de alli continuar seus estudos.

Navis.....
Reddas incolumem, precor
Et serves animæ dimidium meæ.
Hor.

Ahi vai... ahi vai aquelle que me leva
O coração no seio!
Aba do negro véo levanta a noite
Lá por cima dos montes;
Renasce o bafo que aviventa os mares,
Na manhã mais serena
A aurora despontou.... eil-o que parte
Partão com elle as ditas!
Tufando as velas de baixel ingrato,
Um sopro de delicias
Te leve a essas, quanto invejo, praias
Do tão famoso Senna.

Os braços abre, Nictherohy, e deixa-o
Genio da patria terra,
Seguir seo norte em busca de thesouros
Que não possues ainda.
Socio tão caro desta vida ingrata
Que magoas entretecem
Na rocha attenta que altaneira se ergue
Do fundo dos abysmos (1),
Emblema grato da constancia eterna
Do amigo ha tanto auzente.
Olha sem leve lhe imprimirem mossa
As ondas recuarem;
Assim recua o tempo e deixa intactas
As affeições que nutro.
Mas quando voltarás?.... Já tu não ouves
Galerno sopra o vento,
Ai de mim! que so ouço o vão quebrar-se
Das vagas extensissimas
Que a curva Nictherohy cercão bramindo,
Que fervidas se atirão
Quebrando-se nas praias, arrojando-se
Contra os penedos loucas
Um dia... uma noite... quando praias
Não mais virem teus olhos,
Juncto á amurada as vistas vagueando
Co'o pensamento ufano
Ante esse emblema do dominio vasto

(1) Pão d'Assucar.

Qual o que em sorte coube-lhe;
Quando dos ceos em gala a magestade
Em tremulo reverbero
N'agoa espelhar luci-tremente a Lua,
E a viração da noite
Pejar as tesas velas que curvadas
No azul do espaço alvejão,
E singrar o baixel tão docemente
As agoas que se esquivão;
Quando o silencio que domina os mares,
Só na mudez do oceano
Quebrar o rouco som do tosco leme,
Cadenciando pausas.
Nos confins por ventura dos dois mundos,
Recorda ahi memorias
Dos tempos que passarão tão ditosos
No seio d'Amizade.
Ah! sim, talvez sympathicas voando
De tua, de minha alma
Nossas idéas, — soltas de nós mesmos
Nesse instante se encontrem!...
— Saudade, ó saudade, tu que imperas
No dominio das vagas
Sem dó o coração lhe punge acerba
Qual agora me punges.

A COROAÇÃO.

Domine, salvum fac regem.
PSALMO XIX.

Eia, acorda, ó Brasil, eia, levanta-te!....
Crava os olhos no Céo: — é dia, é dia!
— Oh! quão longo dormir! somno de seculos
Nove, que p'ra teus filhos no infortunio
Era um sec'lo cada anno que dormias!
Já de pompas ethereas rodeado,
Oceanos de luz no espaço esparge
O nume de teus pais; olha em triumpho
Como as nuvens espanca, e lá se ostenta
Tão puro e magestoso!.... é dia, é dia!
— Eia, acorda, ó Brasil, eia, levanta-te!

Oh! quão longo dormir! Inda não ouves
Os brados dos canhões que lá rimbombam,
Os echos dos clarins e das trombetas,
O tropel dos corceis, immensa grita
Que do seio das turbas apinhadas
Aos ares se levanta? — Não te abala
Essa voz, um composto de mil vozes,
Esse brado que estronda, como o grito
Do trovão nas cavernas das montanhas?!
É a voz de um povo inteiro, de teus filhos

Que pressurosos correm a saudar-te
No alvorecer do dia da ventura.
— Eia, acorda, ó Brasil, eia, levanta-te!

Hoje p'ra ti resplende no oriente
O monarcha da luz, o rei dos astros,
E às florestas recendem seus perfumes
E os rios de teu solo gigantescos
Rolam soberbos suas massas de aguas.
A era da ventura hoje desponta
Tão rica de esperanças; veste as galas
De mais alta valia, cinge a fronte
De teu bello cocar, e o arco empnnha
De mimoso lavor.... Qual som confuso
Das vagas irritadas nos cachopos,
Bradam teus filhos, de prazer estaticos:
— Eia, acorda, ó Brasil, eia, levanta-te!

Não vês esse que assoma magestoso
Em carro de triumpho, radiante
Como o Sol no zenith, puro, innocente
Como um anjo do Céo? Alegres hymnos
Que a mente enlevam, dão rebate n'alma,
Co'a voz do coração labios entoam
De um povo inteiro que o saúda ufano,
Contente como em dias de victoria.
— Do Omnipotente, ó mimo, salve, salve!...
É de teus reis o filho bem querido,
Cujo berço embalado nas tormentas,

Junto ao throno parou, que ergueste ousado
Na terra de Tupá. Em toda a pompa
E sublime esplendor da magestade
Aos olhos deslumbrados se apresenta,
Clemente como um anjo de bondade,
Terrivel como o bronze das batalhas.
— Eia, acorda, ó Brasil, ah! vem saudal-o.

Aquelle que nascido sobre um throno
Como o Sol lá no cimo das montanhas,
Das facções na tormenta desabrida
Foi estrella polar que a porto amigo
Te conduziu, ó Patria; que, inda envolto
Nas fachas infantis, firmou co'o sceptro
A liberdade e a ordem, — hi vai seu preito
E homenagem render ao Rei dos reis.
Sancta Religião, filha dos Céos,
Com sello divinal firma o consorcio
Do throno e da nação, que impios outr'ora
Em mal divorciaram. Hoje a fronte
Lhe cinge de corôa immarcessivel
Que dezoito princezas lhe doaram,
Soberbas pelo dom que lhe fizeram.
— Eil-o ahi vai, ahi vai tão desejado,
Qual bonança no meio da borrasca,
O porvir desvendar de tua gloria!
— Eia, acorda, ó Brasil, ah! vem saudal-o!

E o gigante colossal dos Tropicos.
Eu o vi, ou no ardor do enthusiasmo

Me illude a mente arrebatada? — Eil-o
No Amazonas c'um braço, outro no Prata,
Nos Andes reclinado, os pés no Atlantico,
Pouco e pouco se agita e o collo eleva...
Convulsa a terra freme em suas bases,
Os ares estremecem, oh! portento!
— Ergue-se em pé o colossal gigante!
Devassa os Céos co'a fronte magestosa,
A brisa lhe menêa as verde-negras
Madeixas de florestas. Ante enorme
Estatura tamanha o Sol se eclipsa,
E nas campinas aereas azuladas
O Cruzeiro do Sul alto resplende!
Então lhe ouvi bradar de enthusiasmo:

« Oh! salve, salve, Pedro o Desejado,
Descendente de reis, filho d'America.
Ungido do Senhor, oh! salve! salve!
Em hora boa venhas, ó meu principe,
Ante as aras prostrar-te do Deus vivo,
Porque seja feliz o teu reinado. »

Protegido do Céo, ditoso impera
Sobre esse povo generoso e livre,
Que aquecido co'o fogo da esperança,
Te proclama seu rei e te saúda.
O teu sceptro sustente inabalavel
Esse imperio-gigante, que nas bases
Da justiça e razão teu pai fundára.

Dos males que inda soffro apiedado,
Monarcha, ah! não consintas que as entranhas
Paternaes me lacere prole ingrata.
Nome, futuro, existencia, tudo
De tuas mãos confio, ó Pedro! — SALVA-ME.

Manoel Odorico Mendes.

Hymno á tarde.

Que hora amavel! Espiram os favonios,
Transmonta o sol; o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

Salve, moça tão meiga e socegada;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa abrasadôra chamma.
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalhado dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha de a fraqueza conduzir ao tumulo.

Lasso o colosso, mal avilta ao longe
A irmãa da noite, côa-lhe nos membros
Placido alivio: posta a dura enseada,
Limpa o suor que em bagas vai cahindo.

Que ventura! A mulher o espera anciosa
Co'os filhinhos em braços: já deslembra
O homem dos campos a diurna lida;
Com entranhas de pai ledo abençôa
A progenie gentil que a olho pula.
Não vês como o fantasma do silencio
Erra, e para o bulicio dos viventes?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que, trazendo o rebanho dos pastos,
Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques.
Feliz! que nunca os ruidos dos banquetes
Do estrangeiro escutou, nem alta noite
Foi á porta bater do alheio alvergue.
Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palacios;
Conviva dos festins da natureza,
Vê prefazerem-se as funcções mais altas:
O homem nascer, morrer, e deixar prantos.
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido Vate magoando as cordas;
E a selvatica virgem, recolhendo
A grave dôr christãa, que a assoberbava,
Do mancebo cedia á paixão nobre,
Grande e sublime, como os troncos do ermo...
Ai! misera Atalá... mas rasga o fogo,
E o sino sôa pelas brenhas broncas.

Tarde serena e pura, que lembranças
Não nos vem despertar nos seios d'alma?

Amiga terna, disse-me, onde colhes
O balsamo, que esparges nas feridas
Do coração? Que apenas dás rebate,
Cala-se a dôr; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sob os seus pés tem visto as flôres
Irem murchando, e a treva do infortunio
Ante os olhos medonha condensar-se.

Longe dos patrios lares, quem não sente
Os arrebóes da tarde, contemplando
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos contos arroubados, que verteram
Propicios deuses nos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço,
Em que ternos vagidos affagava,
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva,
Que vezes attentei, chamando ao pouso
A ave tão util, que arrebanha os filhos,
E adeja e canta, e pressurosa acode!

Co'a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãi, andavamos,
E supplicando que nos fosse amparo,
Em jubilosa grita o ar rompiamos.
Mas da puericia o genio prásenteiro
Já transpôz a montanha; e com seus risos

Recentes gerações vai bafejando:
Á quem ficou a angustia, que moderas,
O' compassiva tarde! olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude,
Tange, bem como em Africa adorada
Quando — tão livre — o filho do deserto
Lá te aguardava: e o écho das florestas,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras
Tudo, em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

Não mais, ó Musa, basta; que na noite
Os pardos horizontes se tingiram,
E me pesa e carrega a escuridade.
Oh! venha a feliz hora que, da Patria
N'essas fecundas, dilatadas veias,
Tu mais suave a lyra me temperes;
Da singela Eponina accompanhado,
Na escura gruta, que nos cava o tempo,
Hei-de ao valle ensinar cansões mellifluas;
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres, que retratem
Da natureza os intimos segredos:
Do ardôr da esposa, do sorrir da filha;
Do rio que espontaneo se offerece;
Da terra que dá fructo sem o arado;

Da arvore agreste, que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobreolhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel a errado viandante:
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro
Entreverei o derradeiro dia...
Venha; que acha os despojos do homem justo.
O' esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da Patria me consola!

O MEU RETIRO.

Se os Céos o voto humilde me escutassem,
Certo não me dariam copia d'ouro,
Nem levantar nas orgulhosas praças
Egregios torreões, alvo da inveja.
O tronco a que meu pae se recostava,
O sitio em que nasci, o pomar fresco
Onde a primeira vez amor sorriu-me,
De tão longe me chamam, me convidam
Que no patrio regaço vá lançar-me.
Sem enxergar o fumo da cidade,
Sem lhe ouvir o estampido das borrascas,
Meus alvos dias gosarei inteiros,

Sob a chóça de palmas enramadas
Soltar-me ancêo em valle solitario,
Não, porque odio professe a tão mesquinha
Progenie da mulher; mas á franqueza
Ingresso véda a trivial perfidia,
E alli me acerco da familia extreme,
Entro-a no peito; estreito-me com ella;
E o costume de amar guia á virtude.
O Movedor Eterno dos destinos
Largo no orbe consente os bens e os males:
Não lhe indago a razão. Melhor me fôra
Que o tempo, a todos que me são queridos,
Se devolvesse perennal remanso;
Porém, se algum primeiro a campa cobre,
Se entra-lhe á casa a misera desdita,
Para ornar meu retiro o Céo me outorgue
O orphão que á tosca sombra dos meus tectos
Guarida encontre, e em vinculo sagrado
Do pae, do amigo, a geração estenda.
Embora então, me arroje no sepulcro
O fatal gume, não extranho; a fronte
Contente curvo; que me sobra em annos
Quem minhas cinzas regue; e a longos brados
Quasi do ferreo somno me desperte.
Se ao homem descompanha a molle inercia,
Farto banquete os genios campesinos
Em frugiferos troncos lhe apresentam.
Esqualida mulher, aduladôra,
Fel vertendo dos beiços, a pobreza

Se lhe aproxima á porta, mas recúa
Ao reluzir de carcumida enxada.
Em quanto aos pés dos grandes o opulento,
Aos pequenos soberbo, honras mendiga,
Da sofrega ambição contra as lançadas
Ergue o agreste adamantino muro:
Seguindo a trilha da vivaz natura,
Comparte o leito seu, limpo e fecundo,
D'onde a Ceres, a Themis, a Mavorte,
Tem de manar alumnos prestadios;
Por guapas companhias bocejantes
O insomne regozijo não revôa
Na pacifica aldêa; mas é grato
Observar o horizonte ao romper d'alva,
Escutar o gemido da floresta,
Beber o alento nos delgados ares,
E em derredor da ovelha em leves saltos
Vêr o viçoso folgazão cordeiro.
Não gostas d'uma esposa? d'essas brenhas
Na filha attenta: as faces lhe avermelha
Frugal mesa, trabalho moderado,
E mais que tudo, a candidez e o pejo:
Boa mãe, amadôra da simpleza,
Os filhinhos do seio pendurados
Não lhe murcham as graças; no semblante
Ledos sorrizos lhe derrama o jubilo,
Quando póde afagar com mão mimosa
A tão cruenta chaga do infortunio.
Oh! que intimo alvoroço as fibras d'alma

Lá me tem de abalar, se inesperado
Eu no arvoredo proximo avistasse
O meu querido Ernesto, que em demanda
Venha do meu pacifico retiro:
Mal que eu tão doce nome balbucie,
Entalado em suspiros, a consorte
Ha-de entre os braços apertar o amigo,
Que honrou minhas desgraças com seu pranto.
Do hospede então conforme á singeleza,
Tenho de preparar festim campestre,
Que o coração profundo lhe lateje,
Assim que o albor aponte matutino,
As filhas mandarei, d'essas devesas
Nymphas louçans, tecer uma capella,
Chamar as companheiras do contorno,
Que com suaves cantos e tangeres
Espalhem pelos ares a alegria.
Depois que dermos volta ao deleitoso
Breve jardim, na sobcavada gruta
Lhe amostrarei o tumulo paterno:
Lá juntos versaremos no futuro,
Grande, condigno assumpto, que em dous peitos
Amizade maior entranha e arreiga.
Debaixo de odorifera latada
Altar de relva hei-de ter já prestes,
Onde, enfeitado de gentis boninas,
O quadro se colloque magestoso
Da que deu na masmorra virgem leite,
Fonte de vida, ao já caduco velho,

Do filial amor exemplo nobre.
Posta no amavel hospede a corôa,
Aves pousadas nos arboreos topes,
Os quebros naturaes entremeiando
Farão mais consonante o coro alpestre,
Quanto o cantico rompa mavioso.
« Semelha o amigo nosso á ingenua môça:
Ama e se acolhe ao pae, com tanto anhelo,
Como a seu ninho a roladôra pomba.
Feliz quem pôde em braços dos Penates,
Com os olhos de morte carregados,
Adormecer; só deixa uma lembrança,
E transita do mundo á etheria patria.
Por quem nos procreou affecto summo
Sentimos todos; mas prendeu-se no amago
Do afavel peregrino uma ternura,
Que a querer nos ensina com mór brio.
Semelha o amigo nosso á ingenua môça:
Ama e se acolhe ao pae com tanto anhelo,
Como a seu ninho a roladôra pomba. »
É força entre os prazeres vir a magoa
Sentar-se: deixarás nossa cabana,
Meu bom amigo, e, em lagrimas envoltos,
Arvore na collina plantaremos,
Que denote o saudoso apartamento.

ODE I

A um Preso.

Não algemas, não rostos desabridos,
Sequazes do infortunio, te demoram
D'essa constancia; que o varão condigno
Não se curva aos revezes.

Relampago, a puericia esvaeceu-se;
E o coração estranhas que te cerque
A nuvem da tristeza? Homem, não sabes
Esquivar-te á desgraça?

Ainda bem, que aguentas os embates
De enfurecidas vagas no regaço;
Da patria, e o doce rir da irmãa querida
N'alma te põe bonança.

Limpo de crimes, deixa que os tyrannos
As carniceiras garras dissedentem;
Lá lhes descahe ao temeroso brado,
O suspenso cutello.

Feliz! se a dizer chegas: « No meu peito
Despontaram as flexas do destino; »
Que então grato vestigio do passado
Tem de ameigar teus dias.

Campo te abre o verdor da mocidade
A longas esperanças; ao conspecto
Não recúes da sorte, alarga a vista
Ao rasgado futuro:

Olha, outra vez afugentando as trevas,
A liberdade a bafejar teus lares;
A frente inclina ao sacrosanto livro,
Que luzeiros despede.

Olha, encetando o curso das grandezas,
Novas Gamas fazendo-te caminho
A novos horizontes... Nem já ouves
Chamar-te desditoso!

ODE II.

A Morte.

O furacão da morte
Entra medonho os campos da existencia:
Perdôa a seccos troncos;
Leva comsigo florescentes plantas,
Cuidados do colono esperançoso.

Sobre meu leito pobre
Se debruça a cruel; fita-me os olhos;
Um perfido sorriso
Lhe torce os beiços pallidos... já vejo
As magoas, as saudades da partida:

Da patria o doce ninho;
Da mãe (tão terna!) as lagrimas sentidas;
Dos irmãos, dos amigos,
O ultimo adeus; e em Lethes ensopado
O negro manto, que me cubra a campa!

Quam triste a final scena!
Mas o quadro da vida inda é mais triste
As breves alegrias
N'um só ponto apparecem mal distinctas,
E sombream-lhe o fundo os infortunios.

Que bens ha cá na terra?
O crime estende o formidavel sceptro,
Raro fulge a virtude;
Em torno ao coração o prazer vôa,
A dôr penetra, e vai sentar-se no amago.

Eu, que em meus devaneios
Sonhei tanto com glorias e venturas,
Vi sempre derribadas
As esperanças e o pungente alfange
Da desfortuna contra mim alçar-se.

No circulo afanoso
De meus juvenis annos, nada tenho
Que agradeça ao destino:
Da velhice os pezares me aguardavam?
Contente apararei o extremo córte.

SONETO.

Em nome do Marechal Manoel Jorge Rodrigues, quando, tendo perdido um filho n'um combate, em que ambos se portaram com brio, foi pelo governo demittido do commando das armas do Pará.

Sempre a teu mando prompto obedecendo,
Hei com meu sangue minha fé sellado;
Arrostei firme, ouvi desassombrado
* *Da marcial trovoada o ruido horrendo.*

Hoje que á triste campa vou descendo,
Queres me vêr, ó Patria, deshonrado?
Dás-me este premio, quando nobre e ousado
O ultimo bocejar te voto e rendo!

Ah! bem que estou no inverno tenebroso,
A minha espada é cortadôra e forte,
O braço duro, o coração brioso...

Mas nem se me permitte... indigna sorte!
Que após meu filho, intrepido e ditoso
Alcance, ao menos, uma illustre morte!

Paulo José de Mello.

EPISTOLA.

O Cirio.

Toca a patronear, amigo Barros,
Solte-se fio á lingua, e semeemos
No argenteo campo descosidas vozes,
Taes quaes as fôr mandando Mnemosyne
Ao vão da testa d'onde á penna desção.

Assim plantava innumeras herdades,
Amplas herdades de opulenta margem,
O filho de Francisco antes de Ignacio;
Esse que as Theses alcunhou. — Rugidos,
Do Lião de São Marcos, litterarios.

Não ser prometto na extensão Macedo,
Mas talvez na intenção Macedo seja.
Vá d'Historia, Bandarra dos Bandarras:
Fita as orelhas, escancára a'bocca,
Encrusa os braços, e calado, e attento
Ouve quanto narrar te quer a Musa.

Era o anno meiado, é o loiro Phebo,
Da cupula azulada ardentes raios
A pino contra a terra dardejava;
Quando se escuta do atabale o écho.
Casar-se ao som da rouca charamella:
Alvoroçado o povo corre em barda,
Guapas moçoilas as janellas pêjão,
E o foguete arrojado, quo se embébe
Do ár pela planice, e lá rebenta,
Abre nos corações stadio largo,
Por onde almo prazer entra de golpe.

Que seria, meu rico, que seria?
Certo o não adevinhas, e o aposto.
Era o cirio, que a mui miraculosa
Imagem da Senhora Santa Martha,
É costume offertar de anno em anno.

Não pára aqui: affixam-se cartazes,
Voam todos a lê-los, oh! ventura!
Mascaradas, e Toiros se annunciam,
Para a banda d'além se muda a Côrte;
Herma fica Lisboa, e de Eva eu filho,
Pelo vicio primeiro aguilhoado,
Vou tambem na criança tomar parte.

Eis-me novo Argonauta demandando,
Não o reino de Colchos mas Cacilhas;
Cacilhas, em que muitos vellocinos
Descoucado Jason roubar podéra.

Não tinham os carolas, oh! descuido!
Propiciado Eólo, e nem das aves
Nos agoureiros vôos reparado.

Mansamente rasgava o curvo barco
O seio ao Padre Tejo, eis de improviso,
Rugindo rompem da Cimmeria gruta
Os tufões, as rajadas, as refegas,
Trazendo á testa o furibundo Eólo:
Aqui arrancam, acolá derribam.
Esporêam Neptuno em seus dominios,
E raivosos, e féros nada poupam
Em vingança do chefe estimulado.
Foge do rosto a côr, e quasi foge
A esperança dos peitos mais seguros:
Serras e serras s'erguem pavorosas,
E o atribulado lenho em cova enorme,
Breve presume ser acapellado.
Então de todo exangues, invocámos
Da festejada santa o patrocinio,
E subito, oh prodigio! oh pasmo! oh gosto!
Vemos fugir o desabrido Eólo,
Do turbido cortejo acompanhado,
A sumir-se nos antros tenebrosos,
Onde é seu uso arrebanhar os ventos.
Desde o Tejo a aspereza dos vestidos,
E azulado setim sereno traja:
Volve aos nautas a côr, e vem com ella
Aos inanidos peitos a esperança:

Era o anno meiado, é o loir[illegible] pouco,
Da cupula azulada ardent[illegible] vos.
A pino contra a terra d[illegible] terra,
Quando se escuta do a[illegible]
Casar-se ao som da r[illegible]
Alvoroçado o povo [illegible]
Guapas moçoilas
E o foguete arr[illegible]
Do ár pela p[illegible]
Abre nos c[illegible] reço
Por onde [illegible] de seiscentos.
[illegible] que aguardavam lestes,
Que [illegible] vo burrical passeio,
Cer[illegible] a modo de romagem pretendiam
E[illegible] fazer á boa Santa no seu dia.
Apenas me lobrigam correm todas
Ao tôpo da escada, a receber-me
E mesmo ali, porque esperar não podem
Nem a curiosidade lh'o consente,
Inquirem de tropel: como chegára,
Que tal fôra a maré, se houvera susto,
Quantas pessoas vinham, e se era em bote,
Se em fragata ou falúa, emfim tal grita,
Tal azoinada em torno me fizeram,
Que victima quizera antes ter sido
Dos ventos irritados que atura-las.
Sim, sim, maré de rosas, lhes respondo,
E sim a tudo mais foi quanto disse.

Entrámos para a sala, vem licôres,

Querem Virgem Santa Martha
Bebend ineo as allivie,
Oh fin l marido lhes depare,
Sempl ter bom marido,
Deitá o dia de hoje
n summa um traste.
dem fóra,
álerta,
raço
rtos.

V
alto eu
Eis-nos no p
*C*ada qual para s
Procura descobrir ca ntes
Que leve as lampas ás de as,
Em tanto ferve a Santa lá por
« Antonia dá-me as luvas, ouves?
As verdes; percebeste? vem de pressa.»
« Joaquina o meu leque, ápre co'a sorna!...
Não achas? Forte peste! eu vou busca-lo.»
« Anda, Rufina,» diz a mãi gaiteira
Á filha qu'inda busca certo dixe;
« As mais estam montadas, vê se perdes
O favor d'estes guapos cavalheiros
Pelas tuas mollezas do costume.»
N'isto vinha descendo uma que os trinta
E seis verões fizera n'este sitio,
Preciosa do toque das que pinta
O Terencio Francez, com tanta graça.
Havia-lhe esquecido o chicotinho,
Ou antes de proposito o deixára,

Para ostentar lingagem d'alto bordo.
Descida meia escada se envieza,
E diz para a criada, em voz mui clara:
« Traze da guarda-roupa o meu *flagicio*,
Porque aliás este *ebrio* animalejo
Tem de ficar atraz dos mais *quadrupios.* »
« Bravo! bravo! senhora Dona A... »
Acudo eu, acodem os demais,
« Isso é que é remontar-se! » e ella ufana
Desce os degráos restantes, e presenta
Da albarda no coxim nafadas bebas.
« Vamos que é tarde, » clama em vão o jarra,
Da casa dono, sem que tal pareça,
Apezar das sangrias que na burra,
Por estas brincadeiras dá frequentes.
« Aperta este silhão, » uma dizia:
Outra amanhar os fatos ordenava,
Té que emfim sôa a voz: « Estamos promptas.»
Então sobre o jumento me escarrancho,
Encarapitam-se os demais Adonis,
E do pateo á calçada nos passamos.

Como do teso arco parte a seta
E do ár nas campinas rarefeitas,
O incola ferir vai n'um momento,
Tal o burrimontante secio bando,
Mais depressa que o demo esfrega um olho,
No sitio do folguedo se apresenta.
Investem logo co'a Hermida as Moças.

E vão rogar á Virgem Santa Martha
Que do peso virgineo as allivie,
Que um tal ou qual marido lhes depare,
Porque o caso não é ter bom marido,
Mas ter marido, que no dia de hoje
É um traste de luxo, em summa um traste.
Concluida esta scena, surdem fóra,
E nós os campeões no adro álerta,
Vamos ligeiros enganchar o braço
Na do que para nós os tem abertos.

Era o tempo em que os fervidos Etontes
Tocado haviam já do occaso as portas,
E Thetis no regaço crystallino
Fresco repouso aos incalmados corpos
Com semblante fagueiro lhes offertava.
Do opposto lado o rosto alevantando
Vinha mui mansamente a meiga Phebe;
Macias virações brincavam ledas,
Do vizinho Pereiro co'as madeixas;
E os corações no peito embrandecidos
Aos de Amor féros golpes se entregavam.

Assim dispostos, enfiamos prestes
O que á feira conduz curto caminho,
Não tão curto que tempo não houvesse
Para vir á memoria dos amantes
A prenda que á Parceira dar deviam.
Maldito seja o que inventou primeiro

Prendar Senhoras por diversa guiza
Da que os nossos maiores praticavam!
Felpudo, historiado ramalhete,
Um joelho por terra, uma fineza,
E outras ninharias d'este lote
Era quanto expendia a boa gente:
Oh costumes! oh tempos venturosos!
Que tão azinha d'entre nós partistes?
Quem vos não chorará? Quem não quizera
Picar-se antes das rosas nos espinhos,
Que d'uma mina tressuar na cava
Para extrahir ensanguentadas barras,
Com que do toucador em nossos dias
Compramos os tarécos corruptores!
Ah! meu caro Doutor, como são parvos
Os namorados d'esta ferrea idade?
Que Amor é liberal dizer ouviram,
Mas não sabem que Amor não faz Quintilhas!

Episodios porém abandonando,
Emendemos o fio á historia nossa,
E os coitados amantes contemplemos
Mettendo mãos ás engelhadas bolsas.
Esta escolhe um annel, aquella um pente;
Uma quer um toucado, est'outra um leque,
Emfim tanto appetecem, tanto feiram,
Que as bolsas, quasi, quasi escorropicham.
Alliviados pois do aureo peso,
Volvemos os mesquinhos namorados,

Em demanda da recua zurradoura;
Mais leves que uma penna nos lançámos
Das podres alimarias sobre o dórso;
E partimos do sitio esconjurando
A hora que ao tal sitio nos trouxera;
Calados, cabisbaixos e sombrios,
Trilhámos a estrada que nos vira
Ha pouco alegres, folgasões, altivos.
Em tanto as Raparigas, que não sabem
A causa do silencio desusado,
Poltrões nos chamam, fracalhões, maricas,
E com chufas nos tiram a terreiro.
Nescias que não atinam co'motivo!
Mas emfim taes chalaças nos disseram,
Desenvolveram pieguices tantas,
Que nós, mais distrahidos da maçada,
Na liça das graçolas nos mettêmos.
Jucundo foi o resto do passeio,
E convinha que o fosse, porque a limpo
A despeza tirassemos da Feira.
Eis-nos chegados ao portão da quinta
Onde outra rede nos estava armada.
Quiçá não adevinhas! Era a paga
Dos malditos burrinhos e gorgetas:
De novo nos coçámos, e com magoa
Dos ultimos tostões nos despedimos.

Era já tarde, e a calada noite,
Propicia a Venus, convidava os pares

Á luta com que outr'ora povoaram
Pirrha e Deucalionte a erma terra,
E... Mas chiton, Senhora Dona Clio!
Attenda que o Doutor é chocalheiro,
Embetesque no bucho o seu segredo,
Aliás tem de vê-lo assoalhado.
Boa laia de Musa! Ei-la já moita,
E eu moita com ella: Adeos, meu rico.

Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa.

CANTICO XII.

Venite, et videte opera Dei.
DAVID *Psalm.*

A Natureza.

Como é grato de um prado,
Que recamam boninas
Irroradas das lagrimas, que a Aurora
N'alvorada verteu de um dia ameno
Na fresca madrugada,
Contemplar a risonha natureza,
Cogitar suas leis, sua harmonia!

Que brilhante espectaculo
Desenvolve a meus olhos
Com dextra liberal da luz o genio!
Oh! que de maravilhas, que de graças
D'esse seu gremio uberrimo
Com ampla mão a natureza esparge,
Sempre propicia, e sempre encantadôra!

Cabeços magestosos,
Que as auras invadis
Per entre o grupo de cerradas nuvens.
Adornos do deserto, oh! quem do nada
Vos exalçou a tanto?
Que mão robusta vos ergueu ás nuvens,
E com penedos vos opprime a fronte?

O' borrascosas ondas,
Tão vastas, como o Orbe,
Que alta dextra, que vós mais formidavel,
D'onde não sei, vos trouxe a nossos olhos?
Quem é, que á vossa sanha
Barreiras levantou? Por que receio
Balizas não tragais, vossos limites?

O' rios caudalosos,
Que dos impervios bosques
De baque em baque, com afan, per entre
Humildes valles, cordilheiras nobres,
E verdejantes várzeas,
Com altisono estrepito rasgais
Ora massas de ouro, ora de argilas!

Quem de caudaes thesouros
Vossos alveos pejou?
Troncos excelsos, troncos venerandos,
Quem vos teceu as rigidas medulas?
Bellos festões corados

De rescendentes flôres, d'onde houvestes
A graça, o odôr suave, e o colorido?

Aguia potente e egregia,
Dize, lá d'onde adejas,
Quem te ensinou a equilibrar nas auras
Em vasto adejo as gigantescas azas?
O' providas abelhas,
D'onde aprendestes a extrahir das flôres
O bello dos mortaes, nectar dulcissimo?

Tu, que entre os altos robres,
O' dictador das selvas,
As feras amedrontas, quem te ha dado
A força muscular, valida em brios?
Tu, quem te deu, insecto,
Astuta aranha, o teu subtil compasso,
P'ra globos simular, quadros, e angulos?

Terror feroz do Nilo,
Crocodilo esfaimado,
Quem o pranto te deu, com que arremedas
Sobre o já descarnado, e murcho crâneo
Carpir o negro crime?
Tu, feio bruto, enorme, d'onde houveste
Tão viva comprehensão, ó elephante?

Intrepido corsel,
Dos humanos afans

O companheiro fido. brio tanto
Nobre partilha, tu d'onde alcançaste?
O' arrogante touro,
Quem d'esse regio sobresenho a fronte
Te ornou, p'ra impavido espantar o homem?

Tu, maravilha rara,
Melhor das producções,
Ente famoso, ó homem, d'onde has vindo?
Que fazes sobre a terra? e porque fazes?
Qual é o teu destino?
Que mão do nada te extrahiu sublime?
Onde vais? porque vais? qual é teu termo?

Porque a ti desconheces?...
Oh! como és ignorante!...
Não sabes porque vives, porque morres,
Nem que sorte te aguarda além da morte!
Lidas, porque não sabes!...
Tal o relogio, que em continuo giro
Seu factor, seu principio, e fim ignora!

O' ente milagroso
Da terra soberano,
O teu juizo, comprehensão, vontade,
Teus orgãos, tua vida, ah! em ti tudo
Mysterios são sublimes!
D'onde vieste pois nitido, e bello,
Para em a natureza imperar livre?!

O' moles luminosas,
O' coruscantes massas,
Libradas na expansão do aereo vacuo,
Lumes, que o homem de passage' apenas
No ambito mesquinho
De sua curta vida, a furto póde
Entrever o fulgor de espaço em espaço:

Claros, sublimes corpos,
Que gerações innumeras,
Per p'riodos sem conto dos humanos,
No insondavel gremio insaciavel
Engulir tendes visto
Os evos; ah! dizei, si as massas vossas
De toda a eternidade acaso existem?!

Astros, sabeis acaso
Que dextra omnipotente
O ser mais bello lidadôra ha feito?
Sabeis, porque minh'alma em sacro arroubo,
Além da natureza
Se eleva, encontra um Ente, e, a esse Ente
Não sabe definir, porém concebe?!

Astros, sabeis acaso
Porque prenhe meu peito
De fulgente centelha milagrosa,
Que de mim não nasceu, mas que em mim brilha,
Jucunda se extasia

Na do mundo expansão prodigiosa,
Na Natureza os quadros contemplando?!

Astros, sabeis acaso
Quem augustas idéas
Gravou com tão brilhantes caracteres
No loução de meu peito adyto breve?
Idéas sublimadas,
Que eu formo, e que o leão formar não sabe
Quem as plantou em mim? donde me hão vindo?!

Porém surdos os Astros
Não escutam, si escutam,
Perplexos responder nem si quer sabem!
Tu, coéva do mundo, tu, que existes
Ao todo presidindo,
O' alma do universo, ó Natureza,
Dá que eu te invoque, satisfaz o Vate.

Ao menos me indigita
A sobri-humana dextra,
Que de prodigios tantos povoára
O Céo, a terra, o mádido elemento.
Tu mesma acaso foste
O ente soberano, o Ente immenso,
Que do cháos arrancou milagres tantos?!

Pavoroso retumba
Som pelo Orbe ingente

Eu ouço, eu ouço!... que medonho écho!...
Trovão jámais assim resoar soube!
D'onde és, ó voz sublime?!
Que ser immenso te despeja horrivel?!
És voz da Natureza? Oh! não me illudo!...

« Eu sou, mortaes, (diz ella)
Dos decretos do Eterno
A sabia, a providente executora!
Tudo quanto existir no Orbe vedes
Se curva ás minhas leis!
Tudo vive por mim, tudo se agita;
Eu sou, viventes, d'universo a alma!

Tudo por mim existe,
De mim tudo depende!
Dextra, que libra sobre um dedo os mundos
Do confuso extrahiu-me d'esse nada!
Dextra, por quem existo!
Existe a Natureza, porque existe
Dos mundos o Architecto immenso!... Deos!!!»

Disse: arquejou cançada!
E logo ao som sublime
Do nome — Deos —, o Sol reverberou
Não vista até então luz mais brilhante!
Os Astros tremularam
Um lucido fulgor mais extremado,
O Ceo mais puro azul trajou formoso!

Tremeu a terra pávida!
E os fugitivos rios
As roladoras ondas suspenderam!
O mar rugindo em collos sobre as praias
As furias esbarrou!
Desabrocharam recendentes flores!
Nos troncos novos germens rebentaram!

Pasmou no mar o peixe!
Urrou no souto a féra!
Ergueu a aguia excelsa o adejo altivo!
Silvou a serpe! Os zeph'ros adejaram!
Alçaram-se os insectos!
Hymnos o choro alado, que jamais
Aurora alguma ouviu, trinou mais bello!

Fallou sublime em tudo
A Natureza augusta!
Tudo ouviu sua voz, tudo sentiu
Em si de um Deos o portentoso peso;
E a seu modo tudo
Altas provas brotou do ingente effeito,
Que o nome — Deos — na creatura influe!

Homem, e que fizeste?
Tambem um Deos sentiste?
Ah! sentiste, bem sei, quem não sentira,
Quando em si mesma a Natureza sente
Um Deos, que lhe deu ser!

Mortal, mortal, co'a Natureza aprende
A crer, a adorar, temer um Deos!

Dos preconceitos limpa
De teus olhos a treva.
Nos quadros Naturaes, sua harmonia
Espraia a vista, e pasma; aprende d'elles;
Em sua voz estuda
A conhecer um Deos: Canções lhe entôa!
E grato aprende a ser co'a Natureza!

CANTICO II.

O Dia dos Finados.

Eis as scenas do mundo! Oh! quantos hontem
Riram-se alegres, que hoje em lucto envoltos
Veem tributar a amigos, e a parentes,
Na morada da morte,
O pranto da saudade!

Dos vivos o pesado ar melancolico,
As luctuosas pompas,
Os cyprestes aos mortos consagrados,
O silencio dos tumulos,
Ah! tudo avisa ao coração do homem,
O, que sejão, dizendo,
O mundo e o nada! a eternidade, e o tudo!

Lança os olhos, mortal, sobre este quadro;
Vês aqui, do universo amontoados,
Cobiçadas riquezas,
Prosternados diademas, murchos louros,
Mil Solios derrocados,
Mutiladas Thearas,
Litterarios volumes, Togas, Mitras,
Alfanges, e Lourigas, Elmos, Lanças?!...

Sobre o ingente montão de illustres pompas,
A famulenta Morte um pé descança!
Com o outro ao ar erguido
Invade firme as auras;
Na dextra empunha o truculento ferro,
Na sinistra a ampulheta dos espaços!

Oh! como desenvolve, oh! como ostenta,
Da fortuna em despeito, em amplo quadro,
Plano incommensuravel!
Oh! como attenta escuta
O baque imperceptivel, mal-ouvido
De um bago da incançavel,
Rapida, fina arêa,
N'ampulheta do Tempo!

Do apogêo dos tropheos
Com feroz sobresenho ao Orbe vibra
A implacavel vista,
N'um tenue ponto abrange

O mundo: então murmura: e assás acerbo,
Sorriso mofador, inquieta solta!

Que scena pavorosa!
Esfalfado mortal, que na carreira
De teus mesquinhos dias,
Tantos crimes forjaste!
Tanto, e tanto a innocencia perseguiste;
Olha, contempla, e treme!...

De par em par as venerandas paginas
Da Historia abrindo, que terriveis quadros
Ante mim se desdobram!
Á rapida conquista, ó Macedonio,
Julgaste o mundo inteiro um breve espaço;
Teu patrimonio o creste,
E os homens escravos de um só homem;
Até Deos te julgaste!
Entre os tropheos cahiste,
Da idade em meio, victima da morte;
Mas p'ra o mundo opprimir, muito viveste!

Entre cerradas Legiões guerreiras
Ondulam estandartes, brilham ferros,
Longas plumas oscillam;
Tudo é plano de horror, de estragos, mortes,
Castellos se desabam,
Cidades se prosternam,
Baluartes se abatem,

Ardem cearas, messes se consomem,
Ondas de sangue sobre os campos rolam,
Voam de ponto em ponto o ferro, e chamma;
E n'um espaço d'opprimido Globo
Eis a copia do inferno,
Na guerra, n'esse horror da humanidade!

Sobre os talados campos
Inultos milhões d'homens 'stão sem vida!
Chora, já não tens pai, nubil donzella!
Chora, consorte, já não tens esposo!
Irmão, chora o irmão; amigo, ao amigo!
Mancebo, não tens pai; pai, chora o filho!...

Emmudeceu a trompa clangorosa,
O brado da victoria se divulga;
Sôa o clarim da fama; envolto em louros
Incólume o heroe soberbo assoma,
Em tanto horror, com riso, olha os estragos!
Em sangue quente os mádidos espolios
Em torno do tyranno se amontoam:
Aqui ovantes seus fieis sectarios,
Alli tristes captivos:
A sorte d'homens, que nasceram livres,
Dos fios do seu gladio está pendente!

Dos destinos o Anjo a fronte alçando,
Lê no Volume eterno, e diz sombrio:
Mortal, da natureza ingrato filho,

Do seu gremio arrojado ao d'impio crime,
Tu, que da tua vida
O tempo, o curso, e a sorte,
Não sabes, como insolito te atreves
Dos mortaes a dispôr da sorte e vida?!
Morre! Da natureza ao seio torna!
N'ampulheta do Tempo sôa o baque
Do teu extremo bago! Está já cheio
De crimes, e de vida o teu espaço!
Foi pomposo phantasma o teu triumpho,
Tua vida fói sonho! Acaba, ó impio!

Disse. O livro fechou. Troou a queda
De seu baque. Acenou o Anjo do tempo
Da morte ao Anjo; adejo elle devolve,
Ergue o ferro, o vital estâme corta
Do heróe; cahe moribundo, arqueja, e morre;
O mundo applaude, a humanidade exulta!

Assim findam heróes, e assim monarchas,
D'elles zombando o Anjo dos destinos,
Do somno eterno o Anjo,
E o Anjo das idades!
Eis a meta commua, o circ'lo é este,
D'elle não trilha além planta de humano!

Avarento mortal, que o ouro adoras,
Em cofres aldrabados;
Crês esse ouro teu Deos, teu bem, e vida?

Qu' engano! teme o Tempo, o Fado, e a Morte!
Para o Fado comprar, a Morte, e o Tempo,
Não valem teus thesouros;
Escala os cofres, goza esse ouro inutil,
É breve a vida, n'um momento foge,
Torna os instantes seus sequer ditosos!
Cavar thesouros o hárdido Mineiro
Encara com desprezo:
Tudo muda, e se acaba:
N'um momento póde Iro
Em Creso se volver, e o mesmo Creso
Pão esmolar, tão pobre, como um Iro!

Mortal, que calcas hoje a humanidade,
Não vês, que és porção della, e que outro dia
Tambem serás calcado?
Breve te aguarda o féretro,
Folgar ha-de a innocencia, e os malvados
Recheios de prazer ver-te-hão sem vida!
Tudo ao golpe da Morte geme, e expira!
Esses cedros do Libano,
Sagrados bronzes, marmores,
A' memoria de heróes,
Que tantas gerações passar teem visto,
Carcomidos do Tempo acabar hão-de!

Como os instantes fogem!
A noute segue ao dia, o dia á noute,
Succede um tempo ao tempo;

Onde um tempo apparece acabou outro...
Nem o tempo escapou ás mãos da Morte!
Até o tempo morre! Tudo acaba!
Essas do engenho humano obras mais primas,
Milagres dos mortaes,
De Epheso, Egypto, Rhodes, e Symirames,
Caria, e Assyria, Creta, estão por terra!

Mortal, que este ambulante Globo trilhas,
Ah! crê, que em toda parte onde os pés lanças,
Pisas humanos ossos,
E humanas cinzas calcas,
Amassadas co'o pranto, e com sangue
Da misera e flebil humanidade!

Oh! como é curta a vida! Oh! quantos males
Com ella vinculou a mão do Fado!
Asperrimos trabalhos,
Baças enfermidades,
São que os prazeres mais preponderantes;
Nem vale quasi de viver-se a pena!
Aproveita, mortal, tão curto espaço,
Que te deixam viver desgraças tantas;
Que a vida entre desgraças não é vida,
É duração pesada!
Forrem-te as penas fruições, que em meio
Da vida a Morte assoma, e a Morte é tudo!

Mortal, humano sê, oh! sê piedoso!

Os avitos brazões, riquezas, pompas,
Não te douram os crimes:
Ama a santa virtude,
Odêa o vicio, foge ao negro crime;
Quem entre crimes vive, existe em ferros!

Esta morada vê; triste, e sombrio
Domicilio da Morte;
Contempla-te, mortal,
Olha quantos destroços;
Vê d'um, vê d'outro lado, é tudo morte!
Tôa voz sepulcral, mortal, escuta;
Dos ataúdes diz em som funéreo,
Nos mausoléos sublimes ribombando,
A horrenda voz medonha
Em hediondo stylo:
Tu, que passas, detem-te, encara um pouco,
Estas urnas contempla, e pensa, e treme!
Oh! Vê o, que és, e o, que serás, soberbo!
Eis a meta, ó mortal, do teu orgulho!
Eu fui, como tu és,
Serás, como hoje sou!...
Verdade teme, e adora, que te falla
A pavorosa voz da Eternidade!...

CANTICO III.

A Saudade.

Como são agradaveis estes campos!
Como tão graciosa se levanta
De bosquês coroada,
E de rochedos crespa
Esta montanha, cujo nobre pincaro
Do trovão desafia o golpe, e a chamma!

Que lindo prado! Que viçosas veigas!
Que verdes montes! Que collinas bellas!
Que varias no lavor
Flores tão recendentes!
Que tão macia relva! Que boninas!
Que pass'ros! Que gorgeios aos Ceos remettem!

Que doce murmurar do manso rio,
Que florejantes margens brando lambe!
Que suave susurro
Do zephyro amoroso!
Que brilhante, que azul Ceo e tão sereno!
Que ar tão livre, ao respirar tão puro!

Que anoutecer tão bello, e tão saudoso!
Que suave cahir das frescas sombras!

Que doce madrugar!
Que encantos matinaes!
Como as fugaces horas matutinas
Vertem no Ceo as purpuras d'Aurora!

Estas são as risonhas variadas
Scenas da natureza encantadoras!
Como é tudo sublime!
E lisongeiro tudo!
Mas a um saudoso coração que importa
Estes floridos, lisongeiros quadros?!

Ceo, bosques, campos, ar, prados, montanhas,
Rochedos, relvas, flores, montes, veigas,
Collinas, zeph'ro, rio,
Boninas, pass'ros, sombras,
Anoutecer, o madrugar, gorgeios,
Encantos matinaes, purp'ras d'aurora....

Suavisar não podem da saudade
A maviosa dor, a dor que rala
Do coração no fundo,
Ou lá no centro d'alma
A lembrança de um tempo em que d'uns labios,
Doce nectar de amor, pendeu-me a dita!

Tal n'um dia pluvioso
Sobre um ramo repousado
Não faz o cantor plumoso

Ouvir seu canto no prado:
E de chuva cada baga
Que os ramos vão deslizando,
Quando a plumagem lhe alaga
Parece gemer piando.
Assim triste, assim molhado
Sem que o claro sol não veja
Não poisa no verde prado,
Pelos ares não adeja:
Não deixa, durante a fea
Tempestade, o seu repouso;
Não adeja, não gorgea,
Porque do sol é saudoso.

Tu, que és a minha luz, tu, que és meu dia,
Porque não vens esclarecer minha alma? —
O' minha luz brilhante,
O' meu dia risonho,
Vem apressada, vem, minha querida,
Afugentar da ausencia tua as trevas!

Sobre este prado em que te vi primeiro!
Da saudade eu derramo o pranto terno! —
Por que tu me fugiste,
O' minha doce amiga?
Passa a noute e o dia, o dia e a noute,
Só de saudosos meus gemidos cheios!

Assim geme solitaria
Viuva rola no prado,

A' qual morrer seu amado
Fez o barb'ro caçador.
Só a triste sobre um ramo,
Onde chora o seu estado,
Lamenta o seu duro fado,
Geme sobre a sua dor.
Só responde ao seu gemer
Um susurro enamorado
Do zeph'ro, que ao magoado
Som ajunta o seu rumor.
No seu saudoso lamento
Chama o consorte roubado,
Mas seu gemer é baldado,
É baldado o seu amor.
Tudo é surdo a seus gemidos,
Quanto é triste um desgraçado!
Seu destino amargurado
De ninguem acha o favor;
Até que seu coração
Já de angustias traspassado
Encontra o fim desejado
No da morte atroz horror.

Si tu não vens eu morro!.. Oh!.. por piedade..
Vem por piedade consolar minha alma! —
Eu sou, sem ti, a rola,
Que chora o morto amado.
Longe de ti nos transes da saudade
Meus dias por meus ais serão contados!

Si pelos bellos prados, que teus risos
Enchem de vida, amor, graças, encantos,
A passear sahiras,
Sentindo um morno halito,
É dos suspiros meus; porem si ouvires
Um susurro maior, são meus gemidos.

O meu pensar de ti carece tanto,
Quanto carece de minha alma sempre:
Os meus olhos te exigem,
Como exigem a luz:
Os meus ouvidos tua voz procuram,
Como procuram sons pelos espaços!

Meu respirar de ti precisa tanto,
Quanto precisa de um ar mais puro:
Meus labios dos teus beijos,
Como do sabor proprio:
Meus braços necessitam dos teus braços,
Como das proprias forças necessitam.

Meu coração co'o teu tanto se entende,
Quanto sabe entender-se com minha alma:
Minha alma com a tua,
Qual co'o meu coração:
A minha vida é tua, a tua é minha;
Si comtigo eu não 'stou não 'stou comigo.

Qual mimosa flôr do prado
Que abre o seio á aurora bella,

Tudo é grato e lindo n'ella
Seus perfumes derramando;
Quando alegre vem soprando
Fresca aragem da manhã,
Ella então grata e louçã
Se reanima ao sopro ameno:
Quando cahe fresco sereno
Sobre o seu seio corado
Ella então mais pelo prado
Solta o cheiro recendente:
Quando sopra d'occidente
O brando vento da tarde,
E cahido o sol não arde
Sobre os valles matizados,
Os insectos namorados
Seu mel doce veem libar.
Assim vê-se ella passar
N'esta estancia venturosa,
Curta, vida mais ditosa:
Assim vive a linda flôr
Em seu passageiro amor.

Mas si acaso torra o prado
Dura secca dilatada,
Si em sombria madrugada
Ou apressado ou mui lento
Da manhã não sopra o vento;
Ou em vez de ar matutino
Brama um rijo vento austrino;

Si acaso o cheiroso meio
De seu gracioso seio
Fresco orvalho não alaga;
Si acaso uma e outra baga
Dos ares cahe nella ardente;
Si do inflammado occidente
Não sopra o vento da tarde;
Si o terreno em chammas arde,
Ella então entre o calor
Não encanta em sua cor;
No prado que se consume
Não derrama o seu perfume;
Nem seu cheiro que se esvae
Lindos insectos attrahe;
Como o tempo a não soccorre,
Nasce apenas, murcha e morre.

Joaquim Norberto de Silva Sousa.

MATINÍTA. I.

A Mamaden.

Sabe, como eu me matava
Naquela minha ilha de mar,
Que meus olhos morriam
Como de noite se apagar.

Os meus olhos eram negros
Por serem novos, pasmo.
E [illegible] dessa cinzenta
Mãe — terra, — grito.

[illegible] a mocidade
[illegible] vai [illegible].
Cada [illegible] mocidade
[illegible] a [illegible].

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

Amei depois uma estrella,
Que no céo via brilhar,
Ou, inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

Na terra, um dia a encontrando,
Do meu amor lhe fallei;
Porém á terra voltando,
Em vão por ella busquei.

Mas ainda como estrella,
No céo a vejo brilhar,
Ou, inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

Na minha patria inconstante,
No oceano vou morrer,
Onde possa a minha amante
Sobre as aguas vir-me ver!

BALLATA II.

O Suicida.

« — Larga filho! — De novo vamos p'rigos
Dos mares affrontar:
A vida é breve, dizem, e depressa
Hemos de descansar!

No Ceo, como gigante, que repousa,
A tempestade está;
De seu repouso asinha despertada
Nos acommetterá! — »

É lá da branca praia, onde se quebram
As ondas com fragor,
De quem tão tristemente lá ficava,
Gemido vem de dôr.

« — Minha choça offerecer-vos me esquecia,
Senhor, me perdoai;
Eil-a ahi; e na minha pobre rede,
Querendo, repousai. — »

« — Rema!... Procura a vida nos perigos,
Que a morte encontrarás;
Aos bons desejos teus não sou ingrato;
A morte só me apraz! — »

Tomou risonho o pescador o remo,
Que obedecel-o quiz;
Cala-se, respirando ternamente,
E nada mais lhe diz.

E em pé de sobre a rocha alcantilado
Gentil moço ficou,
Sósinho, sem fallar por longo tempo,
Até que assim fallou.

« — Além do berço meu, tudo existia,
Mas onde estava eu?
O mundo avante irá, e onde achei-me
Além do tum'lo meu?

A vida dizem ser um puro sonho,
A morte o que será?
Pezares, dores, afflicções, angustias,
Por certo não terá!

Tudo o que vive morre; morre, dorme,
Que morrer é dormir:
Tudo o que dorme sonha; sonha, existe,
Que sonhar é existir.

Vem o dia, acordamos com o trabalho,
Eis hi o que é viver!
Cahe a noite, dormimos com o repouso,
Eis hi o que é morrer!

Sonhos meros no somno da existencia
Só se podem fruir,
O que sonhar quizer com realidades
Na campa vá dormir.

Tomo um ferro; cá me palpita anciose
O triste coração,
E — dá-me a morte! — me dizer parece
A cada pulsação.

Vulcaneo tubo encosto nos ouvidos,
Creio lhe ouvir dizer:
— Fecho a porta da vida, abro a da morte,
Melhor é não viver. —

Do monte aos valles os meus tristes olhos
Costumo de baixar;
Olha, vê que sou ampla sepultura,
Parecem-me bradar.

De sobre a rocha escuto o mar, que geme
Em torno a me dizer:
— Para na paz viver perennemente
Mister é de morrer! —

Na taça dos prazeres da existencia
Libei suave mel;
Agradou-me; de novo a taça emboco,
Achei sómente fel! — »

Calou-se, e as negras ondas murmuraram
Silencio se seguio;
E do alto do Céo nuvens de trevas
A noite despargio.

No oriente, que adornam alvas flores,
A Aurora scintillou:
« — Eis as lidas da vida começaram! — »
Assim alguem fallou.

« — Recolhe o cabo — vamos, sem demora,
Pesada a rede vem!
No bojo seu cardume traz de peixe,
Coragem, filho meu! — »

E na praia das ondas açoitada
A rede alfim tocou:
E cadaver envolto em negro manto
No bojo se encontrou!...

É noite! O pescador fecha a choupana,
De medo se tomou;
Lá sobre altiva rocha negro vulto
Erguido se mostrou!

BALLATA III.

O Mendigo.

É noite! — Negra sombra inunda as ruas,
Inunda todo o ar,
Da cidade, que em tetros véos envolta
Parece repousar.

Coberto de andrajoso e pobre manto
O mendigo lá sae;
A esmolar um pão para seu amo,
Por quem chorando vae.

E vai a commover humanos peitos
Co'a triste e rude voz!
Pede um pão, e siquer um pão consegue!
Oh! que vergonha atroz!

É dia — raia o sol; desfaz-se a nevoa;
Já basta de esmolar.
Ei-lo que busca a casa de seu amo,
Só para o consolar!

E junto a elle inteiros dias passa,
Chorando a ingratidão
Da patria, que negava ao caro amo
O justo galardão!

Pobre cella! Eis ahi toda a morada
Do tetrico amo seu!
Pobre estrado... Eis o leito em que descansa
Quem muito á patria deu!

De um lado da parede está pendente
Riquissimo painel...
Retrato d'essa amante, por quem sente
Saudade tão cruel!

De outro lado uma espada... testemunha
De feitos de valor;
E sobre a banca um livro... que lê sempre,
Não sem prazer e dôr.

E um dia sobre o leito... elle jazia
Sem mais se revolver...
Que o coração não mais lhe palpitava...
Que vinha de morrer!

BALLATA IV.

O Prisioneiro.

Da batalha era o dia: no Oriente
A aurora reluziu,
De Carijó e da Tapuya gente
O campo se cobriu.

A féra inubia nas de Hybiapabas
Montanhas echoou,
E o pleito, em que o valor se ufana e gaba
Asinha se travou.

E arcos mil se enflexam e flexas voam
Gemendo pelo ar;
Soam ais de pavor, de morte soam
O horror a realçar.

E o valor dos Tapuyas indomados
Consegue repellir
Os doceis Carijós, que derrotados
Começam de fugir.

Exultam os Tapuyas, que a victoria
Por fim se declarou,
E um prisioneiro só por tanta gloria!
Após elle marchou.

E o triste prisioneiro encadeado
Em horrida prisão,
Inteiros annos passa contristado,
Chorando a condição.

« — Porque, Tupá, eu morri guerreiro,
Já farto a trabalhar?
Fui vencido na guerra, prisioneiro
Aqui devo acabar.

Que me importa com essa companheira,
Que vive junto a mim,
Si o filho, que me deu terna e fagueira,
Terá comigo fim?

Atado á mussurana, do tacape
Aos golpes cahirei,
E ensanguentado, e sem que o filho escape
Com elle morrerei!

Porque, Tupá, eu não morri guerreiro,
Já farto a batalhar?
Fui vencido na guerra, e prisioneiro
Aqui devo acabar!... — »

Calou-se, e ao filho prodigando abraços
Tristonho suspirou,
E na rede co'o tenro filho em braços
Ligeiro se lançou.

É noite! A lua envolta em negra manta
Transmitte a tudo horror,
E nas tabas tapuyas se alevanta
Um brado de clamor.

« — Alerta, alerta! — Súa, que o prisioneiro
Já lá fugindo sae! — »
Porém baldio esforço! Incendio arteiro
Lavrando em tudo vae!

E um dia os Batavos armados
Goyanna vem cercar,
E o imbecil povo em despiedosos brados
Começa de chorar.

Pernambucana gente eis vem com brilho
Se oppôr ao invasor;
Guia-a do prisioneiro o excelso filho
Valente lidador.

Vomitam mortes em chuvas de metralha
Os bronzicos canhões,
E o pallido terror prosterna, espalha
Contrarios batalhões.

« — Victoria! É vencedor! Rufai, tambores!
Trombetas, retini!
Abatei-vos, baionetas de invasores!
Pendões cahi, cahi! — »

Curvai-vos ante o heróe victorioso,
O' batava nação!
Saudai do prisioneiro o filho honroso,
O invicto Camarão!

BALLATA V.

D. Maria Ursula.

D. MARIA URSULA.

Lindo moço, ó meu affecto,
Por ti ardo em vivas chammas!
Illude, si me não amas,
E não me digas que não:
O' do meu amor gentil objecto,
É por ti meu coração!

AFFONSO.

Bella virgem, meu affecto,
Eu te voto amor constante;
Sacros laços, breve instante
Nossas almas ligaráõ!

D. MARIA URSULA.

Mas, meu pai, ó quem dissera!
Te não quer por meu consorte,
Maldição, odio de morte
Aos parentes teus votou.
Que tão ditosa que eu dera
Que desgraçada que sou!

AFFONSO.

A tempestade se gera,
Urs'la minha, na bonança;
De nos unir a esperança
Qual sonho se dissipou!

E maldizendo a má sorte,
Elle se pôz a chorar,
Que antes quizera a morte,
Do que tê-la que deixar!

Cahe a noite, que sombria,
A tudo transmitte horror;
Abre, ó bella, a gelosia,
Que te diz adeus amor!

D. MARIA URSULA.

Para sempre a despedida,
Dizes-me de pranto em mares,
Antes leva-me a teus lares,
Que por mim dou-te esta mão.
Si me amas mais que a vida,
Consulta alma e coração!

AFFONSO.

Que me sigas, ó querida,
O destino não consente!
Nem attráias sobre a frente
A paterna maldição!

E ella soltou o pranto,
E elle presto a deixou,
E para Lisboa emtanto
N'essa noite se embarcou.

Ficou ella sem o affecto,
Que tanto lhe mereceu;
Té que por fim um projecto
Ardiloso concebeu!

D. MARIA URSULA.

Do Janeiro, o mar em fóra,
Digo-te adeus, ó cidade!
A unir-me á minha metade,
Já me leva o galleão.

Sinto já que se melhora
Minha incerta e triste sorte;
Vou buscar ou vida ou morte
Entre mais doce união.
Venha embora a maldição!
Perca-se alma e coração!

E não sem amargo pranto,
A patria sua deixou!

E para Lisboa entanto
N'essa noite se embarcou!

D. MARIA URSULA.

Por Lisboa e arredores,
Lindo Affonso, te hei buscado;
Para a India te has embarcado,
A' India tambem irei!

Só por ti, ó meus amores,
Eu trajei qual combatente,
Pois assim mais facilmente
A algures te seguirei.
Ah! si ainda meu tu fôres,
Que feliz eu não serei?

Com trajes de combatente
Qual guerreiro se mostrou,
E prestes para o oriente
N'esse dia se embarcou.

E por lá foi pelejando
Até o amante encontrar;
Mas a fé lhe receiando
Não lhe ousava de fallar.

Longos dias se passaram,
Até que um dia chegou;
Si fallar se arreaçaram,
Mas por fim alguem fallou.

AFFONSO.

Lindo moço, prazenteiro,
Mui formoso é teu semblante!
Ditosa de tua amante,
Oh! — Não fôra homem eu!
No semblante és o primeiro,
Que o Céo á terra cedeu!

D. MARIA URSULA.

O' gentil joven guerreiro,
Teu valor sôa bem alto,
Pois Ambrosio o cerco e o assalto
Mais a ti que a mim deveu!

AFFONSO.

Lindo joven, em toda a parte,
Vejo-te prodigio obrando;
Vio-te bravo pelejando
Panelem e Carjuem.
Si Urs'la posso chamar-te,
Mais feliz do que eu, quem?

D. MARIA URSULA.

Eu tambem por toda a parte
Vejo-te assignalando;
Vio-te acções de gloria obrando,
Panelem e Carjuem.
Si Affonso posso chamar-te,
Mais feliz do que eu, quem?

AFFONSO.

Deus p'ra si sempre me tome,
Que a estes meus braços guiou-te,
Que a me fallar inspirou-te,
Que o engano despareceu!

D. MARIA URSULA.

Deus p'ra si sempre me tome,
Que encontrei quem anhellava;
A quem eu buscando andava,
E por fim o Céo me deu!

AFFONSO.

Sim, de Affonso é o meu nome.

D. MARIA URSULA.

Sim, de Urs'la é o meu nome.

AMBOS.

Que feliz, oh! não sou eu!

E seus ternos doces peitos
Sagrado laço ligou,
E a noticia dos seus feitos
Logo, logo a El-Rei chegou.

E mandou que se lhes désse
Cada dia um xarafim,
E mandou se lhes cedesse
O palacio de Pangim.

E quando o pai de tal soube
De ufania se exultou:
Em si de alegre não coube,
Perdoando a filha, expirou!

Manoel de Araujo Porto Alegre.

Canto do Rouxinol.

Sobre um olmo fabrico o meu paço,
Que illuminam os cirios do Céo,
E cantando, adormeço contente,
Quando a noite desdobra o seu véo.

Com meus hymnos saudei esta aurora,
E no calix da flôr mel achando,
Me nutri, e o silencio do bosque
Novo hymno me está inspirando.

Quão ditoso o amante, que espera
O seu bem pela noite; e o réo
Quão tristonho não sente o seu fado
Quando a noite desdobra o seu véo?

Astro ephemero vivo na terra,
Mas ridente no berço cantando,
Passo a vida contente, e a morte
Novo hymno me está inspirando.

Uma Brasilianna.

I

Quanto é grato, meu Leme, n'estas plagas,
Que o acaso e Cabral ao mundo deram,
No centro d'estas virgens serranias,
A natura adorar, inda innocente,
E o mundo primitivo perlustrando,
Ouvir da creação a voz intacta,
Fruir embebecido os sons divinos,
Aqui em sonho elysio, em almo arroubo,
Perfumando a existencia amaveis horas;
A vida se deslisa entre venturas.

II

É grato junto a um corpo crystallino,
Á sombra gigantesca de um vinhatico,
Repensar n'este mundo, em cuja lapida
Os sec'los exararam á porfia
O pomposo epitaphio — a historia humana —,
Desdobrar do passado o panorama,
E do escuro sarcophago da morte
Arrebatar co'a mente o mundo antigo.
Aqui sem tradições vemos o berço
De Memfis, de Persepolis, de Athenas;
Aqui vemos o Druida e o Cimmerio,
Como o genio do vate outr'ora vira

Nas florestas da Ausonia e da Britannia
Predizendo o futuro: estas montanhas
O berço do Universo representam.

III

Pelasgos nossos pais, Phenicios foram!
Sobre o dorso das ondas inconstantes
Tendo a prôa no Céo, na ursa os olhos
Toldaram de cem mares, com mil naves
As aguas, onde punicas triremes
As virgens ondas com seus rostros ferreos
Jámais cortaram do Oceano ignavo.
O Tigre, o Gange, o Prata, o Amazonas,
Lavaram mais de vez as lusas quilhas.
Embalde em flechas, dardos convertêra
O valente Tamoyo estas florestas,
A sua independencia e paz curvou-se
Ao ferro e á bombarda lusitana.
Conquistando invadiram seus dominios,
Dominios, cuja posse além remonta
Do uso da linguagem e do lume.

IV

Do reino do Tamoyo, aqui outr'ora,
Só de vasos fragmentos testemunham;
Rude esboço da industria primitiva.
O astro dos Toltecas e dos Incas
Não transmontou seus raios sapientes
Além do Chimborazo e do Jorulho.

Desde a infancia do mundo no seu leito
Jazeu a rocha immovel, sem que o ferro
Em templos, em pyramides, em porticos
A sua rija massa avassallasse.
O homem primitivo não profana
A ossadura da terra a ferro e fogo:
Elle a vida conhece transitoria,
Seu espaço do berço á sepultura;
E os dias deslisando na innocencia,
Como um Anjo, da campa aos Céos se eleva.

V

Tu que infante escutaste a voz de um sabio,
Do luso Montesquieu, lá onde o astro
Da diva sapiencia, fulgurando
Expande no universo o claro lume:
Tu que outr'ora sentado e pensativo
No monte Palatino, craneo augusto
Do historico esqueleto d'essa Roma,
Viste as sombras errar d'heróes tão grandes,
N'esse imperio, que outr'ora escravisára
O mundo de Strabão e de Aristoteles!
Que viste dos humanos o almo apuro,
Quer no pego insondavel do passado,
Quer na estrada do afan contemporaneo;
Que em varias regiões com pasmo viste
Debaixo de raizes seculares,
Cidades de cidades alicerces,
E a palavra dos sec'los esculpida

No marmore, no bronze e n'essas ruinas!
Que a trilha de teus passos confundiste
Co'a trilha das cohortes invenciveis,
Que o mundo avassallaram portentosas!
Que viste, não menores, os prodigios
Do sec'lo, em que vivemos, que n'um dia
Realisa o labor, que annos custára,
Perfuradas montanhas, aqueductos,
Onde o carro inflammado vôa ovante;
O trajecto das pontes invertido,
Os Alpes nivellados, e os tufões
Á nave fumegante se curvarem!
Que no afan te encontrei da sapiencia,
E das artes a uncção sagrada e bella
A fronte juvenil tambem ornando!
Porque do turbilhão das capitaes
Tão joven te ausentaste, caro amigo?

VI

Razão cabal na mestra da existencia,
Na esp'riencia dos homens encontraste.
Aqui não ergue a voz a vil calumnia,
Impudicos trophéos desenrolando:
Nem da intriga cochicha o labio impuro.
Nem a ferrea secure do egoismo
As flôres da virtude fana, e mirra.
O ruido das serpes n'estas brenhas,
O bramido das onças, e o sibillo,
Que da tromba feroz a Anta despede;

E o rufo temeroso d'anc'ra eburnea,
Que ao bronco Caitutú arma a queixada,
Tem accentos mais puros, mais suaves,
Que os hymnos lisongeiros e traidores,
Vibrados nos sophitos dos velabros,
Aonde o scepticismo, em hasta publica,
Trafica Deus, a patria e os humanos.

VII

Berço de teus avós foi esta terra;
De Batavia teu tronco nobre e puro
Aqui a independencia firmou provido.
A primeira esmeralda Brasileira,
Que adornára do Luso a regia fronte,
Da terra avita mão arrebatou-a
Lá onde o Sabará, o rio Doce,
Por entre areias d'ouro, de diamantes,
Já desde a creação ao mar deslisam.

VIII

Estas serras gigantes de granito,
Que os astros affrontando, as nuvens cardam,
Co'a grenha secular de augustos troncos,
Cujos flancos em sulcos profundissimos
Mysteriosas grotas, atras, formam;
Onde eterno crepusculo se enclaustra,
E a voz dos furacões, das tempestades,
Eviterna murmura, brama e ronca,
Ao som das catadupas, que se garfam

Entre broncos penedos e raizes,
E que o fiat supremo, o mando eterno,
Escutaram informes, inda presas,
Nas entranhas do cháos, da eternidade;
São, meu Leme, — mais caras, mais suaves,
Que as torres colossaes, que esses zimborios
Erguidos entre as ruas, e celeumas,
D'esse emporio do Sul, do novo mundo.

O Nascimento do Sr. Principe D. Affonso.

Mas que meteoro é este que nos ares
Em turbilhões de luz alaga o polo,
E derrama do Prata ao Amazonas
Um rutilante novo cataclysma?!
Nos seus eixos eternos, invisiveis,
O globo mais se firma; almo favonio,
De odorosa baunilha perfumado,
De celeste fragrancia inunda a terra,
E verte ao coração placido alento!
Soam nos ares os clarins do empyreo,
E um globo de saphira lento desce,
Librando-se supino ao Pão de Assucar!
Rebentam da montanha effluvios d'ouro:
E a mole primitiva, que emblemava
Um Canopo envolvido em terreo manto,

A granitica toga sacudindo,
Em andrajos nas ondas precipita!
E as ondas rebramando aos céos levantam
Gigantéas columnas que rematam
Soberbo pantheon na azul esphera!
C'roa-lhe o cimo luminoso, intenso,
Em guisa de acroterio, o Capricornio.
Do arrogante monolitho a structura
Se converte n'um Anjo gigantesco.
Na dextra empunha o brasileiro sceptro,
Onde se firma o bragantino grypho;
Na sinistra o papyro onde exarára
Sacros dictames o Heróe brasilio.
« Brasil, Brasil, Brasil, alça-te, impera:
« Não mais denso bulcão te obumbre a vista.
« Fados brilhantes de um porvir propicio
« Teu immenso horizonte ora circulam.
« Fechei as bronzeas portas do atro templo
« Da bifronte discordia; com meu halito
« Sequei lagos de sangue, onde hoje brotam
« Matizados de flôres verdes campos.
« Entulhei o abysmo da discordia
« C'o gladio fratricida, e do seu punho
« Fiz surgir uma palma d'oliveira.
« Por mando do Senhor, oh que bondade!
« No regaço da paz e da alegria,
« Em meus braços te trouxe carinhosos
« Um anjo d'innocencia, sob a fórma
« De humana creatura. Eis o teu Principe;

« Tão puro como aquelle rei da terra
« Que do mundo assistio á prima aurora,
« Que do sol o primeiro occaso vio,
« Que do globo fruio a virgindade;
« Primitivo conviva do banquete,
« Que a natura offertou, quando inda tinta
« Do perfume e da essencia que lhe dera
« O dedo creador d'este universo,
« Retratava do céo a diva imagem.
« Elo sagrado, que se prende ovante
« Na cesarea cadeia que as idades
« De corôas, de sceptros entrelaçam;
« E nos louros de Ourique acobertados
« Pelo celeste labaro de Affonso,
« Cujo brilho de gloria reflectindo
« Os filhos de Almanzor anniquilava.
« Brasil, Brasil, Brasil, eis o teu Principe,
« Ungido da pureza e das virtudes
« Do thalamo mais puro que ha na terra.
« De caricias lhe adorna o berço augusto.
« Tece das artes primoroso encanto;
« Dedalico mosaico tens nos bosques,
« Que na côr, na fragrancia são assombros;
« É teu solo de gemmas preciosas,
« E mimosos teus dedos no artificio.
« Do mais candido arminho e mais suave
« O seu berço acolchoa; em torno reinem
« Dulias perennes, que a seu lado sempre,
« Batendo mansamente as minhas azas,

« Embalarei c'um zephyro fagueiro
« O seu berço e seus dias venturosos.
« Meu bafo mesclarei aos ternos beijos
« Do augusto genitor, da madre excelsa;
« E irei na harpa celeste modulando
« Dos avitos heróes a gloria e fama. »

D'est'arte o Anjo Custodio ao Brasil falla :
E ao som de sua voz canora e grande
O mar, a terra, o ar, estremeceram!
No seu leito eviterno, onde dormia
Desde o dia em que a luz na prisca idade
Ferio d'Eva formosa os castos olhos,
O gigante desperta, e se espreguiça
Com medonho fragor no valle e montes.
Ali invulneravel, resupino,
Desde o berço do sol vio a torrente
Dos seculos passar, immovel, quedo;
Estalarem os diques do diluvio,
Que oceanos em jorros despejando
Dos primevos mortaes fundira os templos,
E os ossos converteu em saxeos fosseis.

No cabeço alcantil onde exarára
Com o escopro dos raios, das tormentas,
Sibyllina inscripção a mão do tempo,
E que ora Monte Gavia o nauta alcunha,
Uma luz volteou. As saxeas fórmas,
Como fundidas, se amaciam, perdem

O aspecto escabroso, a côr terrena,
E de rosas brilhantes se coloram,
Em carnes convertendo-se; as florestas
Que occultavam profundas, átras grotas,
Transmudam-se em madeixas luzidias;
E os rios, que em bolhões serpenteavam,
Como veias nos membros se esgalharam:
O epiderme levantam, cujos vellos
Nos tubos capillares fórma a relva!
Abrem-se os olhos, se arredonda a fronte,
Curvam-se as faces, o nariz resalta,
Rasga-se a boca, os labios se modelam,
Alça-se o mento, o collo se torncia,
Alargam-se as espaduas, desce o peito
Ondeado, velloso e palpitante;
Oscillando ao respiro o ventre empola,
E os musculos em montes se descrevem!
Como feixes de troncos seculares,
Alongam-se os titaneos grossos braços;
As mãos s'espalmam, tendem-se as phalanges,
Descem as coxas, qual baleia enorme,
E se ligam ás pernas onde avultam
Os dous robustos pés, em cujo extremo
Com picos de serra os dedos brotam!
Como cyclopeo malho sobre a incúde
Bate dentro, do peito a vital pendula!
E nos arboreos vasos borbulhando
Ronca o sangue em medonhas catadupas.
O bafo que se agita á flor dos labios,

Qual favonio galerno, o mar encrespa,
Despe o polen das flôres, e a natura
Embalsama de eterna primavera.

Levanta-se o gigante; e no seu leito
O mar encapellando em rolo as ondas
O invade, formando ameno lago,
Onde elle o vulto augusto contemplando
Tres vezes se mirou risonho e lédo.
A fronte magestosa aos céos eleva,
E garboso saúda o sol da patria,
Que a balisa central vingado havia,
E ao rubido occidente caminhava.
Nastro armillar na graciosa coma
Com fimbrias diamantinas o corôa;
Pende-lhe aos hombros, floreando ao vento,
De peito de colibrios marchetada
Chlamyde roçagante, que lampeja
Do poente e da aurora as igneas côres.
Ornam-lhe os braços scintillantes joias,
E lhe polvilha os pés o ouro mais puro.
C'os olhos de condor traça dos Andes
Pelo rio Amazonio, o mar e o Prata,
De seu dominio ingente a linha..., e pára
Arroubado d'encanto co'a belleza
De seu immenso imperio. . . . . .
. . . . . .

Antonio Augusto de Queiroga.

ODE.

O Carrasco.

Eia, Musa, desçamos
A ensopar o pincel na côr do Inferno!
O coração que é d'homem
Fuja de ouvir-me, trema d'escutar-me...
São puro horror meus versos denegridos.

Ao som de surda grita,
Por entre a multidão espavorida
Vinha o réo ao patibulo!
Cumpra-se a lei! — que fez? — . . . . . .
. . . . . .

Que transportes que eu sinto!!
Tumultua-me o sangue pelas veias:
Meus olhos cubiçosos,
Anhelando o espectaculo nefando,
Empanam-se, medrosos de encontra-lo!

Ei-lo que move os passos,
Um por um que o coração lh'os veda!
No seu rosto convulso
Pintada a morte com visagens feias
Aggrava mais e mais o horror do transe.

Que montão de fantasmas
Se ergue de toda parte ao desgraçado!
No funebre ataúde
Negreja a imagem do futuro ignoto,
Que no escuro dos tumulos se aplaina.

Um só momento apenas
Da eternidade lhe separa o tempo!
No cimo do patibulo
De atropellar-lhe a vida d'um momento
Sentada a morte está sorrindo anciosa!...

Mas que força violenta
Do cadafalso me retira os olhos?
Que mais horrores faltam
Que nova atrocidade para o quadro?
— Não vês! lá tens o horrido carrasco!

Descae mão de segure
Sobresaltada de pavor a morte!
Precipita-se em terra,
E de longe volvendo o rosto esqualido,
Encara o monstro e pasma d'avistal-o!

Eu o vi sem turbar-se
Da victima infeliz galgando os hombros,
Com frenesi não visto,
Aridos olhos, o semblante alegre,
Contar suspiros, numerar-lhe as ancias!...

És monstro mais que um tigre,
Que a natureza não produz carrascos! —
Esse peito de bronze
Essas ferrenhas, asperas entranhas
Ai! só póde formar a mão dos homens!

A musa horrorisada
Não póde proseguir, — das mãos me arranca
A criminosa lyra:
E fazendo-a pedaços, foge e brada
Que finde aqui com lagrimas meu canto.

CANTATA.

O Retrato.

Debalde o jasmim no valle,
E o mimo da natureza
Abre o rociado seio,
Mostra as graças e a belleza;

Debalde viçosos nascem
O lirio, o cravo e a assucena,
Ao choro da linda aurora
Em madrugada serena.

Para retratar as faces
Do meu bem, dos meus amores,
Não valem rosas, não valem
Os jasmins e as outras flôres.

A brilhante estrella d'alva
Os olhos mal lhe retrata,
A redonda lisa testa
Excede a brunida prata.

Os labios, os roseos labios,
Por onde falla a candura,
Não pinta a romã partida
No meio de neve pura.

D'estas aureas fontes, lindo
Pistillo da formosura,
Pendentes mil Cupidinhos
Lhe estão chupando a doçura.

Se te visse o mesmo Jove
Encantado te adorára,
E gozos do Paraiso
No teu semblante lográra.

Então que manito, ó Marilia,
Que eu de amores gema e chore?
E que dentro do meu peito
Te erija um templo e te adore?

LYRA.

Tudo é silencio no bosque!
Que solitaria mansão!
Sabiá, cantando amores,
Só povôa a solidão,
Em debil ramo, saudoso
Descanta, geme, e suspira.
Ah! Junta, cantor plumoso,
Junta aos sons da minha lyra
Teu canto melodioso...

Tua musica suave
É doce como a lembrança,
Que em desabrida tormenta
Forma o nauta da bonança:
Dize, tu cantas zeloso?
Ou feliz amor te inspira?
Ah! Junta &c.

Livrem-te os Céos do ciume,
Meu querido passarinho;
E que a tua amante ingrata
Te menospreze o carinho.
Mas tu não cantas queixoso,
Amor teus versos inspira.
Ah! Junta &c.

Que accento que escuto agora!
Repete-o por piedade,
Alenta meu peito amante,
Mitiga minha saudade;
Esse nome harmonioso
De novo estes ares fira!
Ah! Junta &c.

Dize-o agora—oh!—não me occultes
Quem meus amores te ensina,
Cantaste a belleza, as graças,
Pronunciaste Ocarlina;
Viste-lhe o rosto formoso,
Onde risonho amor gyra!
Ah! Junta &c.

Ou viste-lhe o seu retrato
Na aurora purpurea e bella?
Na rosa as faces mimosas,
Os olhos n'alguma estrella?

Se a já viste, és desditoso,
Comigo em zelos delira!
Ah! Junta &c.

Mas ai! A linda Ocarlina...
— Porque seu nome disseste? —
Não me attende, e a funda chaga
Abrir de novo quizeste!
Vi seu rosto gracioso...
E oh! nunca o rosto eu lhe vira!...
Ah! cessa, cantor plumoso,
Discorda dos sons da lyra
Teu canto melodioso!

Se estimas o teu descanso,
Não lhe repitas o nome;
Teme o fogo do ciume,
Que este meu peito consome!
Vive em paz, d'ella te esquece,
Mas lembrem-te estes meus ais,
E chora os desgostos meus...
Ah! basta, não cantes mais,
Adeus, passarinho, adeus!

Joaquim José Teixeira.

Nenia á morte de seu pai.

Um pai! Que cousa é pai? dizei, oh filhos!
Quem vos beijou primeiro, quem seus braços,
Ao primeiro vagido que soltastes,
Vos estendeu a dar-vos alma e vida?
Um pai! um pai, meu Deus, é vossa imagem!
Se um pão lhe resta, e vê faminto o filho,
Co'a vida o pão lhe entrega, e dá-se á morte.
Oh! cuidados de um pai, santos cuidados,
Cuidados incessantes que já tarde
Conhece o filho que os causou brincando!
Oh! cuidados de um pai, santos cuidados,
Cuidados incessantes, que já tarde
Conhece o filho, porque a morte... a morte!
. . . . . .
Rouca, mais rouca, oh lyra? ah! tu não podes
Imaginar sequer a dôr d'esta alma.
Não vês tremula a mão que as cordas vibra?
Os olhos meus não vês tão macerados?
Se minha voz conheces, por ventura
Não estranhas a voz que te acompanha?

Não sabes que beijar mais não me é dado
Aquella dextra de meus passos guia,
Aquella que a seus filhos mostrou sempre
Da honra e da virtude a pura esteira?
Não sabes que pai tive? o que lhe devo?
O que lhe deve a patria? o culto santo?
Dos bons esposos foi exemplo raro,
E dos pais o modelo, o pai mais terno.
Não, nunca da pobreza a mão mirrada,
Embalde á porta lhe bateu pedindo.
Dizei, amigos seus, dizei se eu erro,
Dos amigos o pondo entre os melhores?
Qual de vós, quem ouvindo a triste nova,
No peito não sentio cravar-se um ferro?
E tu, patría querida, que lhe déste
Dos servidores teus o premio honroso,
Acaso não sentiste humido o rosto,
N'aquella derradeira e fatal hora?
Em te servirem filhos tres se empenham,
Do nobre pai seguindo o nobre exemplo;
Se elle não fôra, não, tu não tiveras
Esses que ora por ti s'esforçam promptos.
O' vós que me escutais, vós todos vinde,
E achareis em sua casa um templo.
O sacerdote foi-se, mas unidos,
Aquelles vereis inda que guardavam,
Por ordem sua o fogo sacrosanto;
Aquelles que dos labios seus ouvindo
A sublime lição do que é virtude,

Vão repetindo em côro o que aprenderam.

. . . . . .

Lá vai!... inda resoa em meus ouvidos
O lugubre rodar do carro negro,
Que do ninho o levou deitado e frio!
Lá vai!... antes que a terra te consuma,
Adeos, adeos, meu pai, adeos p'ra sempre!

. . . . . .

Senhor, homem foi elle, e tu bem sabes
Que o erro passo e passo ao homem segue.
Se na recta balança em que sopesas
Da fraca humanidade os desvarios,
Uma falta entre os bens que fez observas,
Trocada seja, sim, rogo-te humilde,
Por qualquer feito meu de ti aceito.
Dos meus delictos sou eu mesmo a causa,
E no bem que pratico o sigo apenas.
É justo, ó Deos clemente, o fructo colha
Quem fructifera planta pôz na terra.
Ah! dá-lhe, dá-lhe a palma sempre viva,
Pelo sangue, Senhor, de Jesus Christo.

. . . . . .

Vem, minha lyra, vem, deixa beijar-te;
A morte de meu pai tambem carpiste;
Não pódes fazer mais: agora és fôrra.

ALLEGORIA.

Que virgem que avistei!... Ella dormia,
Tão bella como a rosa em madrugada:
Era o cabello a noite, o rosto a aurora,
E o placido sorriso da ternura
Poisado estava sobre a flôr dos labios.
De folhas de café entrelaçadas
Cingia-lhe a cabeça uma capella;
Luzente estrella a fronte lhe adornava!
Como estatua fiquei de bronze ou pedra.
O respirar suspenso, a vista immovel....
Pouco e pouco tornando o movimento,
Inda os olhos de pedra pareciam!
Oh! quanto era gentil a deusa ou nympha!

Dormia, mas o somno da donzella,
Na derradeira noite de solteira.
Que o coração no peito estava alerta,
Os cubiçados pomos agitando.

Brando sonho a idéa lhe afagava,
Sonho de amor, de amor, que a phantasia
Cuida ser só prazer, sómente gozos!

Eu vi; se era mortal, não sei dizê-lo....
Mas tinha o aspecto de varão illustre,

Erguida a fronte para os loiros feita:
Era o amante, que a esposar já vinha,
Da amada na ventura cogitando.

Acorda a virgem, corre, estende os braços,
E n'elles jura o amante ama-la sempre.

O juramento os Anjos escutaram,
E da verdade o genio se alegrando:
— Em troco — disse — lhe darei a gloria! —

ODE.

Á Lisonja.

Vestindo as vozes, a fallaz lisonja
Como as serêas, illudir só busca.
Subtil veneno, que lhe embebe a lingua,
O halito lhe empesta.

— És Deus na terra, é teu poder immenso;
Para servir-te o povo está formado —
Eis o que diz ao rei, que mal governa,
O throno lhe abalando.

Monarchas, escutai-me. Eis a verdade:
Sois pó, em que sopraram, que se agita,
Que vai descer em breve, ao sol tornando
O emprestado brilho.

O lisongeiro astuto vos conhece,
Vossa vaidade entende, e incensos queima,
Não por amor de vós, mas de si mesmo,
Quer oiro, quer brazões.

No exhalar gostoso dos perfumes
Que a lisonja incendêa a cada instante,
A mente s'embriaga, e assi torvada,
A verdade repelle.

Do capitão que vence, á guerra feito,
A patria verde rama se arrebata.
Juiz que a vil dinheiro se não rende,
A nobre toga perde.

Sabio qu' inventa, artista qu' executa,
Em vez do preço, encontram só desprezo.
O vate que na lyra aos seus dá nome,
Expira sobre a palha.

O merito não queima incensos podres;
Quando impera a lisonja, a terra deixa,
Torna ao subido ninho em que nascêra;
Torna ao celeste asylo.

E quando a morte acena aos orgulhosos,
Nem sequer da saudade o pranto verte
Esse que os adorava emquanto vivos,
Emquanto dar podiam.

Oh! como deve o rei que bem governa
A verdade acatar sublime e santa;
Á lisonja fechando o paço, e o peito
Ao cortezão que o incensa!

Os bons conselhos docil escutando,
Não erra, ou a seus erros acha a emenda;
Póde o bem promover de seus vassallos,
E ser de todos quisto.

Quanto é doce ao monarcha justiceiro
O momento em que a augusta fronte poisa
Sobre o molle velludo do seu leito,
No que fez cogitando!

O prazer que o abraça então suspende
Do manto o peso que lhe offende os hombros;
O somno da virtude o Céo lh' envia;
O Céo que avista em sonhos.

Feliz, porque no mundo idolatrado,
Só morre p'ra viver eternamente.
Em troco obtendo de mesquinho sceptro...
A palma immarcescivel.

IDYLLIO I.

O crespo inverno
Quando apparece,
A natureza
Logo entristece.

O sol offusca
Espesso véo,
Negro se torna
O proprio céo.

A vida perde
A flôr do prado,
Este saudoso
Fica mirrado.

Vizinho monte,
Despe a verdura,
Dos bosques foge
A formosura.

Busca apressado
Estranho ninho,
Triste e queixoso
O passarinho.

Treme de susto,
Pára o regato,
Ficando o valle
Sem apparato.

Seu gado esconde
Logo o pastor,
Mostra-se aquelle
Entregue á dôr.

Tudo é silencio,
Tudo escurece,
Tudo definha,
Tudo perece.

Mas se de novo
Deixando o leito,
A primavera
Mostra seu peito.

Dos campos foge
A fria neve,
Da deosa vendo
O bando leve.

Seu manto d'ouro,
Reveste Apollo,
Rubis, diamantes,
Cobrem seu collo.

Floresce o prado,
Verdeja o monte,
Puro crystal
Desce da fonte.

Tornando á vida
A meiga rosa,
Graças lhe rende
Fresca e viçosa.

Volta do exilio
O passarinho,
Contente pula
O cordeirinho.

O seu rebanho
Thirce guiando,
Ternos amores
Já vai cantando.

Zephyro brinca,
Brinca a floresta,
Tudo respira
Alegre festa.

O crespo inverno
Era a anarchia,
Que pouco e pouco
Nos consumia.

É tu, Monarcha
A primavera,
Tu que esmagaste
Aquella féra.

IDYLLIO II.

Em virgem mata
Uma pombinha
Seus tenros filhos
Occultos tinha.

Mas, ó desgraça!
Os fracos sente,
E o ninho avista
Uma serpente.

Em vão procuram
Mãi carinhosa...
Ausente está
A desditosa.

Abana a cauda
A venenosa,
E sem piedade
Os traga irosa.

Já, pelos ares,
Branquinha vem
Quem os filhinhos
Julga que tem.

Materno furto
Traz no biquinho,
Busca apressada
O caro ninho.

Á rubra côr
Do verde leito
Palpitar sente
O terno peito.

Eis não encontra
Os seus implumes:
Louca esvoaça,
Chama por numes.

Fere os ouvidos
Do Deos eterno,
Justo clamor,
Clamor materno.

Desponta ao longe
Um caçador,
E da avezinha
O vingador.

Chega e divisa
Do sangue quente
Que mostra um dedo
A vil serpente.

Um tiro estoura :
A serpe o escuta ;
Mas já co'a morte
Embalde luta...

O malfeitor
Pratica o mal,
Mas sempre encontra
Premio fatal.

Antonio Gonçalves Dias.

O Canto do Piága.

I.

O' Guerreiros da Taba sagrada,
O' Guerreiros da Tribu Tupi,
Fallam Deoses nos cantos do Piaga,
O' Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrivel caverna que habito
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos — inquieto — medroso,
Manitôs! que prodigios que eu vi!
Arde o páo de resina fumosa,
Não fui eu — não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d'immensa extensão;
Liso craneo repousa a meu lado,
Feia cóbra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos — carnes — tremi,
Frio horror me côou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio — medonho — tremendo,
O' Guerreiros — o espectro que eu vi.
Fallam Deoses nos cantos do Piaga,
O' Guerreiros, meus cantos ouvi!

II.

Porque dormes, ó Piaga divino?
Começou-me a Visão a fallar,
Porque dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume
Toda a face do sol offuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se — gemer,
Nem a lua entre nuvens de fogo,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!
E Anhangá te prohibe sonhar!
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não pódes augurios cantar?!

Ouve os sons do fantasma tremendo,
Ouve os sons do fiel maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
O' desgraça — ó ruina — ó Tupá!

III.

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva — sem folhas — hi vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas taes monstros contém.

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vario cipó —
Dessas brenhas contém vossas matas,
Taes e quaes — mas com folhas; — é só!

Negro monstro os sustenta por baixo
Brancas azas abrindo ao tufão,
Como um bando de candidas aves,
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,
O marinho prodigio arrancar?
Nossas terras — demanda — fareja.....
Esse monstro... — que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem — o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha — a mulher!

Vem trazer-vos crueza — impiedade —
Dons crueis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar manitôs — maracás!

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribu Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos,
Mesmo o Piaga inda escravo ha de ser!

Fugireis procurando um asylo,
Triste asylo por invio sertão;
Anhangá de prazer ha de rir-se
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do féro Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
O' desgraça — ó ruina — ó Tupá.

A minha Musa.

Minha Musa não é como a nympha
Que se eleva nas aguas — gentil —
Cq' um sorriso nos labios mimosos
Com requebros — com ar senhoril.

Não tem ella nas faces redondas
Dos fagueiros anhelos a côr;
N'esta terra não tem uma esp'rança,
N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
Não habita um palacio encantado,
Quer em meio de matas sombrias,
Quer á beira do mar levantado.

Não tem ella uma senda florída,
De perfumes — de flôres bem cheia,
Onde vague com passos incertos
Quando o céo de luzeiros se arreia.

Minha Musa não é como a de Horacio;
Nos soberbos alpendres dos Senhores
Não é que ella reside;
Ao banquete do grande em lauta mesa,

Onde gyra o falerno em taças d'oiro,
Não é que ella preside.

Ella ama a solidão, ama o silencio,
Ama o prado florido, a selva umbrosa
E da rola o carpir.
Ella ama a viração da tarde amena,
O susurro das aguas, os accentos
De profundo sentir.

D'Anacreonte o genio prazenteiro,
Que de flôres cingia a fronte calva
Em brilhante festim,
Tomando inspirações á doce amada
Que leda lh' enflorava a eburnea lyra,
De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
Nas cordas magoadas me não pousam
Da lyra de marfim.
Correm meus dias — lacrimosos, tristes,
Como a noite que estende as negras azas
Por céo negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
D'orphãa singela;
É triste como o som que a brisa espalha,

Que cicia nas folhas do arvoredo
Por noite bella.

É triste como o som que o sino longe
Vai perder na extensão d'ameno prado
Da tarde no cahir,
Quando nasce o silencio envolto em trevas,
Quando os astros derramam sobre a terra
Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles,
Erra por altos montes, onde a enxada
Fundo e fundo cavou;
E pára; — perto, jovial pastora
Cantando passa — e ella scisma ainda
Depois que ella passou.

Além — da chóça humilde s'ergue o fumo
Que em risonha spiral se eleva ás nuvens
Da noite entre os vapores;
Muge solto o rebanho; — e lento o passo,
Cantando em voz sonora, porém baixa,
Vêm andando os pastores.

E cólhe a Musa minha a flôr agreste
Que o prado vío nascer;
E as cordas da minha Harpa sob as flôres
Vem depois esconder.

Outras vezes tambem, no cemiterio,
Incerta volve o passo, soletrando
Recordações da vida.
Róça o negro cypreste, calca o musgo,
Que o tempo fez nascer por entre as fendas
Da pedra carcomida.

Então corre o meu pranto muito e muito
Sobre as humidas cordas da minha Harpa,
Que não resoam;
Não chóro os mortos, não; chóro os meus dias
Tão sentidos — tão longos — tão amargos
Que em vão se escôam.

Nesse pobre cemiterio
Quem já me dera um lugar!
Esta vida mal vivida
Quem já m'a dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,
Da pastora invejo a vida,
Invejo o somno dos mortos
Sob a lage carcomida.

Se qual pegão tormentoso,
O sopro da desventura
Vai bater potente á porta
De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,
Não lhe responde um gemido,
Não lhe responde uma prece,
Um ai — do peito sentido.

Já não tem voz com que falle,
Já não tem que padecer,
No passar da vida á morte
Foi seu extremo soffrer.

Que lh' importa a desventura?
Ella passou, qual gemido
Da brisa em meio da mata
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!
Quem me dera descansar!
Nesse pobre cemiterio
Quem me dera o meu lugar,
E co' os sons das Harpas d'anjos
Da minha Harpa os sons casar!

Anonymo.

Fragmentos de um Poema.

Longos, negros cabellos lhe pendiam,
Com o vento jogando meliudroso;
São estrellas seus olhos; n'um céo puro
Brilham, qual brilha a rosa em prado ameno;
Que labios tão bem feitos, tão fermosos!
Que dentes, que co'a neve rivalisam!
Que rosto encantador e socegado!
Calmo, como o Oceano quando dorme;
Suave, como o lyrio que corôa
A grinalda que Amor envia á amada;
Mimoso, como o cysne no seu ninho;
Alegre, como a Aurora quando acorda,
Suas azas desprende e o mundo acláro.

. . . . . .

. . . . . .

Chorai, filha dos bosques,
Chorai, planta mimosa
Das Atlantidas plagas, dos desertos;
Chorai, que todos n'esta terra choram,
Desde o verme rasteiro, desde a planta
Que em lagrimas deslisa-se mil vezes
Durante o bello dia.

Tudo o que existe, tudo o que é natura,
Que ha de ao nada tornar d'onde sahira.
Tudo soffre, e portanto tudo chora:
O pranto é o consolo de infelizes,
Deixa no coração allivio extremo.
Derramai vossas lagrimas tão bellas,
Tão alvas como pedras preciosas
Do Brasilico seio. . . .

. . . . . .

. . . . . .

Já ao longe o clarão da madrugada
Sobre o cume das serras se amostrava;
Do multicôr saïco a voz se ouvia,
Que o riso da manhãa saudava em hymnos;
E sob as folhas das bellas larangeiras,
O terno sabiá melodioso,
Qual dos Anjos celeste melodia,
Canto divo entoava.
As plantas de prazer lagrimas vertem:
Levanta-se do leito a natureza;
No céo brilha a manhãa, na terra a vida,
Nas campinas as flôres e nos bosques.

P'ra ajuntar-se co' os passados dias,
Um novo, um outro dia tens ainda,
Humana creatura — goza d'elle
Emquanto t'o permittem — quem, quem sabe
Si o dia d'amanhãa verão teus olhos?

Quem sabe si amanhãa despercebido
Vento da morte volte-te no tumulo?

. . . . . .

. . . . . .

Ella chorou, depois. . . . . .

. . . . . .

Qual timida pombinha sobre uma arvore
Do afoito caçador flecha recebe,
E no ar oscillando,
Toca á terra mesquinha,
E um ultimo suspiro desampara
Em dorosos arrancos;
Ou como os lyrios bellos, que desaba
O tufão iracundo. . . .

. . . . . .

De joelhos, mortal! — Sobre esta terra,
Onde o sol te aqueceu, quando a existencia
Os umbraes espinhosos da carreira
Abrio para ti, dando-te um numero,
A teus olhos rasgando o panorama
Variado do mundo!
De joelhos, mortal! — pisam teus passos
Um sacrosanto templo,
Onde jazem teus pais, onde dormindo
De eterno somno está quem já vivêra!
Sob os teus pais ainda avós encontras,
Como as ondas do mar, que se abalroam...

FIM.

INDICE.

A quem ler v

José Bonifacio de Andrada e Silva.

Ode I. O Poeta desterrado 1
» II. Os Gregos. 7
» III. Os Bahianos. 11
» IV. A Virtude. 17
» V. A Amizade. 22
» VI. A Natureza. 25

Francisco Vilella Barbosa, Marquez de Paranaguá.

Cantata á Primavera. 29
Ode a uma velha enamorada. 44
Cançoneta I. O Beijo. 46
» II. O Retrato. 47
Allegoria. O Rio e o Regato. 54
Cantata á tarde. 56
A Rosa. 61

Januario da Cunha Barbosa.

Extractos do poema Nictheroy 64

Domingos José Gonçalves de Magalhães.

Suspiro I. Deos e o Homem. 68
» II. A Infancia. 75
» III. A Mocidade 78
» IV. A Velhice. 80
» V. O Senhor 84
» VI. O Canto do Cysne. 86
» VII. Napoleão. 91

Suspiro VIII. Afflicção. 96
» IX. A Illusão 98
Descripção do Amazonas. 99

Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca.

Lyra I. 102
» II. 103
» III 104
» IV. 106
Cançoneta I 109
» II. 112
» III. 114
» IV. 116

José da Natividade Saldanha.

Ode I. A André Vidal de Negreiros . . . 117
» II. A Antonio Filippe Camarão. . . 123
» III. A Henrique Dias 130
» IV. A Francisco Rebello 135

José Eloy Ottoni.

Lyra I. Desengano. 142
» II. A Princeza da Beira 145
» III. Tristeza 149
» IV. A Pastora. 150
» V. Os Expostos 153
Soneto I 156
» II. 157

João Gualberto Ferreira Santos Reis.

A Saudade Paterna. 158
Ode. 164

Francisco Bernardino Ribeiro.

Ode I. O Algoz. 168

Ode II. As Letras 170
Epistola. 173

Luiz Paulino Pinto da França.

O Naufragio. 176
Soneto I 178
» II. 179

Manuel Alves Branco.

Ode I. A Liberdade. 180
» II. A Primavera 188

Firmino Rodrigues Silva.

Nenia a F. B. Ribeiro. 193
Conselho 199
Ode I. As Lagrimas. 202
» II. A Saudade. 204
» III. Ao Sr. José Maria do Amaral . . 206
A Coroação . . . . . , ... 209

Manuel Odorico Mendes.

Hymno á tarde. 214
O meu retiro. 218
Ode I. A um preso. 223
» II. Á Morte. 224
Soneto. 226

Paulo José de Mello.

Epistola. O Cirio 227

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza.

Cantico XII. A Natureza. 237
» II. O Dia dos Finados. 245
» III. A Saudade. 253

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

Ballata I. O Marinheiro 260
» II. O Suicida 261
» III. O Mendigo. 265
» IV. O Prisioneiro. 267
» V. D. Maria Ursula 270

Manuel de Araujo Porto Alegre.

Canto do Rouxinol. 277
Uma Brasilianna. 278
O Nascimento do Sr. Principe D. Affonso . 283

Antonio Augusto de Queiroga.

Ode. O Carrasco 289
Cantata. O Retrato. 291
Lyra. 293

Joaquim José Teixeira.

Nenia á morte de seu pai 296
Allegoria 299
Ode á Lisonja 300
Idyllio I 303
» II 306

Antonio Gonçalves Dias.

O Canto do Piaga. 309
A minha Musa 313

Anonymo.

Fragmentos de um Poema 318

Rio de Janeiro. 1848. Typ. Univ. de LAEMMERT, rua do Lavradio, 53.

Silva.

. . 26
. . 261
. . 265
. . 267
. . 270

r.

. 277
. 278
. 284

. 289
291
293

296
299
300
301
06

09
11

18

r.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

NOV 30 1962

CANCELLED

FEB 14 1987

2478361